

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

A JUSTIÇA DE DEUS NO DESTINO HUMANO

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

A JUSTIÇA DE DEUS NO DESTINO HUMANO

Dr. Penna Ribas

2ª Edição

SEPE

Copyright © Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas.
Rua Visconde de Itaboraí, 265 — CEP 24.030-091 —
Centro — Niterói-RJ — Telefones: (021) — 2620-8574,
2621-5200 e 2714-0682
Capa: Eduardo Garretano Moraes do Vale.
Diagramação e Revisão: SEPE.

CIP - BRASIL - CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
DO DEPARTAMENTO NACIONAL DO LIVRO

- R482j Ribas, Randolpho Penna, 1907—1994.
A Justiça de Deus no Destino Humano/Penna
Ribas; 1ª ed. — Niterói, RJ : Sociedade de Estudos e
Pesquisas Espíritas, 1999.
186p.; 21 cm.

ISBN 85-86004-04-9

1. Espiritismo. 2. Deus - Justiça. I. Sociedade de
Estudos e Pesquisas Espíritas. II. Título.

CDD - 133.9
-

Todos os direitos reservados com exclusividade pela SEPE.
A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer
meio, seja ele total ou parcial, constitui violação de lei.

Caminho da Evolução

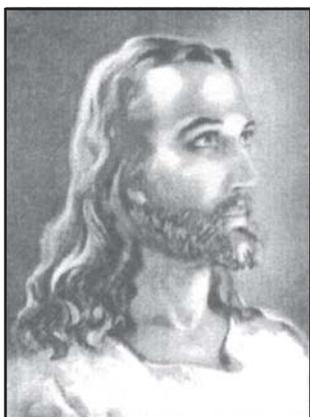
Rogo, em nome de Deus, ao meu Mentor, dono de meu destino na presente encarnação, o amparo para que eu possa ler, compreender, sentir e praticar todas as verdades contidas neste opúsculo, a fim de que, protegido e estimulado pelas verdades nele contidas, eu possa fortalecer as minhas convicções doutrinárias e retificar os meus erros, de acordo com meu desejo, para merecer cada vez mais o socorro dos meus Amigos do Mundo Espiritual e, dessa forma, obter o equilíbrio de minha mediunidade, saúde para meu corpo e paz para meu Espírito.

Rogo, outrossim, em favor dos Mentores dos Espíritos que se encontram neste ambiente a fim de que, também eles sejam amparados pela misericórdia do Pai.

Mas em tudo seja feita a vontade de Deus, conforme ensinou Jesus de Nazaré, o Supremo Mestre da humanidade!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

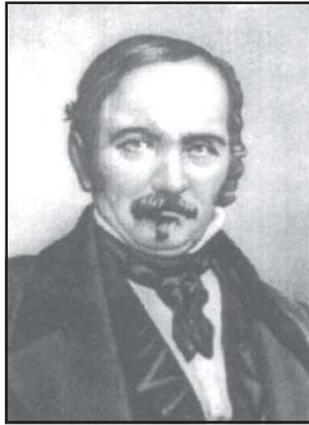
Mestre dos Mestres
Jesus de Nazaré



“Amar a Deus sobre todas as coisas
e ao próximo como a si mesmo.”

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Mestre Allan Kardec



A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

“Um outro caráter da revelação espírita e que ressalta as condições mesmas nas quais ela se produz, é que, apoiando-se sobre os fatos, ela é e não pode deixar de ser senão essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Por sua essência, ela contrai aliança com a ciência, a qual, sendo a exposição das leis da Natureza numa certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus, o autor das leis. As descobertas da ciência glorificam Deus, em lugar de O rebaixar; elas não destroem senão o que os homens edificaram sobre idéias falsas que eles fizeram de Deus.

O Espiritismo não estabelece, portanto, como princípio absoluto, senão aquilo que está demonstrado com evidência ou que ressalta logicamente da observação. Ligado a todos os ramos da economia social, aos quais empresta apoio de suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que elas sejam, elevadas ao estado de verdades práticas e saídas do domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria; deixando de ser o que é, desmentiria sua origem e sua finalidade providencial. O Espiritismo, marchando com o progresso, jamais será ultrapassado porque, se novas descobertas demonstrassem estar em erro sobre um certo ponto, ele se modificaria sobre esse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará.”

A Gênese — Edição Especial — Editora Lumen págs. 36 e 37.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Mestre Léon Denis



“Não vos viemos dizer que devemos ficar confinados no círculo, por mais vasto que seja, do Espiritismo kardequiano. Não; o próprio Mestre vos convida a avançar nas vias novas, a alargar a sua obra.

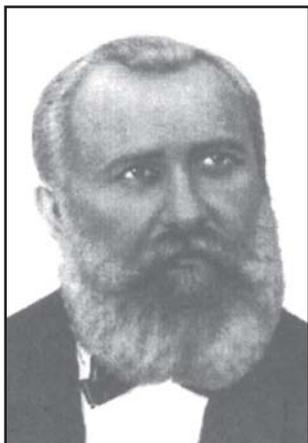
Estendemos as mãos a todos os inovadores, a todos os de boa vontade, a todos os que têm no coração o amor da Humanidade.”

Léon Denis — *No Invisível*
Federação Espírita Brasileira 7ª edição — pág. 4.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Mestre Bezerra de Menezes

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico



“O mundo tem todos os dias a prova material de que, na medida do desenvolvimento da perfectibilidade humana, descem das alturas novas e mais levantadas revelações.

O mundo, porém, não aprende, e, sempre cego, obedece fatalmente ao impulso que o leva a repelir tudo que é novo, tudo que vem substituir alguma peça do mecanismo construído por seu saber.

A revelação religiosa, do mesmo modo que a científica, tem vindo sempre progressiva, e na razão do desenvolvimento da perfectibilidade humana.”

Bezerra de Menezes — *Estudos Filosóficos*
Editora Edicel — 1ª parte — págs. 11 e 17.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Mestre Penna Ribas



A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

“O Cristianismo, o Espiritismo e o Neo-espiritismo são doutrinas que, em conjunto, representam três fases gradativamente aperfeiçoadas da incessante revelação divina, cuja finalidade é iluminar, com luz cada vez mais forte, a consciência moral dos Espíritos terráqueos, à medida que evoluem, quer estejam encarnados, quer estejam desencarnados, de molde a incrementar a fraternidade entre os dois planos de vida: o visível e o invisível!”

R. Penna Ribas — *Jesus de Nazaré* — como ele foi. Como ele é. pág. 341.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Prefácio

Dói-nos ver irmãos que nascem com problemas mentais, condenados à mediocridade para o resto de suas vidas; irmãos nascidos na miséria sem o mínimo a sobrevivência; irmãos prisioneiros de corpos imperfeitos, muitas vezes monstruosos, mutilados de toda sorte, contrastando com a perfeição mental, física e a abundância de outros.

Essa chocante diversidade de destinos causa, muitas vezes, revolta contra Deus. São enigmas que só a lei de causalidade moral, através da reencarnação, pode explicar.

Nós, discípulos do Mestre Penna Ribas, apesar de termos corpos perfeitos e de não termos nascido na miséria, um dia, fomos muito infelizes, pois éramos cegos para a vida espiritual. Mas graças a luz da filosofia Neo-espírita, que nosso Mestre sábia e amorosamente nos mostrou, pudemos prosseguir nossa caminhada, superando, com nova visão, as dificuldades da vida, encontrando paz e felicidade.

Temos certeza que o leitor amigo há de encontrar, nas páginas iluminadas deste livro, a explicação para muitas dúvidas a respeito do destino humano e o roteiro para um futuro melhor.

*Lourival José C. de Carvalho e
Maria de Fátima F. de Carvalho*

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Introdução

Em 1985, a Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas — SEPE, editou, em forma de livros, vários artigos e palestras que o Dr. Penna Ribas, ao longo de vários anos, escreveu e proferiu em vários jornais e rádios na labuta de levar a todos ensinamentos capazes de proporcionar, aos que sinceramente os praticarem, saúde e paz. Dentre eles Caminho da Iluminação — volumes I e II, tratando de vários temas acerca do Mundo Espiritual.

Assim sendo, a SEPE, sempre buscando facilitar a compreensão das obras do autor, com o único objetivo de promover maior divulgação desses ensinamentos, agrupou-os por assunto. Para este novo livro o assunto focalizado é a desigualdade do destino humano.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Sumário

Destino Humano I	23
Destino Humano II	31
O Destino Humano à luz da Filosofia Espírita	39
Em Torno da Desigualdade dos Destinos I	47
Em Torno da Desigualdade dos Destinos II	51
Em Torno da Desigualdade dos Destinos III	57
Enigma do Destino Humano	63
O Sofrimento é Necessário	67
Lei da Reencarnação	71
Reencarnação — Lei de Causalidade Moral	79
A Reencarnação não é uma Hipótese — é um Fato	87
Reencarnação e Consolação	93
Reencarnação — Justiça Divina	97
Considerações em torno da Reencarnação	103
Pitágoras, Platão e Sócrates Comprovaram a Reencarnação	109
Da Universalidade da Doutrina da Reencarnação	113
Provas da Reencarnação — o Caso de Laura Raynaud	119
Provas de Sobrevivência I	125
Provas de Sobrevivência II	133
E, Contudo, os “Mortos” Voltam... ..	139
Confraternização ou Desintegração?	145
Dia de Finados ou Dia dos Espíritos?	149
Dos Espíritos nas Epidemias	157
Da Responsabilidade Espiritual na Prática das Vocações	165
O Único Caminho	169
A Luta dos Espíritos e a Covardia dos Homens	173
A Causalidade Moral Traça o Destino	181

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

1

Destino Humano I

A rápida expansão do Espiritismo, nos grupos sociais de maior expressão cultural, é um índice seguro da maneira racional como esta discutida filosofia religiosa, veio solucionar os mais graves problemas relacionados com o destino da criatura humana.

Com efeito, nada há mais chocante do que a diversidade de nossos destinos. A cada momento, podemos observar, lado a lado, o milionário e o mendigo, o gênio e o cretino, a formosura e a fealdade, a saúde e a enfermidade insidiosa... E, se alongarmos, mentalmente, nossa visão, encontraremos, longe dos centros da civilização, milhões de criaturas que se aproximam mais dos seres irracionais do que do homem civilizado. O Dr. Meyer, por exemplo, que esteve em contacto, na Costa Oriental, com os Tarungares, selvagens africanos, antropófagos inveterados, nos mostra até onde vai o instinto primário desses negros, que chegam a exumar os cadáveres, para os devorar com volúpia! Num grau quase equivalente estão os Dokos, da Abissínia, que, segundo informações de um missionário, Krapf, se alimentam ainda de raízes, arrancadas à unha, e se sentem felicíssimos quando pilham um rato ou uma serpente para variar o cardápio. Tão atrasados são que não sabem fazer fogo, nem possuem sentimento de maternidade, pois é comum as mães abandonarem os próprios filhos, logo que possam ser desmamados!

Aliás, este desapego aos filhos não é apanágio dos africanos, pois, entre ameríndios, os padres Cobalcchine e Albiseti constataram que os bororos praticam o infanticídio com a maior naturalidade. Basta que a gestante tenha um pesadelo para que fique obrigada, perante à tribo, a eliminar o nascituro. Também, se o casal esperar um filho ou uma filha, e a criança não nascer com o sexo desejado será massacrada.

Como explicar, à luz da teodicéia, estes caprichos do Criador do Universo, que colocou aqui, na Terra, criaturas humanas tão diversamente dotadas de inteligência, de senso moral, de beleza física, de posição social?

Como explicar as mortes precoces, muitas vezes durante a vida intra-uterina, uma vida, portanto, sem finalidade, em contradição com os macróbios, que gozam exagerada longevidade?

Como explicar o nascimento de um monstro, ou mesmo de um cego de nascença, sem que haja um motivo justo, para tamanha provação?

É claro que, para qualquer espírita, a explicação biológica, pura e simples, não vale. Porque, se é verdade que os caracteres somáticos dependem de combinações, mais ou menos complicadas, dos genes, o espírita não pode aceitar, no entanto, que tal combinação seja um ato puramente mecânico, sem intervenção de um poder providencial que dirige tais combinações de acordo com um plano preconcebido, isto é, conforme as provações merecidas pelas criaturas que vão encarnar.

Deixemos, pois, propositadamente, à margem, as explicações formuladas pela Ciência, que, embora certíssimas sob certo aspecto, não abarcam a totalidade do fenômeno, de vez que só o investigam do ângulo materialista, menosprezando a face transcendental do problema. Se, com efeito, todos nós fôssemos, apenas, produtos ocasionais da combinação dos

genes, não haveria a mínima responsabilidade nos atos que praticássemos: nosso comportamento estaria, fatalmente, condicionado à maneira como se combinaram os genes de nossos progenitores. A vida não teria sentido, portanto; ou melhor — o sentido era o do prazer, fosse qual fosse seu preço; e o egoísmo seria a mais louvável de todas as virtudes. Ora, basta comparar a sabedoria do Criador, manifestada de mil formas diferentes, em todos os domínios da natureza, para que, instintivamente, nossa razão repila tal hipótese e proclame que a genética descobriu apenas uma face do problema e não sua totalidade, como admitem os materialistas.

Passemos, pois, à análise da diversidade dos destinos humanos sob o aspecto espírita. Duas hipóteses se nos antepararam imediatamente: a da univivência e a da plurivivência. Ou a alma é criada no momento em que o corpo vai ser organizado e, depois de viver certo tempo nesse corpo carnal, parte, definitivamente, para a vida eterna; ou a alma já existia antes da formação do corpo e, após, sua destruição, pela morte, continuará sujeita à união com outros corpos, até conquistar toda perfeição, que puder obter, nessas vidas corporais. Vamos à primeira hipótese, a da vida única. Figuremos um gênio e um cretino. O primeiro é alma privilegiada, nascida com grande perfeição moral e dotada de inteligência supranormal, para pressentir as leis naturais e descobri-las, em seguida, em benefício da humanidade: é o inventor, o benfeitor, o sábio, que parte da Terra consagrado por seus méritos excepcionais e cuja memória será reverenciada pela posteridade. Que fez, no entanto, este Espírito para ter sido criado com tais atributos? — Nada. Sem mérito algum, foi galardoado pelo Criador com qualidades excepcionais e teve destino glorioso na vida terrena. De toda forma, comparativamente ao cretino, sua criação foi injusta. Porque, ainda que admitamos que o cretino, a despeito da vida vegetativa, quase ins-

tintiva, que viveu na Terra, tenha, depois de morto, o mesmo destino que o gênio, alcançando ambos o céu, ainda assim, é evidente que o cretino levou a pior, privado como esteve, durante a vida terrena, dos mais apreciáveis dons do espírito, inclusive da satisfação de compreender um número infinito de pequenas coisas que constituem grande parte da felicidade dos que procuram a verdade, e que se sentem felizes pelo bem que fazem a seus semelhantes. Se, ao contrário, admitirmos que, no exemplo, embora o gênio tenha tido, na Terra, grande felicidade, maior ventura coube, no céu, ao cretino, como recompensa de seus sofrimentos neste mundo, torna-se evidente, que, neste caso, quem levou desvantagem foi o sábio; porque não há, não pode haver proporção entre a vida efêmera deste planeta e a eternidade da vida no céu! Seja como for, portanto, a hipótese da vida única, longe de exaltar a sabedoria do Criador, face à diversidade dos destinos das criaturas humanas, aponta-o ao senso comum, do mais comum dos homens, como um criador faccioso, sem critério, que castiga com encarnações penosas ou recompensa com encarnações gloriosas, criaturas que não possuem nem os deméritos que justifiquem a penalidade, nem os méritos que legitimem o prêmio!

Como se vê, o raciocínio é válido para todos os casos de diversidade de destino, se se admitir a hipótese da vida única. E agrava-se, ainda mais, a situação do Criador, se quisermos admitir que as criaturas terrenas são Espíritos decaídos que aqui estão para purgar suas faltas; porque, nesta hipótese, não se compreende o caso dos natimortos; pois quem morre ao nascer não pode, evidentemente, resgatar todo um passado de erros. Além disso, se a finalidade é somente essa de resgatar crimes para conquistar o céu, por que não se dá a todos as mesmas oportunidades de salvação? Por que uns se demoram longos anos neste mundo, ao passo que outros são logo ceifa-

dos do rol dos vivos? Se morressem cedo apenas os bons, que, aparentemente, pelo menos, já redimiram suas faltas, ainda vá; mas, se é certo que criaturas boníssimas houve que morreram criança, também houve indivíduos perversíssimos, criminosos natos, que morreram na maturidade. Como se vê, a hipótese da univivência não explica, racionalmente, a diversidade dos destinos. E se admitirmos a salvação pela graça, pioramos a situação: Deus se torna cada vez mais injusto. E como não se pode admitir que o Criador do Universo, que se nos revela tão sábio na formulação das leis que regem a natureza, possa ser, ao mesmo tempo, tão injusto em relação ao destino que confere às criaturas humanas, força é concluir que a hipótese que admite uma única vida terrena, seguida da eternidade da vida espiritual, é, de todo em todo errônea, pois afeta a própria bondade de Deus.

Sem embargo, se, ao contrário, admitirmos a pluralidade de vidas, isto é, a reencarnação, a pouco e pouco, todos os mistérios se nos desvendam e a justiça divina se nos manifesta, cheia de sabedoria e de amor para todas as criaturas.

Com efeito, voltando ao exemplo do gênio e do cretino veremos que a injustiça da desigualdade dos destinos é, apenas, aparente. O gênio é um Espírito mais velho, criado em eras remotas, que já evoluiu, a custa de experiências adquiridas em muitas vidas, desenroladas não só no cenário terreno, mas em outros planos, ora revestido de um corpo mais ou menos material, conforme o ambiente que habitou, ora dotado, apenas, do corpo espiritual, o perispírito, repositório fidelíssimo de todas as experiências que pôde acumular; sempre a progredir espiritualmente, embora regredindo muitas vezes na escala social, tudo de acordo com seus méritos — só de seus méritos — até que mereceu nascer na posição de gênio e de benfeitor da humanidade. Um Espírito, por conseguinte, que já está a sair da Terra, que talvez não encarne mais neste

mundo, mas que, de qualquer forma, continuará sua trajetória, em vidas cada vez mais felizes e gloriosas, pois a meta final é a perfeição, e, com a perfeição, a felicidade eterna.

O outro, o cretino, ao contrário, é um Espírito, mais novo, mais inexperiente, que chegou a este planeta em época posterior, e que, por sua ignorância, infringiu às leis divinas, abusou da inteligência, foi, quiçá, um falsário, que derramou outrora dinheiro falso, e prejudicou milhares de compatriotas, prejudicando a economia duma nação; ou foi panfletário terrível, que galvanizou as massas, lançando-as, depois, na hecatombe fratricida ou na guerra de pilhagem, só, para saciar sua sede de glória, sua vaidade mórbida, sua ambição de poder; ou foi — quem sabe? — um cientista desalmado e ganancioso, que, pela cobiça ou pela vaidade, não hesitou em sacrificar seus semelhantes e realizou criminosas experiências, que levaram seus clientes ao túmulo... De toda maneira, a cretinice é a resultante indefectível do abuso da inteligência para fins ilícitos. Pouco importa que, para que se dê a manifestação clínica, sejam necessários distúrbios glandulares e nervosos. De acordo com a justiça divina, o Espírito que deveria sofrer a privação da inteligência já foi trazido para um corpo que, hereditariamente, daria um cretino. A Ciência tem razão; e o Espiritismo também. São dois aspectos duma mesma questão. O fato, porém, é que, terminado o período de prova, livre do corpo carnal, não precisando mais do cérebro para manifestar seu pensamento, o espírito do cretino terreno, renasce na vida espiritual, provido novamente da inteligência correspondente ao seu grau de evolução, mas sabendo já que a inteligência, como todas as faculdades da alma, são bens preciosos, que Deus nos concede, para serem utilizadas em benefício da evolução dos nossos espíritos — primeiro e mais fundamental de todos os deveres que nos cabe, aqui, neste mundo, e em todos os planos de vida onde nos encontremos.

Depois do que foi exposto, penso que o caso dos selvagens também se tornou claro. Os silvícolas são Espíritos que, vindos de planos mais atrasados do que os da Terra, onde já terminaram o curso de suas experiências e conseqüentes aquisições, chegaram, recentemente, à escola terráquea, onde principiam novo ciclo de experiências. Por mais atrasados e inferiores que sejam, chegarão como nós já chegamos, ao estado de requintada civilização. Tudo dependendo de tempo e de esforço. Se chegarem a compreender o valor do próprio esforço na aquisição dos valores espirituais, e se lutarem neste sentido, o período de evolução será abreviado, menor número de encarnações tornar-se-lhes-á necessário para atingirem o nosso atual estágio evolutivo. Caso contrário, uma lei de causalidade moral os levará, mais cedo ou mais tarde, ao caminho da perfeição. Seja como for, em cada vida, receberão de acordo com seus méritos, adquiridos em vidas anteriores. Não irão, jamais, para o inferno; nem poderão encontrar o céu. Mas, depois de cada encarnação e durante as sucessivas encarnações, estarão felizes ou desgraçados, consoante hajam feito o bem ou o mal. Numa palavra: para eles e para nós a lei é a mesma — a cada um segundo suas obras!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

2

Destino Humano II

Se fosse possível viajarmos numa astronave impulsionada por energia fotônica, voando à razão de trezentos mil quilômetros por segundo, a maior velocidade concebível segundo os cálculos de Einstein, para darmos um giro de um milhão de anos através do espaço, embora o imenso percurso vencido nada representasse diante da grandeza do Universo, a visão panorâmica dessa ousada excursão interestelar seria a mais tétrica representação da insignificância e da insegurança da vida humana.

Com efeito, em pleno vôo espacial, muito além da estratosfera, o Universo se nos depararia como colossal mundo de trevas, regelado por terrível frio de centenas de graus abaixo de zero, apenas pontilhado, aqui e acolá, por distantes luzeiros — as estrelas, dentre as quais se inclui o Sol, fonte de luz, calor e vida para nosso planeta. Donde se infere que o Universo é, quase todo, incomensurável vácuo, frigidíssimo e nígerrimo, constituindo os corpos astronômicos pequeníssima fração material dentro do Espaço infinito...

E, para que se tenha uma idéia da pequenez de nosso mundo, basta que se saiba que, iguais a ele, poderíamos colocar, dentro do Sol, um milhão e trezentos mil planetas; e dentro de outras estrelas de nossa galáxia poderíamos arrumar, folgadoamente, vários milhões de sóis idênticos ao que nos alumia!

Vale dizer que, comparativamente às assombrosas dimensões dos demais corpos celestes, nossa Terra é humilde poeira de átomo perdida na imensidão do espaço... E o pior é que, como a temperatura das estrelas orça por milhares de graus de calor, a vida, tal qual a conhecemos, só poderá subsistir dentro de estreitíssima faixa universal — a zona temperada, que circunda cada uma dessas estrelas, a uma distância matematicamente determinada! Além disso, para que haja em torno duma estrela essa cinta habitável, necessário se faz que um acidente semelhante ao que deve ter ocorrido com o nosso Sol venha ocasionar a ruptura do equilíbrio de sua massa, com desprendimento de partículas, que passariam a constituir o novo sistema planetário.

Ora, de acordo com a estimativa de James Jeans, autoridade mundialmente acatada, somente uma, entre cem mil estrelas, dispõe de planeta a evolucionar em derredor dela numa distância compatível com a vida. E tão pequena é essa área, proporcionalmente à vastidão do espaço, que somadas, todas as zonas adequadas à vida constituiriam tão-somente a milésima-milionésima-milionésima parte do Universo!

Como se vê, a impressão que se colheria dessa fantástica excursão aos longínquos planos siderais seria profundamente desoladora; porque tudo nos levaria à convicção de que o Universo não fora planejado para um padrão de vida idêntico ao da Terra. Ao contrário, analisada à luz dos dados astronômicos, a vida se nos depara como mero epifenômeno, oriundo de fortuita aproximação de duas estrelas, a ponto de provocar tremenda atração com a conseqüente fragmentação do Sol, origem da formação de nosso planeta. Não fora a estrela transviada, ainda hoje, todo o nosso sistema planetário estaria incorporado ao Sol, não havendo traço de vida nessas paragens cósmicas que habitamos. Nem por isso, porém, os astros deixariam de cumprir seus destinos...

Como é óbvio, embora portentosa, a visão do Universo que a Ciência nos mostra não é nada consoladora. Para a própria raça humana é angustiante, de vez que seu futuro está ligado ao Sol, astro que se extingue dia-a-dia, na morte lenta das explosões atômicas, aquecendo a Terra e mantendo a vida com a energia de sua própria desintegração...

Assim sendo, a menos que haja um milagre imprevisível, dia virá em que a Terra e todos os planetas do nosso sistema estarão congelados e envoltos em trevas eternas, rolando, sem vida, como mundos-fantasmas, através do espaço sem fim...

E se alentadora não é a perspectiva que a Ciência nos aponta acerca do futuro da humanidade, edificante também não é a impressão que nos dá diariamente o espetáculo da vida, contemplado de nosso plano existencial.

Na verdade, é profundamente chocante a desigualdade dos destinos humanos. Filhos de um mesmo Criador, vemos, a cada passo, criaturas tão diversamente dotadas, que, instintivamente, nos rebelamos contra a arbitrariedade desse Criador que, revelando-se tão sábio na organização material do Universo, se nos apresenta tão injusto na distribuição da felicidade terrena. Uma mentalidade bem formada não pode admitir que Deus possa criar um Espírito predestinado a viver na mais profunda ignorância e na mais ignominiosa indigência, como aqueles negros africanos de que nos fala Meyer, selvagens antropófagos e inveterados comedores de cadáver; e, na mesma época, criar um Espírito como o de Pasteur, predestinado a viver em Paris, cidade-luz, cérebro da civilização, cercado do necessário conforto para dedicar toda uma existência gloriosa ao progresso da Ciência e ao bem-estar da humanidade. Confrontados os dois destinos, um votado à mais sórdida abjeção, ao mais degradante aviltamento, à mais odienta forma de viver; o outro, Espírito de escol, inteligência brilhante, coração magnânimo, consagrado dia e noite à

Ciência e à humanidade, confrontados os dois destinos, a impressão que nos fica é de assombro e de pavor. Como é possível, clamará nossa consciência, que Deus, o supremo juiz, se nos revele assim tão brutalmente parcial, tão horrendamente injusto?

Além disso, a disparidade dos destinos não se verifica somente em relação ao valor mental, moral e social, como no exemplo mencionado. Além da diversidade de sexo, problema de transcendental importância, de vez que não se pode considerar indiferente nascer homem ou mulher, há a questão relativa ao tempo da encarnação terrena. Enquanto alguns indivíduos vivem mais de um século, outros morrem ao nascer e, até, antes de nascer! Se admitirmos, como a maioria, que só existe uma vida, é difícil compreender que Deus cria um Espírito predestinado a usufruir uma existência centenária e, por outro lado, cria outro Espírito predestinado não a viver, mas a morrer, porquanto morrerá ao nascer, se não morrer antes de nascer! Ora, considerando-se que a vida terrena é um bem, claro é que ao Espírito que viveu longamente se concedeu um galardão que ao outro se recusou. Se, no entanto, se admitir que a vida terrena é um mal, a situação estará invertida — castigado o que muito viveu e premiado o que nem chegou a viver. De toda forma, porém, a injustiça do Criador é flagrante. Por outro lado, é inegável que, embora nem só de pão viva o homem, a fortuna, ainda que por si só não nos dê felicidade, contribui, decisivamente, para tornar a existência mais confortável, e *ipso facto*, para suavizar as provações terrenas. No entanto, é fato de observação que dentre as criaturas que nasceram ricas, e que ricas permaneceram a vida toda, muitas existem que manifestam péssimas qualidades morais; enquanto que, contrastando com isso, há, no meio da pobreza, criaturas que, nascendo pobres, pobres permaneceram padecendo as maiores aperturas financeiras,

sofrendo todas as humilhações e que, não obstante, possuem raros dotes morais, demonstrando a evolução de seus Espíritos. Nessas condições, mais uma vez se patenteia a trágica iniquidade dos destinos humanos — o prêmio para o mau; o castigo para o bom!

Em conclusão: analisado o destino humano, quer em relação à sua posição cósmica, quer em relação à sua posição social, a situação do homem, como criatura divina, é de revoltante injustiça. Entretanto, examinado à luz da Filosofia Espírita, o destino do homem transmuta-se como que por encanto em gloriosa meta de aperfeiçoamento rumo à felicidade eterna! Desaparecem todas as injustiças aparentes, e transparece a justiça divina, inspirada no amor!

De fato, de acordo com o Espiritismo, o homem nada mais é do que um Espírito encarnado. Espírito que, tendo sido criado inocente e ignorante, deve conquistar, de experiência própria, a perfeição e a felicidade — felicidade e perfeição que só poderá adquirir através de múltiplas vidas, em múltiplos planos existenciais. A Terra e os demais planetas são mundos habitados. Antes de vir à Terra, o Espírito humano já habitou outros mundos, revestido de corpos completamente diferentes do corpo carnal. Corpos materiais e encarnações são instrumentos efêmeros, para vidas passageiras. O corpo verdadeiro é o espiritual, que acompanha o Espírito através de sua evolução e onde estão registrados todos os seus méritos e todos os seus deméritos. De acordo com tais méritos e deméritos será o plano que viverá depois de cada encarnação. Podendo o homem viver sem o corpo carnal, a duração de nosso sistema planetário não limitará o destino da humanidade; nem a temperatura das estrelas, nem o frio dos espaços interestelares poderão obstar a vida espiritual, que é a verdadeira vida, porque é eterna como eterno é o Universo!

E se o destino da humanidade não depende da duração do Sol, muito menos poderia depender o destino do homem de caprichoso alvedrio do Criador — fonte de todas as perfeições. Não! O destino de cada homem depende, somente, de seu próprio passado, do grau evolutivo que alcançou, das qualidades que obteve, das faltas que deve corrigir, dos erros que cometeu nas vidas anteriores. Nos exemplos escolhidos, o selvagem africano é um Espírito primário que, chegando dum mundo mais atrasado do que a Terra, está ensaiando os primeiros passos, para adaptar-se à civilização, em futuras encarnações; o sábio, ao contrário, é um Espírito evoluído, que, em virtude dos méritos conquistados em seu longo passado, nasceu na situação de benfeitor da humanidade. Por outro lado, o macróbio é vítima de morte precoce na anterior encarnação, devedor do planeta, onerado com vida mais longa, para resgate de antigas faltas. O natimorto, ao contrário, é Espírito em vôo para planos superiores, necessitando, apenas, de fluido de amor, para vencer certas barreiras vibratórias e ingressar num ambiente de grande felicidade. Da mesma forma, o rico de hoje é um Espírito com qualidades que lhe deram o direito duma prova mais suave; prova que é também oportunidade de tentação, plano inclinado para fragorosa queda espiritual! O pobre, ao contrário, tanto pode ser o rico egoísta de outrora, como poderá ser o Espírito previdente, que, voluntariamente, afastou de sua frente as tentações do dinheiro e do poder!

Em suma — consoante a Filosofia Espírita, cada criatura tem o destino que merece. Não há eleitos, nem privilegiados — todos são iguais perante Deus. Todos partiram de um mesmo ponto e chegarão a um mesmo fim. O tempo é que varia. Uns caminham mais depressa, outros, acorrentados às paixões ou dominados pela indolência, mais devagar. Mas acabam chegando, marcados pelas decepções e tangidos pela dor.

De modo que a diversidade de sortes é mais aparente do que real — significa, apenas, que os habitantes da Terra estão em diferentes graus de evolução espiritual, e necessitando, por consequência, de caminhos diferentes, para alcançarem o mesmo fim — a perfeição, e, com a perfeição, a eterna felicidade.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

3

○ Destino Humano à luz da Filosofia Espírita

O problema do destino humano é uma dessas questões transcendentais, que, desde os primórdios da civilização, vem desafiando a sagacidade dos pensadores. Tema central de inúmeras especulações filosóficas, ponto nevrálgico de acirrados debates metafísicos, o destino humano, à maneira de muitos outros problemas fundamentais à explicação dos desígnios do Criador, está equacionado racionalmente na Filosofia Espírita.

Com efeito, de acordo com os ensinamentos dos Espíritos missionários encarregados de disseminarem a Doutrina Espírita neste planeta, todos os Espíritos são criados exatamente idênticos — inocentes e ignorantes, mas dotados, potencialmente, das qualidades necessárias à aquisição da perfeição, que lhes assegurará, um dia, a eterna felicidade, próximo do Criador. Todavia, até alcançar tal perfeição, o Espírito humano está obrigado a multissecular evolução, que se processa, penosamente, em vidas sucessivas, através de mundos e planos incontáveis, ora revestido de corpo material, ora protegido, apenas, por um corpo fluídico, tudo consoante o ambiente onde deve viver. De toda a forma, porém, o corpo condensado assinala estágio de escassa evolução, necessidade de demora em mundos atrasados; ao passo que a iluminação do

corpo fluídico marca a libertação da roda das encarnações, com ascensão a planos de maior perfeição. De sorte que cada Espírito traz, no corpo espiritual que o reveste, o selo de sua evolução. E, para que à magnanimidade desse grandioso plano de criação não falte um princípio de justiça, todas as vidas sucessivas de um mesmo Espírito estão, indissolúvelmente, ligadas entre si, por sábia lei de causalidade moral; de modo que, não só as ações, mas, até, os desejos, acalentados intimamente, repercutem, fatalmente, no futuro de cada um!

Em face de tal conceituação, claro está que, embora as leis universais sejam o reflexo do pensamento de Deus, o destino de cada Espírito é, em grande parte, traçado por ele mesmo. Toda vez que, por suas obras ou por seus pensamentos, estiver de acordo com o plano divino, avançará para a perfeição e para a felicidade. Sempre, porém, que agir em sentido contrário às leis divinas, estacionará em dolorosas provações, até encontrar o caminho do progresso espiritual, que é o da obediência à vontade de Deus.

No que diz respeito ao mundo em que vivemos presentemente, ensina a Doutrina Espírita, que a Terra é escola de aperfeiçoamento, destinada a Espíritos faltosos perante às leis divinas, e, todos, carecendo ainda do aguilhão da dor, para serem propelidos na direção do progresso. Por isso mesmo, cá estão, ombro a ombro, criaturas nos mais díspares níveis de evolução. Uns, recém-chegados de planos inferiores ao nosso, principiam a adaptar-se aos imperativos da vida planetária, ensaiando, no seio de tribos primitivas, estigmatizadas por execrável canibalismo, os primeiros passos para as futuras encarnações entre nações civilizadas; outros, depois de terem percorrido longo curso de sucessivas encarnações terrenas, já dotados, consciente e inconscientemente, de todas as experiências e conhecimentos inerentes ao planeta, prepararam-se para desferirem, finalmente, um vôo de maior enver-

gadura, alcançando planos de vida mais aperfeiçoados; outros, finalmente, aqui chegaram por castigo, vindos de planos mais aperfeiçoados, onde, por sua rebeldia, se tornaram elementos prejudiciais, ao passo que, na Terra, tão mais elevado é o nível de evolução do plano em que habitavam, que os rebeldes, sobre encontrarem campo para progredir no caminho da dor, ainda servem de instrutores aos Espíritos mais atrasados, que, desde sua criação, ainda não ultrapassaram do grau de progresso espiritual peculiar ao nosso mundo. Maus elementos nos planos de grande perfeição, esses Espíritos recalcitrantes, pela apreciável evolução que possuem, comparativamente a dos habitantes da Terra, ao mesmo tempo que cumprem uma provação, retificando defeitos morais e resgatando dívidas perante às leis divinas, exercem missões, servindo de precursores ao progresso de nosso plano, quer na qualidade de cientistas, que, por suas descobertas, revelam a sabedoria de Deus no domínio das leis naturais, quer na posição de filósofos e de pensadores, que, através da intuição, forma larvária de mediunidade, revelam novas facetas da bondade de Deus no setor das leis morais, que governam os destinos das criaturas. Voltando, pois, ao círculo das encarnações terrenas, esses Espíritos “decaídos” ao mesmo passo que saldam seus débitos com a lei da evolução espiritual, estimulam o aperfeiçoamento moral e intelectual dos irmãos mais novos e mais atrasados, que estão palmilhando, em crescente ascensão, as veredas das provações terrenas. Neste sentido, são autênticos missionários, embora, à luz da Filosofia Espírita, nenhum Espírito — nem o próprio Jesus, encarne na Terra exclusivamente em missão, estando, sempre, a encarnação, por mais nobre que seja a finalidade, condicionada às conveniências da evolução individual. E não se imagine que, pelo fato de voltar a encarnar num plano mais atrasado, o Espírito involuiu, pois, na verdade, as virtudes conquistadas, salvo raras

exceções, são conservadas como marcos indelévels das etapas vencidas no decurso de numerosas existências. Aliás, o mesmo fenômeno ocorre em relação às encarnações efetuadas num mesmo plano. A queda da posição social, embora, aparentemente, seja um retrocesso na marcha evolutiva, na verdade, tanto pode ser mero estacionamento para retificação de defeitos morais, como, não raro, é oportunidade de maior progresso, com libertação de peias que amarram o Espírito aos prazeres e às ilusões do plano em que vivem... Via de regra, a despeito das alternativas de posição social e, até, de plano existencial, a evolução é progressiva, sendo excepcionais os casos em que, vítima da própria fraqueza e levado por fatos circunstanciais, o Espírito retrocede moralmente, para, mais tarde, soerguer-se novamente, ao preço de tremenda luta redentora.

De toda maneira, à luz da Filosofia Espírita, sendo a felicidade o prêmio da perfeição, e sendo a perfeição a resultante do esforço individual, é dever inalienável de todo Espírito zelar por sua própria evolução, de vez que, perante às leis divinas, é ele o arquiteto de seu próprio destino!

O de que muita gente não suspeita, porém, é que, dentre os planos de evolução pelo sofrimento, que circundam nosso planeta, a Terra se destaca como valioso campo de atividades redentoras, mercê das inúmeras oportunidades de lapidação que oferece ao Espírito imperfeito.

Efetivamente, ao contrário do que ocorre nos planos da vida espiritual, onde os Espíritos são automaticamente selecionados e agrupados consoante as afinidades que apresentam, valendo para tal operação o estado vibratório do perispírito, aqui, na Terra, os Espíritos encarnados estão em promiscuidade, de tal sorte que, ao lado de criaturas imorais, perversas e, até, criminosas, labutam Espíritos de notável evolução, distinguidos por suas excelsas qualidades morais aliadas a robus-

to talento. Nessas condições, os defeitos dos retardatários servem para por à prova as virtudes dos evoluídos; e as virtudes dos evoluídos servem de estímulo à correção dos retardatários. Colocados lado a lado, a virtude e o erro, o bem e o mal, quis Deus que o bom, sofrendo a convivência dos maus, apri-morasse ainda mais o seu Espírito tomado de horror contra a maldade; e que o mau, confortado pela fraternidade dos bons, aprendesse, no convívio com a virtude, a detestar a maldade. Em verdade, perante a espiritualidade, os habitantes da Terra são seixos de um mesmo regato, que, no contínuo atrito a que os obriga a correnteza da vida, mutuamente vão desbastando as arestas do caráter, até que, arredondados, rolam uns sobre os outros, com menos atritos, favorecidos pela tolerância, quando não impulsionados pelo amor fraterno...

Contudo, essa maravilhosa lapidação resultante do entrecchoque de tendências antagônicas entre criaturas em níveis evolutivos diferentes, nem sempre é bem-sucedida. Mormente porque, paralelamente à humanidade visível, outra humanidade, muito mais numerosa, evolui em nosso mundo, sem ser, sequer, suspeitada pela maioria dos homens, cujos órgãos sensoriais não lhe registram a presença; e, não obstante, desse mundo invisível, que nos cerca e que nos observa, provêm, muitas vezes, a desgraça e a instigação às rixas entre os homens. De fato, constituída de Espíritos fracassados nas provas terrenas, essa humanidade invisível guarda perigosos recalques contra a Terra, motivo por que, sempre que pode, tenta vingar-se aproveitando-se das criaturas faltosas, cujos sentimentos se afinam com os deles. É essa, aliás, a origem das guerras, dos crimes, dos vícios e das mais torpes modalidades de degradação moral. Na verdade ninguém vem destinado a ser assassino, ladrão, crápula ou prostituta. Apenas, consoante suas necessidades evolutivas e de acordo com sua determinação em seu próprio soerguimento moral, o Espírito encar-

nado, o homem, é posto à prova, em situações periclitantes, diante das quais, valendo-se do relativo arbítrio que o destino lhe concede, pode vencer, vencendo-se ou fracassar, degradando-se. Vencendo-se, conquista novos valores e dá gigantesco passo no caminho da evolução espiritual; degradando-se, endivida-se com as leis divinas e assume graves compromissos com Espíritos inferiores, que, aproveitando-se de sua fraqueza, o levam à degradação. E como são trágicas as conseqüências da subjugação das criaturas imperfeitas pelos Espíritos vingativos! Basta abrir um jornal — as páginas estão ensangüentadas por crimes hediondos! Pais-monstros, que, por ciúme, matam a esposa ou a concubina e, friamente, eliminam a prole inteira! Mães-megeras, que, por vingança ao marido ou ao amante, envenenam os filhos inocentes! Filhos degenerados, que, por cobiça, matam progenitores abnegados! Irmãos traidores, que, por disputa inglória, assassinam os próprios irmãos! Em suma — crimes pavorosos, perpetrados por Espíritos atrasados, que, embora disfarçados nas aparências da encarnação terrena, continuam a alimentar os mais sórdidos e torpes sentimentos, de modo que, permanecem afinados espiritualmente com Espíritos inferioríssimos, servindo, destarte, de instrumento para a disseminação da maldade no mundo em que vivemos!

Sem embargo, as horrendas conseqüências da constante interferência dos verdugos do Além, atraídos pela maldade dos homens vingativos, podem ser remediadas mediante a correção da humanidade terrena, corroborada pela oração em benefício dos maus Espíritos, que, mais por ignorância do que por maldade, esparramam o sofrimento no mundo!

Ainda agora, nesses tormentosos dias de interminável guerra fria, quando a ambição ou a vaidade de estadistas temperamentais, instigados por hordas de Espíritos vingativos, podem lançar o mundo na maior hecatombe de todos os tem-

pos, urge a união de todos os homens de boa vontade numa corrente de fé e de confiança em Deus, a fim de neutralizar a influência dos Espíritos vingativos; união que, mais do que nunca, é imprescindível entre nós, para que o Brasil, livre do comunismo ateu e da corrupção generalizada, possa tornar-se, de fato, “o coração do mundo e a pátria do Evangelho”!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

4

Em Torno da Desigualdade dos Destinos I

Em face da infinita perfeição atribuída ao Criador, a flagrante desigualdade dos destinos humanos, sobre ser paradoxal, é profundamente revoltante. Com efeito, se ao pai terreno se lhe desse o poder de gerar filhos, ao seu arbítrio, é fora de dúvida que nenhum indivíduo normal se permitiria a injustiça de produzir filhos deformados e filhos perfeitos, filhos talentosos e filhos cretinos, filhos brancos e filhos negros, filhos ricos e filhos miseráveis... Ainda mais: a despeito dos impositivos biológicos, teriam escrúpulos na escolha dos sexos, porquanto não ignorariam que não é indiferente ser homem ou mulher, tão diversas devem de ser as funções biológicas e sociais. E, de fato, embora haja homens que talvez preferissem ter nascido mulher, muitas mulheres existem que, de bom grado, trocariam o sexo, se isso fosse possível. De toda maneira, a diferenciação, quer no campo biológico, quer no campo social, só será justa se estiver ligada a causas antecedentes.

Entretanto, no plano da criação divina, além dos sexos biologicamente bem definidos, existem criaturas marcadas com indisfarçável intersexualidade, com hermafroditismo e, até, com detestável inversão do comportamento sexual. Atribuir tudo à fatalidade biológica e ao mecanismo exclusivo

das leis da Genética, é o mesmo que arredar Deus do caminho, para impor a hegemonia de brutal materialismo. Vale dizer: destruir as religiões!

Sem embargo, apesar da validade das leis naturais descobertas pela Ciência, existem filosofias religiosas capazes de conciliarem as conquistas da razão com os imperativos do sentimento. Destaco, sobre todas, a Filosofia Espírita, que, pelas leis da reencarnação e da causalidade moral que interliga as vidas sucessivas, explica a justiça divina; e, pela utilização dos métodos empregados nas investigações científicas, solidariza-se com as ciências afins. É, por consequência, uma filosofia que fala à razão e ao coração. Incentiva ao aprimoramento moral, sem descuidar do incremento cultural. Não foge ao diálogo, nem refuga as pesquisas: persegue a verdade.

E, no que tange à desigualdade dos destinos, não há outra alternativa — ou se admite a reencarnação, com a causalidade moral que a rege, ou não há justiça divina e Deus é um monstro do poder, destituído de senso moral! Tentar explicar a desigualdade de sortes com as estultas hipóteses paulinas da salvação pela graça ou da predestinação, é reduzir a zero o critério de Deus. Porque a salvação pela graça seria o mais abominável sistema de pistolão. Sem méritos, os agraciados conquistariam eterno galardão; e sem deméritos, os enfeitados, por maiores méritos que houvessem conquistado na vida terrena, estariam fatalmente condenados, *a priori*, às penas eternas!

E, por incrível que pareça, houve grande pregador sacro — o padre Vieira — que, em afamado sermão, louvou a Deus pela bondade de sonegar a verdade aos eleitos e aos condenados — aos eleitos, para que se não envaidessem e aos condenados para poupar-lhes a dor de saberem previamente que estavam desprovidos da divina graça e, por conseguinte, com destino certo ao inferno eterno! Posto que pareça pilhé-

ria, tudo indica que o orador sacro falou deveras. Onde se infere que, não obstante talentoso, o padre fazia triste conceito de Deus.

Por outro lado, a hipótese da predestinação não é menos odiosa. Por que dar a uma criatura um destino miserável, atormentado de privações e de sofrimentos, para, ao depois, assegurar-lhe um lugar melhor no céu é, na verdade, cometer uma injustiça infinita, porquanto não há paridade entre a provação transitória e o prêmio eterno. Neste caso, quem não preferiria nascer rastejando humilhantes provas terrenas para garantir um local melhor nas arquibancadas do céu? De toda forma, é fazer pouco caso da justiça de Deus; e é por causa de concepções deste quilate que o mundo moderno tende a recusar Deus e alguns teólogos já se apressaram em matá-Lo!

Mas a verdade é que esse Deus antropomórfico nunca existiu: é produto espúrio da ignorância humana. O Deus verdadeiro, o Deus cósmico, entrevisto desde tempos remotíssimos por Espíritos evoluídos, situados em diversas formas de “iniciação”, esse jamais perecerá e, à medida que a humanidade progredir espiritualmente, se lhe revelará cada vez com maior perfeição.

Todavia, no estado atual de nossa civilização, basta que se admita, em todos os sistemas religiosos, o postulado das sucessivas reencarnações, como instrumento para a gradativa evolução de todas as criaturas. Imediatamente o conceito da justiça de Deus transfigurar-se-á. A desigualdade de destinos marcará diferentes estádios evolutivos de criaturas que partiram do mesmo ponto — todas criadas exatamente iguais e cada uma colhendo, na presente encarnação, o fruto da semente que plantou nas vidas anteriores. Nem preferências, nem pistolões na justiça de Deus: só valem os méritos conquistados pelo esforço próprio. Ninguém se salva pelo sofrimento de ninguém. Cada um paga a dívida que contraiu com as leis divinas que regem a evolução espiritual. Mas ninguém

está abandonado por pior que seja, por mais criminoso que se torne. Porque o tempo e a dor se encarregarão de chamá-lo ao reto caminho da perfeição. E o termo final será, para todos, a felicidade — nunca o sofrimento interminável no Inferno fictício!

Ainda agora tenho diante dos olhos uma, dentre milhares de cartas que me são enviadas do Brasil inteiro. Veio de Brasília — é de um funcionário do Senado, que se confessa espírita. E só por isso não é um pai desesperado, diante da desgraça desencadeada sobre o seu lar, com uma filhinha de três aninhos, chumbada ao leito, paralítica e muda e, pior ainda, sem engolir, alimentando-se por meio de sonda!

Contudo, a tetraplegia não deveria ocorrer, não fora a atual encarnação penoso resgate e feliz oportunidade de redenção para o Espírito da criança. Na verdade, houve toda a precaução. O parto ocorrera em casa de saúde, com internação remunerada. O meu confrade atribui a desgraça à displicência ou à negligência. Mas, como ele sabe, espírita que é, a própria displicência ou a negligência, no caso, não foi jogo do acaso. Porque, como ele sabe, se, porventura, o Espírito ora encarnado não devesse atravessar a prova, o Guia responsável por sua encarnação, de comum acordo com os Mes- tres do carma, teria providenciado o retorno imediato aos planos do Além. Não seria permitido, em face da justiça de Deus, sempre inspirada no amor e visando, sempre, ao aperfeiçoamento da criatura, não seria permitido um cruel sofrimento que não estivesse planejado pelos Espíritos protetores responsáveis pela encarnação da menina. Caso contrário, seria injustificável desvio de provas, por culpa alheia, e, por conseguinte, um atentado à justiça de Deus — sempre sábia e inspirada no amor.

A menina, na verdade, é um Espírito evoluído, que está realizando um esforço hercúleo para libertar-se das amarras do ciclo das reencarnações. Só esta convicção poderá confortar os pais. E confortará, porque são espíritas!

5

Em Torno da Desigualdade dos Destinos II

Na palestra de segunda-feira, depois de ressaltar a dificuldade, que, à primeira vista, se nos depara, quando tentamos conciliar o poder e a sabedoria de Deus, demonstradas na criação e na manutenção do Universo, com a chocante desigualdade dos destinos humanos; e depois de rebater as doutrinas da “predestinação” e da “salvação pela graça”, ambas supinamente injustas, e, por conseqüência, contrárias ao senso moral, afirmei que somente na doutrina da reencarnação se poderia encontrar a solução do magno problema.

Hoje, insistindo no tema, vou focalizar, de outro ângulo, essa grave questão, para mostrar, mais uma vez, que é na palíngenesia que está, de fato, a chave do mistério.

Como é notório, o sofrimento terreno, incompatível com a bondade do Criador, tem sido justificado por certa facção de teólogos como decorrência de hipotético pecado original.

De acordo, pois, com esses especuladores dos mistérios cosmogônicos, todos nós herdamos o crime de Adão e Eva, razão por que nascemos castigados com dolorosas provações.

É possível que tão ingênua explicação satisfaça a certos corações. Duvido, porém, que se harmonize com os imperativos da razão. Com efeito, em primeiro lugar, o que se considerava como o crime do Éden faz parte do próprio mecanismo

da reprodução dos seres humanos. De modo que, se o ato em si fosse condenável, o responsável não seria Adão nem Eva — seria o próprio Criador! Além disso, se Deus discordasse da inocente aventura do paraíso, certamente não a perpetuaria, tornando-a lei natural, não só para a espécie humana, como para quase todo o reino animal. De resto, se o ato era criminoso, além do castigo aos réprobos, deveria o Supremo Legislador erradicá-lo do mundo e não mantê-lo, como fato imprescindível à reprodução das espécies.

Na verdade, se Deus, como dizem os teólogos, ordenou ao homem que crescesse e que se multiplicasse, e não lhe deu outro meio de reprodução, é porque, como se diz em linguagem bíblica, achou bom o recurso que lhe forneceu. Caso contrário o sexo seria uma aberração; e Deus, que o criou, teria cometido lamentável engano, criando órgãos sem função, ou melhor — órgãos com função pecaminosa — hipótese absurda, porque atenta contra a divina sabedoria.

Contudo, admitamos, para discutir, que Adão e Eva tenham pecado. Admitamos, mesmo, que tenham cometido um crime hediondo. Pergunto eu: por maior que tenha sido esse crime, seria admissível que, Deus, a infinita perfeição, nos castigasse por um delito que não praticamos? Haverá, acaso, no mundo, um juiz tão venal e tão rancoroso, que, não se contentando com a punição do culpado, condene todos os seus descendentes? Não, não há. E, se houvesse, seria internado num hospício, tão absurda teria sido a sentença. Ora, se um juiz, uma criatura falível, seria incapaz de praticar semelhante monstruosidade, como aceitar que o Criador, a perfeição das perfeições, pudesse decretar tamanha injustiça?

Suponhamos, porém, por um momento, que Deus nos marca com a dor pelo fato de descendermos de um casal de criminosos. Neste caso, sendo o mesmo o pecado original, é lógico que o mesmíssimo deveria ser o destino de todos os

descendentes de Adão — fato que não ocorreu absolutamente. Logo, para aceitarmos que a causa dos sofrimentos terrenos é o pecado do paraíso, forçados seríamos a admitir que Deus, para um mesmo erro, comina penas totalmente diferentes, já que diferentes são os destinos das criaturas humanas. Hipótese absurda, como se vê, porquanto fere a justiça divina, afrontando a perfeição do Criador!

De resto, há, nessa questão, outro ponto nevrálgico. Se, porventura, admitirmos como verdade provada a lenda adâmica, isto é, se aceitarmos que, de fato, a humanidade telúrica descende de Adão, inegável se torna que, tal descendência se processou pelas leis normais da genética, e, neste caso, só o corpo carnal, e não o Espírito, poderia herdar, à guisa de castigo, uma tara orgânica. Ora, o corpo é matéria, inconsciente, e, por consequência, irresponsável. Castigá-lo seria, pois, uma incongruência. Não se compreende, portanto, como pode a humanidade herdar, por meio da hereditariedade, as consequências do crime de desobediência a Deus praticado pelo casal criado. Que herde uma mazela, como a sífilis ou que receba, no corpo somático, um traço dum ancestral, como a cor dos olhos, por exemplo, ainda vá; mas que herde um pecado, uma falta moral, essa não, já é zombar do senso alheio!...

De mais a mais os teólogos, que inventaram o pecado original, afirmam que Deus cria os Espíritos na ocasião em que devem nascer. Ora, como nascem crianças a cada momento, evidente se torna que Deus cria incessantemente. Assim sendo, mesmo que houvesse pecado hereditário é claro que os Espíritos criados posteriormente ao crime do paraíso não podem responder por um erro ocorrido antes que eles existissem!

Por outro lado, se se pudesse admitir que o pecado original atingiu a humanidade não por via corporal, mas por trans-

missão de Espírito a Espírito, chegaríamos à conclusão de que nossos Espíritos nada mais são do que partículas do Espírito de Adão, ou de Eva, e, por conseguinte, nós não seríamos, realmente, uma “criação” de Deus, e sim uma emanção da alma de um dos dois primitivos habitantes do Éden. Criação de Deus seriam, apenas, os Espíritos do casal edênico. Nós, não: — não passaríamos de um subproduto da cissiparidade anímica dos dois Espíritos primitivos, o de Adão e o de Eva. Só assim, seria possível herdarmos, em nosso Espírito, a mácula moral dos criminosos do paraíso. Mas, como essa espécie de partenogênese espiritual é impossível, e, além disso, atenta contra a divina eqüidade, força é inferir-se que a herança do pecado original é, de todo em todo, inadmissível.

Afastada, pois, a explicação teológica, resta-nos, no entanto, o recurso da Filosofia Espírita, que esclarece, racionalmente, o mistério da diversidade dos destinos.

De fato, de acordo com a cosmogonia espírita, todos os Espíritos são criados exatamente iguais — inocentes e ignorantes. Dotados de relativo arbítrio, todos têm a eternidade para evoluírem e conquistarem a perfeição — única trilha que os leva, finalmente, à eterna felicidade. Inocente e ignorante, é claro que o Espírito, em seu secular ciclo evolutivo, vivendo muitas vidas e habitando, sucessivamente, muitos mundos, irá acumulando méritos e deméritos, ora praticando virtudes ora cometendo erros, de toda forma adquirindo experiência e enriquecendo-se com valores eternos — o saber e as virtudes.

De acordo com tal concepção, pois, estão presentemente encarnados, na Terra, Espíritos nos mais diversos graus de evolução. Uns, vindos de mundos piores do que o nosso, aqui principiam a encarnar, como prêmio pelo aproveitamento que tiveram. Encarnam, entretanto, como silvícolas antropófagos. Outros, prestes a libertarem-se deste planeta, são sábios e

filantropos. Todos, porém, desde o primitivo, perdido nos confins das selvas até o gênio e o benfeitor da humanidade, têm erros a resgatar e méritos a conquistar, e, só por isso, estão encarnados na Terra.

Ora, se os Espíritos aqui encarnados são diferentes, distinguindo-se entre si pela inteligência, pelo caráter e por numerosos fatores psicológicos — tudo se deve ao esforço que cada qual empreendeu, no passado, para a aquisição dos valores espirituais; e se, ao encarnar, muito diversas são as faltas cometidas noutras vidas e as necessidades de reparação imediata, claro que os destinos humanos, sobre serem sobrecarregados de sofrimentos, deverão ser, outrossim, muito desiguais — tão desiguais quanto desiguais são os méritos e os deméritos de cada um, na oportunidade de voltarem a este mundo, para a completação do ciclo evolutivo, em busca da eterna felicidade.

Seja como for, porém, ninguém sofre por culpa de outrem. Cada qual responde por si mesmo. Todo homem é, atualmente, o produto de si mesmo, porque seu destino é a resultante de todas as energias que movimentou, ora para o bem ora para o mal. Movimentadas para o mal, mais cedo ou mais tarde, causar-lhe-ão sofrimento e remorso; movimentadas para o bem, custe o que custar, um dia, dar-lhe-ão grande felicidade. Se praticar constantemente o bem, rápido será o progresso, escapando às encarnações dolorosas; mas se, dominado por paixões, se demorar no crime, agravará suas provas, encarnando nas piores posições sociais. Mas, de qualquer modo, não estará perdido, podendo recuperar-se quando o quiser, de vez que terá, diante de si, a eternidade, e, como oportunidade de regeneração, incontáveis encarnações em mundos incontáveis, dentro de um Universo infinito regido pela infinita bondade de Deus!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

6

Em Torno da Desigualdade dos Destinos III

Contrastando com as conquistas da Ciência, os prodígios da tecnologia e o esplendor de nossa civilização, o eterno problema do sofrimento humano, agravado, espiritualmente, pela incógnita da desigualdade dos destinos, permanece insolúvel a desafiar a cultura e a capacidade de realização do homem. E, ainda que, mediante a mobilização de todos os recursos científicos e técnicos e a mútua ajuda de todos os homens, miraculosamente arregimentados por sincera confraternização mundial, pudessem ser prontamente eliminados do planeta os sofrimentos materiais, restariam, ainda, no coração e na consciência, os sofrimentos morais, mais cruciantes, muitas vezes, do que as privações materiais e as dores físicas!

Afastadas as hipóteses materialistas, que não satisfazem nem à razão nem ao sentimento, existem, para justificar o sofrimento humano, diversas explicações, formuladas, umas, por pensadores e filósofos, e outras, por diferentes crenças e religiões.

Contudo, para ser válida, à luz da razão, terá de a explicação, conciliar os excelsos atributos divinos do Criador com a chocante injustiça da desigualdade dos destinos de suas criaturas. De fato, em hipótese nenhuma, Deus poderá ser tão

arbitrário que, sem atentar nos méritos e nos deméritos de cada criatura, conceda destinos tão antagônicos aos habitantes da Terra! Se, sem causa justa, Deus criasse criaturas formosas ao lado de criaturas congenitamente aleijadas; se destinasse, arbitrariamente, certos homens à glória e outros à degradação social; se concedesse, sem motivo, a uns a felicidade de nascerem milionários, cercados de todo conforto material, e a outros condenasse à miséria e à fome, desde o nascimento; se Deus, todo-poderoso, como é, podendo criar o homem fisicamente perfeito e moralmente feliz, preferisse utilizar o seu incalculável poder, para criar seres humanos deformados, miseráveis e massacrados por terríveis sofrimentos, certamente, não nos inspiraria nem confiança, nem amor — só nos poderia causar temor, senão terror, pânico!

Entretanto, onipotente e onisciente, como nô-lo mostra sua portentosa criação — o Universo, Deus jamais se tornaria tão mesquinho e tão cruel, que, ao arrepio de toda justiça, destinasse os homens às mais díspares situações terrenas. Por mais prevaricador que fosse, qualquer juiz terreno, haveria de titubear, se se visse na contingência de premiar indivíduos sem méritos ou de condenar réus sem delitos. Ora, admitir que Deus, o criador do Universo, é mais injusto do que um simples magistrado terreno, é, sem dúvida, a maneira mais torpe de vilipendiar a justiça divina!

Na verdade, se Deus fosse injusto, a vida não teria nenhum sentido moral: vícios e virtudes seriam equivalentes, no julgamento após a desencarnação. Julgando arbitrariamente, sem critério de justiça, tudo dependendo de caprichos momentâneos, Deus tanto poderia mandar o virtuoso para o inferno, como o réprobo para o céu! Ora, como tamanha degradação da justiça divina é absolutamente incompatível com a onisciência do Criador, é necessário encontrar uma explicação racional e justa, não só para o sofrimento huma-

no, como para a desigualdade dos destinos. Isso porque, a explicação da origem do sofrimento pela desobediência de Adão, é facécia de teólogo matreiro, que não pode medrar nas mentes emancipadas, infensas a dogmas abstrusos e a preconceitos hipócritas. Os que se prezam de saber raciocinar, não aceitam, de modo nenhum, a treta do pecado original, porque atenta contra os mais comezinhos princípios de justiça, e, com isso, degrada a Deus.

Aliás, se o pecado de Adão houvesse redundado em sofrimentos hereditários, como afirmam solertes hermeneutas, deveria haver idêntica padronização para todos os destinos humanos, pela simples razão de que, sendo a causa do sofrimento a mesma, os mesmíssimos deveriam ser os efeitos provocados.

Não; a única maneira pela qual se pode admitir, simbolicamente, o pecado original é através do ciclo das reencarnações. Mas, nesta hipótese, ninguém responde por falta alheia — cada qual paga, no destino da futura encarnação, a dívida contraída com a justiça divina, em anterior existência. Para isso, as sucessivas reencarnações de cada Espírito estão responsabilmente ligadas, entre si, por sábia lei de causalidade moral, que, mais cedo ou mais tarde, cobra do devedor o resarcimento da dívida. Dessa maneira, ainda que demorem séculos, nenhuma infração às leis divinas deixará de ser punida, no roteiro das vidas sucessivas. Mas, de toda forma, no mecanismo da reencarnação, ninguém paga por outrem; e as provações são, sempre, corretivas, para felicidade do próprio faltoso, que, dessa forma, consegue reabilitar-se perante à justiça de Deus, inspirada no amor. Numa palavra — homem sofre para aperfeiçoar-se moralmente, e aperfeiçoa-se para conquistar a felicidade eterna. Só assim se justifica o sofrimento de criaturas de um Deus infinitamente bom! A teoria da reencarnação, demonstrada desde o século passado, com fatos

ostensivos, registrados na literatura espírita, está, atualmente, colocada fora de dúvida, mercê das investigações realizadas, dentre outros, pelo cientista indiano Dr. Banerjee e pelo afamado psiquiatra e parapsicólogo norte-americano Ian Stevenson.

Essa verdade, tão antiga, embora não esteja ainda definitivamente firmada no mundo ocidental, muito breve, tornar-se-á irremovível, tamanha é a evidência dos fatos; enquanto que as crenças que a negam, por motivos inconfessáveis, tendem, dia a dia, à espontânea deteriorização. Na Índia, inspiradora da cultura mundial, a lei da reencarnação é conhecida, há mais de 7.000 anos; e, há cerca de 2.000 anos, o seu ensino fora incorporado ao *Bhagavad Gita*, que, na expressão de um apologista, “é o coração dos Vedas”.

Pois bem, lá está claramente dito por Mestre Krisna; “Eu tenho muitos nascimentos; e tu, também, Arjuna.” Mais positivo ainda: “Assim como o homem lança fora uma roupa gasta e veste nova, assim também o Espírito encarnado lança fora corpos gastos e veste corpos novos”.

No Budismo, também, a lei da reencarnação constitui um dos princípios básicos, embora o ideal visado seja a libertação do ciclo das reencarnações, mediante a conquista do Nirvana.

No próprio Masdeísmo, o postulado da plurivivência encontrou guarida, embora com o erro de admitir que, nas futuras encarnações, o Espírito torna a reincidir nos mesmos erros cometidos na vida anterior — fato que, se verdadeiro, anularia totalmente o valor da palingenesia, de vez que obstaría a evolução dos Espíritos, razão precípua das sucessivas reencarnações!

Por outro lado, Heródoto já afirmava que, no antigo Egito, a pluralidade de vidas era admitida por muitos. Com uma diferença: é que o ciclo das reencarnações não estava adstrito

à humanidade, descambava para a animalidade. Com efeito, em se tratando de criaturas gravemente faltosas, durante 3.000 anos ficavam sujeitas à reencarnação em diferentes animais. Era o ciclo da metempsicose. Mas, terminado que fosse esse longo período de purgação, o Espírito punido voltaria a novo corpo humano.

Embora os fatos não ocorram exatamente dessa maneira, há um fundo de verdade na teoria da metempsicose: é que, como afirma o Neo-espiritismo, milhares de Espíritos sem espiritualização, materialistas ou não, ao desencarnarem, estão com o perispírito tão desprovidos de “fluidos”, que, para permanecerem, aqui mesmo, no plano terreno, o tempo suficiente à retificação de suas errôneas convicções e, ao mesmo passo, para se manterem com equilíbrio psíquico, carecem do adjutório dos fluidos vitais animais ou vegetais. Por isso, quer nos animais, quer nos vegetais, há sempre Espíritos faltosos a eles imantados — e não encarnados — por hipnose compulsória, realizada por Espíritos que trabalham na crosta terrena, em missão de socorro a Espíritos que carecem de um período de purgação no próprio ambiente terreno.

De resto, a reencarnação não era de todo desconhecida entre os gregos e romanos. Pelo menos é o que se infere do depoimento de Virgílio, quando afirma que, após um milênio de estada no Tártaro ou no Elísio, consoante hajam fracassado ou vencido nas provas da vida terrena, os Espíritos são levados ao rio Létis, “a fim de que, privados de suas lembranças, voltem aos planos superiores e conexos, e comecem a sentir desejos de tornar aos corpos”.

Como se vê, a despeito dos sofismas dos que, em proveito próprio, pretendem ocultar a verdade, a lei da reencarnação, postulado fundamental do Espiritismo e de sua versão ampliada, o Neo-espiritismo, é absolutamente imprescindível à explicação da disparidade dos destinos e do sofrimento huma-

no. Acresce, ainda, a circunstância de que a lei da reencarnação não foi inventada por nenhuma criatura terrena — desde o princípio, na Índia, no Egito, na Caldéia, na Pérsia, por toda parte em que houve autênticos “iniciados”, a reencarnação, sempre fez praça dos ensinamentos “secretos”, ministrados por Espíritos missionários, que nunca deixaram de comunicar-se com nosso planeta, porque sempre desejaram ampliar a revelação divina, à medida que a humanidade progride para entender e valorizar os novos conhecimentos.

Enigma do Destino Humano

A humanidade vive, atualmente, uma época de glórias e de paradoxos. Glórias pelas assombrosas conquistas da Ciência; paradoxos pelos chocantes contrastes dos destinos humanos.

Mercê de prodigiosa tecnologia, o homem está conquistando não só a terra, como o mar e, até, o espaço. Do ponto de vista utilitário, o cientista moderno é um semideus, que governa a Natureza, senhor de suas leis! O homem tem maior longevidade, melhor saúde e muito mais conforto material.

Sem embargo, continua infeliz, angustiado com a expectativa de um futuro incerto. O seu maior enigma é o seu próprio destino. Sabe muito sobre o mundo que o cerca e, não obstante, ignora-se a si próprio. Não sabe de certeza certa quem é, donde veio e para onde vai. Sabe, apenas, que nasceu e que vai morrer.

O materialismo científico preocupa-se, tão só, com o aspecto objetivo da personalidade humana. Não devassa o fator transcendental da vida. Satisfaz-se com a hipótese de que fatores circunstanciais aproximaram substâncias minerais, gases, calor e radiações em interações que redundaram na molécula orgânica. Pesquisadores contemporâneos, como Oparin, Ponnamperuma, Sagan, Miller, Schramm e Fox es-

tão construindo, no Laboratório, os tijolos da vida. E é provável que, obtida a síntese de moléculas protéicas, os sábios estejam imaginando que proscreveram o Criador! Na verdade, nesse esquema, o próprio homem é, todo inteiro, um subproduto da evolução da matéria e da seleção natural. E a razão está com Lamarck, com Darwin, com Haeckel... Não há lugar para o Espírito. Pensamento, imaginação e raciocínio são epifenômenos ligados aos impulsos elétricos dos neurônios do diencéfalo e da corteza cerebral. Emotividade, joguete de hormônios. Sentimento, produto da físico-química celular!

Contudo, para gáudio dos espiritualistas, o ponto de vista da Ciência é, nesse particular, unilateral e provisório. Unilateral, porque restrito ao campo da matéria; provisório, porque, com o progresso de novas técnicas, a Ciência, fatalmente, entrará em contato com o homem transcendental: comprovará a existência do Espírito no homem encarnado ou — quem sabe? — a sobrevivência do homem nos Espíritos desencarnados...

De toda maneira, enquanto a Ciência avança, é curial que, os que buscam uma explicação mais profunda para a vida e o verdadeiro sentido do destino humano, recorram à Filosofia e à Religião. É natural que, preterido nas melhores intenções ou torturado por cruéis provações, o homem, desarvorado e aturdido, perquiria o sentido moral do destino humano. É compreensível que, no desespero, o homem se interrogue: afinal quem sou eu? Onde vim? Para onde irei, quando morrer? Como é notório, para tais perguntas, há muitas respostas.

Contudo, nenhuma religião ou filosofia dará respostas tão claras, tão objetivas e tão racionais quanto a Doutrina Espírita. Para comprová-lo, basta analisar as diferentes hipóteses admitidas. Há uma corrente de pensadores que afirma que Deus criou Espíritos em diversos níveis de perfeição — desde

os demônios até os arcanjos. Quanto ao Espírito do homem, esse foi criado para unir-se ao corpo carnal, com o qual constitui um todo psicossomático indissociável. A própria morte não produz senão efêmera dissociação, de vez que, no fim dos tempos, o corpo ressuscitará para a reconstituição do homem integral. No interregno entre a morte e a ressurreição do corpo, há um primeiro julgamento; depois da ressurreição, haverá novo julgamento, a fim de que o Espírito sofra, como o corpo, os erros que cometeu por causa do corpo. Na estrutura dessa Cosmogonia, há outros postulados. Mas os citados já bastam para rápida comparação com a Cosmogonia Espírita. De fato, nota-se imediatamente a parcialidade do Criador. A diferença das criaturas não obedeceu a critério de Justiça. Espíritos puros e Espíritos impuros foram criados arbitrariamente. Nessa hipótese, Deus poderá ser infinitamente poderoso, mas, em compensação, é infinitamente injusto. E isso é horroroso, porque elimina toda segurança de justiça no futuro julgamento!

Sem embargo, a injustiça, não pára aí. Há criaturas humanas com corpos e destinos totalmente diferentes. Além da diversidade de sexo, há corpos formosíssimos ao lado de corpos mutilados. Há organismos sadios lado a lado com organismos corroídos por doenças cruéis. Há raças diferentes, diferentes situações sociais, diferentes posses financeiras e destinos inteiramente diferentes!

No entanto, se todos são filhos do mesmo Criador e se nenhum possuía méritos ou deméritos que justificassem racionalmente a diversidade de sortes, é evidente que o destino humano está marcado por flagrante injustiça.

De resto, a própria vida não teria finalidade, porque há crianças que nascem mortas. Conseqüentemente, a encarnação teve apenas a duração da vida intra-uterina! Esses Espíritos não viveram a vida terrena e, por conseguinte, não con-

quistaram méritos, nem adquiriram deméritos para julgamento *post-mortem*. Para onde irão? Para o céu? Errado. Para o inferno? Errado. Para o limbo? Erradíssimo! E para os que viveram na Terra, por que dois julgamentos? Se Deus é onisciente, não erra. O primeiro julgamento basta. De resto, com corpo ou sem corpo, quem erra é o Espírito, porquanto a matéria não pensa, não deseja, não toma nenhuma iniciativa. O Espírito é que erra, quando usa o corpo abusivamente. Logo, julgar primeiro o Espírito e, mais tarde, o Espírito com o corpo ressuscitado, não seria prova de sapiência — seria paradoxal incongruência! Incongruência tão absurda quanto a ressurreição de corpos reduzidos a átomos dispersos nas moléculas de mil outros corpos da Natureza. E, de toda forma, essa justiça, além de não satisfazer aos anseios humanos, contribuindo para que Deus fosse temido ao invés de amado, ainda agravaria o problema do destino e do sofrimento do homem na encarnação terrena.

○ Sofrimento é Necessário

Nas milhares de cartas, que me são enviadas, mensalmente, de todos os recantos do Brasil, há apelos dramáticos para a ajuda do Espiritismo, com a tácita confissão da falência de todos os recursos da Medicina e da Religião! Na maioria, são catástrofes inesperadas, que conturbaram o quadro emocional do lar flagelado. De tal sorte que a descrição do quadro pungente vem sobrecarregada com impropérios de desespero e, até, com acrimoniosas diatribes contra Deus!

Como se depreende, a exasperação origina-se da incompreensão da finalidade das provações terrenas ou do errôneo conceito de Deus. A Filosofia Espírita, pela grandiosidade de suas concepções acerca do Criador e do Universo, e, sobretudo, pela racionalidade de seus postulados e pela lógica com que justifica a desigualdade dos destinos e a necessidade do sofrimento, dá ao homem inestimável estímulo para lutar em prol de seu auto-aperfeiçoamento, com maior capacidade de suportar o sofrimento, porque lhe incentiva a coragem e lhe incrementa a resignação.

Todavia, o Espiritismo não pode ultrapassar os limites dos divinos desígnios e sustar provações imprescindíveis à aquisição de valores espirituais, necessários à evolução do Espírito encarnado.

No concernente às curas “milagrosas”, força é confessar que não é apanágio do Espiritismo, embora as verdadeiras curas supranormais, ocorram em que religião ocorrerem, sejam, sempre, trabalho oculto dos Espíritos. Quer se processe num Centro Espírita ou numa Igreja ou na gruta de Lourdes, a cura “milagrosa” é provocada pelos Espíritos protetores das referidas crenças.

Com efeito, pelo fato de desencarnar, o Espírito não muda imediatamente de convicção religiosa. O católico, o protestante, o espírita, todos permanecem com os mesmos pontos de vista. A única diferença é que o espírita, pelo fato de ter adquirido sua convicção em contato direto com o Além, leva para o lado de lá um conhecimento muito mais perfeito e pouco terá de retificar; ao passo que o católico e o protestante, imbuídos de idéias anacrônicas e obnubilados por dogmas absurdos, serão forçados à profunda correção em suas opiniões. Isso, porém, quando merecerem uma evolução maior. Até lá, no entanto, continuarão a professar as mesmas crenças que levaram da Terra; e, por isso, lutarão pela conquista de prosélitos. Conseqüentemente, realizarão curas “milagrosas” e darão outras provas capazes de converter os descrentes. E este zelo é compreensível. Quem evoluiu numa religião, deseja propalá-la, esteja encarnado ou desencarnado. E na verdade, toda religião poderá ser útil, na medida em que estimule o proficiente a aperfeiçoar-se moralmente. Nenhuma, porém, possui conhecimentos tão profundos a respeito do Mundo Espiritual quanto a Doutrina Espírita. Nem existe outra que conte com tão decisivo apoio dos habitantes do Além, porque o Espiritismo é o próprio Mundo Espiritual em ação! Daí o maior amparo moral e material que dá. Tudo, porém consoante o merecimento de cada um. Não basta, pois, chegar ao Espiritismo para obter: é preciso merecer. Vale dizer: pautar os atos de acordo com os ensinamentos da Doutrina Espírita,

que se inspira na mais pura moral, a mesma que inspirou Buda e que inspirou Jesus!

Por outro lado, a revolta contra os desígnios do Criador é, em grande parte, resultante da concepção antropomórfica de Deus, difundida pela maioria das religiões. Sete séculos antes da encarnação de Jesus, um profeta hebreu — Isaias — de permeio com algumas tolices que propalou, colocou na boca de Jeová a seguinte admoestação: “De que me serve a mim a multidão dos vossos sacrifícios? Já estou farto de holocaustos... Não continueis a trazer vãs oblações... tirai de diante de meus olhos a maldade de vossas ações... aprendei a fazer o bem, procurai o que é justo.” Entretanto, ainda hoje, há pessoas que imaginam poder forçar a justiça divina, comprando Deus com óbulos ridículos, com promessas estultas ou com parvas penitências! E quando não são atendidas, revoltam-se contra o Criador!

Sem embargo, se soubessem que, muitas vezes, na provação que desejam sustar, está o remédio providencial para as mazelas da alma, certamente não se rebelariam contra Deus. A verdade, porém, é que a justiça de Deus somente à luz da lei da reencarnação poderá ser compreendida.

Para argumentar, destaco, entre mil outras, uma carta de um senhor do Rio Grande do Sul — Porto Alegre. Calculo o seu sofrimento, pois sofrer por um filho é sofrer duplamente. Nasceu-lhe o primogênito, com glaucoma congênito em ambos os olhos. Com um ano, foi operado por conceituado especialista. Agora com a idade de seis anos, já perdeu a visão do olho esquerdo; e não se sabe por quanto tempo perdurará a pouca visão que possui, atualmente. O drama é crucial, porque o prognóstico é sombrio. Contudo, restam esperanças e eu, de mim, fiz o que pude fazer: orei pelo menino e pela família. Apelei para a ajuda dos médicos dos planos espirituais da SEPE. Se for permitido suavizar a prova, aceita pelo

menino antes de reencarnar, certo grau de visão será preservado. Tudo depende do carma, das faltas do passado. Porque é muito melhor permanecer cego na Terra e conquistar a vidência do Mundo Espiritual, do que enxergar neste mundo e permanecer cego no outro! Foi por isso que, duma feita, interrogado pelos discípulos sobre quem errara no caso de um cego de nascença, se ele próprio ou se seus pais, Jesus, embora fugindo a explicações comprometedoras, respondeu que o cego assim nascera para que nele brilhassem as obras de Deus. Aparentemente, nada mais paradoxal. Mas, à luz da reencarnação e da lei de causalidade moral, que liga, entre si, todas as sucessivas vidas de cada indivíduo, logo se compreende que o referido cego era Espírito contumaz no erro e que, se visse, novamente erraria cobigando tudo o que noutros visse, roubando talvez ou quiçá, matando! Nessas condições, seria melhor não ver para não errar e, mediante a provação, conquistar valores para a vida espiritual, do que arriscar-se a outro fracasso. De toda forma, a finalidade da prova seria o aperfeiçoamento do Espírito e, conseqüentemente, a conquista da felicidade — única maneira pela qual poderiam brilhar nele as obras de Deus!

De resto, há cegos que, em encarnações anteriores, cegaram, por maldade, criaturas indefesas. Aqui mesmo, no Brasil, houve senhores que vazaram olhos de escravos! Ora, é da Lei que cada um receba de acordo com suas obras. E, mais cedo ou mais tarde, a dívida terá de ser paga “até o último ceutil”, como dizia Jesus.

Mas, de toda maneira, a justiça de Deus é proporcional ao amor de Deus. A finalidade do sofrimento é a lapidação da pedra bruta, que é o nosso Espírito, no brilhante que será futuramente, graças às experiências adquiridas em múltiplas encarnações, através dos mundos incontáveis, que rodopiam vertiginosamente no Universo incomensurável.

9

Lei da Reencarnação

Como é notório, a lei da reencarnação constitui um dos princípios basilares da Doutrina Espírita.

De acordo com esta lei, Deus criou, cria e criará, eternamente, todas as criaturas humanas exatamente iguais, isto é, no mesmo nível de ignorância e de inocência e dotadas de idênticas faculdades espirituais; todas, porém, em estado latente, como energia potencial, que cada qual deverá desenvolver pelo esforço próprio, valendo-se de relativo livre arbítrio e escalando numerosos planos evolutivos, até atingirem a perfeição, e, com ela, a eterna felicidade. Felicidade e perfeição que não se conquistam, portanto, em virtude duma graça excepcional, por uma proteção iníqua, em detrimento da imparcialidade divina e com a subversão total dos mais comezinhos princípios de justiça e de ética, mas, ao contrário, que só se alcançam numa luta diuturna, incessante, obstinada, pela conquista desses formosos ideais — batalha titânica, que se processa durante muitos séculos, no decorrer de numerosas encarnações, através de longas caminhadas nesses mundos incontáveis que constituem o Universo infinito, e que nada mais são, na realidade, do que admiráveis escolas para a evolução dos nossos Espíritos, onde, passo a passo, vamos adquirindo todo o saber e toda bondade que nos levarão, um dia, a todos nós, sem exceção alguma, à deslumbrante presença de Deus!

De modo que todas as vidas encarnadas ou desencarnadas duma mesma criatura são solidárias entre si, sendo a vida presente uma decorrência lógica das vidas pregressas, como a futura vida será, fatalmente, uma conseqüência inevitável das vidas passadas mais a vida atual.

Como facilmente se infere do exposto, dentro desse regime de justiça indefectível, não há lugar para intermediários, que exploram, em causa própria, o mercado de pseudo-sentenças divinas. Não! Como Jesus proclamou há dois mil anos, a lei sempre foi: “A cada um segundo suas obras”. Vale dizer que: cada qual colhe o que semeia. Noutros termos: nós somos os arquitetos de nosso destino, de nossa felicidade, porque só de nós, de nosso pensar e do nosso proceder, dependerá o futuro que nos aguarda, a posição que ocuparemos neste ou noutros mundos. Conseqüência: cuidemos, a todo instante, de aprimorar nossos espíritos, para que, na próxima vida, seja ela no plano espiritual, destituídos do corpo carnal, seja na vindoura encarnação, aqui, na Terra, nossos sofrimentos se tornem mais suaves do que os atuais.

Como não nos dá a menor esperança de podermos contar na Vida Espiritual com o pistolão de quem quer que seja, a lei da reencarnação, longe de servir de estímulo ao erro e ao crime, induz-nos à convicção de nossa indeclinável responsabilidade no planejamento de nossa futura posição social, neste ou noutro planeta habitável, assim como nos entrega, em nossas próprias mãos, as chaves que nos abrirão as portas dos diversos planos da Vida Espiritual. E lá, não teremos outros juizes senão nossa própria consciência, que não nos deixará atribuir a outrem a culpa que nos cabe, pela imprevidência com que, por ventura, tenhamos encarado nossos deveres espirituais e pelo menosprezo com que esbanjamos em prazeres efêmeros e em atividades fúteis a divina dádiva duma encarnação redentora.

Pelo fato de não haver penas eternas, não deixa de haver sanções justíssimas e sofrimentos cruéis. Com uma diferença apenas — os sofrimentos são passageiros, pois duram, tão somente, o tempo necessário à correção do prevaricador, de vez que Deus, infinitamente bom, como forçosamente tem de ser, não poderia proceder pior do que o pior dos homens, pois por mais bárbaro que fosse, não suportaria contemplar passivamente a interminável flagelação, o martírio eterno dum filho por pior que seja!

Também não procede a alegação dos que, por incompreensão, acusam a teoria da reencarnação de estimular os homens ao erro, pois muitas pessoas, dizem eles, não querem outra coisa senão a vida terrena, embora com seus prazeres ilusórios, efêmeros, e que, quase sempre redundam em tremendas decepções, quando não em sofrimentos cruciantes.

Contra tal alegação, basta se atente no fato de que, pela lei de casualidade moral que regula as reencarnações, o indivíduo que errar, voluntariamente, com o fito deliberado de voltar à Terra, pátria de seus prazeres, não regressará aqui, primeiro que tenha justificado perante às leis divinas o tempo que perdeu em detrimento de seu progresso espiritual, e, quando reencarnar, não nascerá em berço de ouro para gozar vida de nababo, mas virá, certamente, onerado com gravíssimos resgates dum passado perdido e arrostará dolorosa provação em penosíssima situação social. Não há, portanto, motivo para temor. A lei da reencarnação é profundamente moralizadora.

Outro argumento que não vale é o de que: se a reencarnação fosse verdade, nós nos deveríamos lembrar de nosso passado. Para início de conversa, nossa memória é tão falha que não nos lembramos de largo período desta mesma vida que estamos vivendo presentemente, pois, ignoramos, inclusive, tudo o que conosco se passou durante os primeiros anos de vida. Não obstante, pelo fato de nada recordar-se dos fatos

ocorridos no primeiro ano de vida, ninguém se lembra de contestar que tenha vivido este período nebuloso para sua memória.

Um fato, porém, posso adiantar desde já: se nos fosse dado recordar inteiramente nosso passado, com suas quedas, seus erros, seus crimes, mesmo, e, conseqüentemente, seus sofrimentos nos planos espirituais, primeiro, e, depois, aqui mesmo, neste mundo, na posição de degradados sociais, atravessando necessidades de toda ordem, para resgatarmos um passado errado e, ao mesmo passo, adquirirmos virtudes novas; se tal recordação nos fosse concedida, ao invés de facilitar nosso progresso, estaríamos, a cada momento, apavorados com as possíveis conseqüências de nossas ações, tolhidos, muitas vezes em nossa liberdade, sem sabermos como deveríamos usar o relativo arbítrio de que podemos dispor. Em suma — em vez de facilitar, dificultaria nossa evolução espiritual.

O caso que passo a relatar é bem elucidativo, pois a simples memória parcial de determinada fase duma encarnação anterior já causou sérios aborrecimentos, não só à pessoa que se recorda, mas também à nova família, que de nada poderia recordar-se. Vejamos.

Refiro-me à jovem Shanti Devi, atualmente com 12 anos, que há anos, esteve em foco, em virtude duma reportagem de *La Presse Magazine* e de cujo caso se ocupou a *Revue Spirite*, relíquia de nossa Doutrina, pois foi fundada pelo Mestre Allan Kardec.

Resumidamente o fato é este: desde três anos, mal principiou a se expressar correntemente, Shanti Devi passou a afirmar, reiteradamente, que ela não era Shanti Devi sim Anned, esposa de abastado negociante de fazendas, residente em Mutra, que dista cerca de 200 km de Deli, cidade onde nascera e da qual nunca se afastara.

É de calcular-se a admiração dos pais da menina, gente humilde, da casta dos trabalhadores, quando, pela primeira vez, ouviram de seus lábios infantis esta tremenda revelação: “Eu me chamo Anned e moro em Mutra; meu marido é Ahmed Lugdi, negociante de tecidos, e eu quero vê-lo!”

A princípio, tudo pareceu devaneio infantil. Mas, dia a dia as assertivas da menina tomaram o caráter de verdadeira idéia fixa e, gradativamente, sua história foi-se enriquecendo com impressionantes minúcias...

Se, por exemplo, a mãe preparava a alimentação, a menina, com espantosa naturalidade, afirmava: “Em Mutra, meu marido exigia que o arroz fosse cozido em recipiente de cobre.” E prosseguia a descrever fatos íntimos da vida conjugal...

A família, paciente a começo, principiou a preocupar-se com as mentiras da menina. Principalmente porque de nada valeram argumentos e ameaças. Ao contrário, quanto maior a reação, mais obstinadamente a menina afirmava: “Eu sou uma senhora casada; meu marido mora em Mutra; quero vê-lo!” Nesse estado de espírito permaneceu a menina até os sete anos, quando, inesperadamente, a situação se agravou. É que, criada no Budismo, a menina começou a revelar, inexplicavelmente, grande conhecimento da religião maometana e a descrever, impressionantemente, os rituais muçulmanos, tais quais, no seu dizer, se efetuavam em seu lar, em Mutra, quando esposa de Ahmed.

O desespero dos pais era grande, pois não podiam suportar que sua filha se dissesse esposa de um muçulmano! E como não puderam ocultar, por mais tempo, o que consideravam vergonhosa “tara” da filha, levaram-na a um médico.

Muito interessado no problema, o esculápio solicitou aos pais deixassem a menina permanecer um mês em seu lar, sob sua constante observação clínica. Conforme seus próprios pais

já haviam observado, Shanti Devi era normal e, até, um tanto acima do normal, em tudo, exceto no concernente ao misterioso “romance” de Mutra — tal a conclusão do clínico. E, por isso mesmo, o médico quis tirar a limpo este caso.

Feitas todas as investigações possíveis, o clínico chegou às seguintes conclusões: 1) Nem os pais nem a menina jamais haviam ido a Mutra; 2) Os pais de Shanti não conheciam ninguém que houvesse morado em Mutra, nem nos seus arredores; 3) Nunca se falou à menina acerca daquela região, também desconhecida por seus pais; 4) Descobriu-se, de fato, em Mutra, abastado comerciante de tecidos, chamado Ahmed Lugdi, que enviudara em 25 de outubro de 1925 e cuja esposa, morta, jovem ainda, se chamava Anned!

Pois bem; senhor desses fatos, o médico pediu auxílio de outros colegas versados em metapsiquismo e em parapsicologia. Foi nomeada, em consequência, uma comissão de investigação, que solicitou a presença do negociante Ahmed Lugdi, de Mutra, na cidade de Deli, onde se encontrava aquela criança, que afirmava ser a reencarnação de sua falecida esposa.

Atendido o convite, foi feita a seguinte experiência: a comissão colocou o velho Ahmed no meio de um grupo, constituído por indivíduos de diversas idades; em seguida, sem qualquer explicação prévia à menina, introduziram-na na sala. Diante do assombro de todos os presentes, Shanti Devi, sem tergiversar, correu em direção ao negociante, enlaçando-o num prolongado abraço e exclamando — “meu marido, meu marido!”

O mais interessante foi que, depois de alguns momentos de diálogo entre a menina e o negociante, ele se confessou absolutamente certo de que Shanti era, de fato, a reencarnação de sua esposa. E como a menina afirmava que seria capaz

de reconhecer a casa onde residira, em Mutra, a comissão de investigação deliberou transportá-la para lá.

Em chegando àquela cidade, Shanti não só localizou a casa residencial, como conheceu todos os serviçais “de seu tempo”, isto é, os que lá trabalhavam quando ela desencarnou, em 1925. Chamando cada um por seu nome, relatando fatos relativos a cada qual, e, até, particularidades que lhe foram confiadas, Shanti Devi provou mesmo a todos que era reencarnação de Anned, a falecida esposa de Ahmed Lugdi.

E são fatos como este que nos dão a certeza da imortalidade da alma e do seu aperfeiçoamento constante, através de múltiplas vidas, sempre em direção a Deus, nosso bondoso criador e fonte única da verdadeira felicidade!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

10

Reencarnação —
Lei de Causalidade Moral

Como é notório, a palingenesia ou teoria da reencarnação é um dos postulados fundamentais da Doutrina Espírita. Só da Doutrina, não: de quase todas as religiões existentes no mundo, exceção feita para o Catolicismo e seu derivado, o Protestantismo.

Não é, portanto, uma invenção de Allan Kardec, conforme imaginam algumas criaturas, que, agrilhoadas aos dogmas terrificantes da Igreja Romana, jamais arejaram seus espíritos com leituras dos livros sagrados de outros povos. Aliás, no que concerne ao Espiritismo, nada foi criação de um homem: todos os princípios basilares foram revelados através de mensagens dos Espíritos; por isso mesmo Kardec denominou o livro básico da Doutrina — *O Livro dos Espíritos*.

Como seu próprio título claramente o indica, os ensinamentos ali coligidos foram transmitidos ao glorioso fundador do Espiritismo por intermédio de vários médiuns, todos educados nos princípios do Catolicismo e absolutamente indoutos em relação aos demais sistemas religiosos. Contrariamente, pois, ao que seria de esperar, as mensagens recebidas por intermédio desses sensitivos, vinham derrocar os alicerces da Doutrina Católica, revelando aos homens do século XIX, um Deus verdadeiramente sábio e bom, cuja justiça, embora in-

defectível, se exerce, sempre, impulsionada pelo amor, e cuja finalidade é o infinito aperfeiçoamento de todas as criaturas, para que todas possam, um dia, desfrutar eternamente as delícias de uma vida sublimada, nos planos dos Espíritos perfeitos.

Com efeito, ao invés da triste perspectiva de uma única existência carnal, finda a qual cada criatura terá seu destino definitivo, qualquer que seja o grau de imperfeição em que a morte a surpreenda, os Espíritos vieram ensinar que a evolução de nossas almas é eterna, como eterna é nossa vida; que os diversos planos terrenos são escolas onde nossas almas reencarnam tantas vezes quantas necessárias para adquirir as experiências, as virtudes e a sabedoria inerentes a cada plano; que, completado que seja o ciclo evolutivo em determinado plano, voa nossa alma para outro, mais aperfeiçoado, onde, novamente, reinicia o ciclo das encarnações, até a aquisição da perfeição compatível com aquele plano; e, assim, sucessivamente, através dos numerosos planos evolutivos, que se desdobram, infinitamente, dentro do Universo.

De acordo, ainda, com o ensino dos Espíritos todas as nossas existências são solidárias entre si; e estão reguladas por uma lei de causalidade moral. De modo que nossa vida atual é um desdobramento natural daquilo que fomos outrora; e nossa futura vida será, fatalmente, a resultante daquilo que já fomos no passado acrescentado ao que estamos sendo na presente encarnação. De modo que somos herdeiros de nós mesmos na distribuição da felicidade ou da desgraça, que nos toca na vida terrena. Noutros termos — por nossos pensamentos e nossas ações, determinamos nosso próprio futuro: somos, portanto, os arquitetos de nossa felicidade. Essa é uma lei universal, eterna, divina. Qualquer que seja a religião praticada, e mesmo que se não pratique nenhuma, os destinos de todas as criaturas estão indissolúvelmente ligados a esta sábia

lei de causalidade moral, e, por ela, todos nós chegaremos mais cedo ou mais tarde à perfeição, e, conseqüentemente, à felicidade eterna.

Desejo, apenas, que meditem sobre as conseqüências morais da reencarnação e que analisem, serenamente, como essa sapientíssima lei exalta a bondade e a sabedoria de Deus. Convido-os, para isso, a evocarem, numa visão panorâmica, o chocante contraste dos destinos humanos neste plano de vida. Se podemos apontar criaturas que, por suas virtudes morais e atributos intelectuais, devem ser consideradas como autênticos sábios, como verdadeiros santos, não podemos, por outro lado, deixar de reconhecer a presença de muitos desgraçados, arrolados entre criminosos reincidentes, viciados incorrigíveis, psicopatas de várias categorias, além de mentalidades primitivas, segregadas no seio das selvas, dominadas por instintos canibalescos. Por outro lado, em flagrante oposição, podemos observar opulentíssimas fortunas a afrontar, a cada passo, os mais repugnantes espécimes da indigência, da degradação social, da mendicância desvalida. Também observamos criaturas dotadas de corpos tão perfeitos que se nos afiguram verdadeiras obras-primas de estatuária. Mas, em compensação, abundam por toda parte os exemplares de repulsiva fealdade, quando não de asquerosa monstruosidade. Além disso, surgem aqui e acolá crianças-prodígios, que, sem esforço, sem estudos, sem mestres, se nos revelam primorosos artistas ou demonstram invejável intimidade com certos segredos das Ciências naturais ou da Matemática, enquanto outras criaturas lutam a vida inteira e nunca ultrapassam as raias da mediocridade ...

Explicar fatos dessa ordem com fatores exclusivamente biológicos é um atentado ao senso moral; justificá-los pelas hipóteses da predestinação e da graça é escarnecer da justiça divina.

Na verdade, a única explicação racional para a diferença dos destinos, aqui, na Terra, é a que nos dá a lei da reencarnação. Por tal lei, o selvagem de hoje é um Espírito atrasado, que, vindo de um plano inferior ao nosso, onde adquiriu o máximo de perfeição que lá pôde obter, principiou, agora, o ciclo terreno, encontrando-se, por conseguinte, comparativamente à perfeição do homem civilizado, como a criança em relação ao adulto. Com o decorrer do tempo, à medida que se submete a sucessivas encarnações, vai, pouco a pouco, adquirindo todas as virtudes que se podem conquistar nas lides diárias deste planeta. Da mesma forma, o pobre de agora é um Espírito que ainda não pode suportar, sem grave perigo de degradação, as tentações que a riqueza oferece; e o rico, que nasceu na abastança, que jamais sentiu as agruras das necessidades ou é um Espírito que, por seus méritos, demonstrados em vidas passadas, já está em condições de movimentar o dinheiro em benefício de sua evolução espiritual, amparando, com seus sentimentos filantrópicos, os que dele vierem a necessitar ou que movimentam seu capital na posição de humildes operários ou, então, é um Espírito de certa evolução, mas, sistematicamente, revoltado contra as provas de pobreza e que, para ser experimentado, encarna em situação de abastança. E é fácil distinguir praticamente um do outro. O que já pode manipular o dinheiro sem prejudicar seu Espírito, distingue-se pelo desprendimento com que ampara seus semelhantes, seja pessoalmente, seja em obras sociais; o outro, o rebelde contra a indigência, se manifesta no rico usurário, gozador e egoísta, que só mobiliza seu dinheiro em proveito próprio. Este será, fatalmente, o mendigo de amanhã, aquele que, na próxima encarnação, palmilhará as ruas da cidade a cata duma esmola, aprendendo, assim, em cruel humilhação, o valor da fraternidade, que não soube exercer, quando a fortuna lhe sorriu. A criança-prodígio é um Espírito

de certa evolução, que traz no subconsciente forte reminiscência duma encarnação anterior. O débil mental de hoje, é o homem inteligente de outrora, que empregou seu talento para prejudicar seus semelhantes, seja falsificando documentos, seja escrevendo obras contra a moral, seja maquinando crimes tenebrosos. E o cego de nascença é o Espírito cobiçoso, que, em várias encarnações sucessivas, fracassou pela visão, desejando, sempre, tudo que via e empregando meios ilícitos para obter os objetos de seus desejos. E assim, sucessivamente, para cada caso, a lei da reencarnação nos dá a chave para uma explicação lógica, capaz de conciliar a idéia de bondade e de justiça que formamos a respeito de Deus, com a disparidade revoltante dos destinos humanos...

Claro que não tenho a pretensão de imaginar que esgotei o assunto, pois o tema comporta um tratado de fôlego e não pode ser ventilado senão de relance numa palestra ligeira como esta.

Todavia, sentir-me-ei muito feliz, se conseguir levar meus ouvintes à convicção de que a lei da reencarnação não é tão somente uma especulação filosófica: há muitos fatos de observação que a confirmam. Eu mesmo já tive oportunidade de focalizar alguns deles. Trago outro, que, embora muito conhecido nos meios espíritas, é deveras interessante para ser constantemente debatido.

O fato veio à luz numa revista italiana — *Filosofia da Ciência*, da qual era diretor o Dr. Inocêncio Calderone, através duma carta do Dr. Carmelo Samona, que desfrutava bom conceito nos meios científicos de sua pátria.

Com rara concisão e serena imparcialidade relatou o Dr. Samona o seguinte: “Em 1910, perderei de meningite, com cinco anos, uma filha — Alexandrina. O desespero de sua esposa foi desmedido, a ponto de temer por sua sanidade mental. Três dias depois deste óbito, a mãe sonhou com a meni-

na, que lhe dizia: ‘Mamãe não chore, eu não te deixei; afastei-me apenas de ti, mas voltarei pequena assim...’ E mostrou-lhe, então, uma espécie de embrião, acrescentando em seguida: ‘Vais começar a sofrer de novo por mim.’ Dias após, o mesmo sonho se reproduziu. Uma amiga da família, impressionada com o fato, ofereceu à mãe desconsolada, um livro de Léon Denis, onde se focaliza o problema da reencarnação. Contudo, a pobre mãe continuou incrédula. Principalmente porque, em virtude dum aborto, fora submetida à intervenção cirúrgica e, por isso, imaginava que não poderia mais conceber.

Certa manhã, quando se lamentava com o marido, revoltada contra sua prova e reafirmando suas dúvidas a respeito do estranho sonho que tivera com a filhinha falecida, ouviu-se, de repente, na porta do quarto um barulho esquisito, como batidas com as articulações dos dedos por pessoas que se querem anunciar. Os três filhos do casal, que lá se encontravam na ocasião, ouviram, também, o ruído, tanto assim que, supondo tratar-se da chegada duma tia, abriram a porta e exclamaram: ‘Tia Catarina, entre!’ Não era, porém, tia Catarina. Ninguém respondeu ao convite das crianças. Na mesma tarde, feita uma reunião, com a presença do Dr. Samona, sua esposa, sua sogra e seus dois filhos mais velhos, houve uma mensagem tiptológica, por meio de ‘pancadas’ equivalentes às letras do alfabeto, em que dois Espíritos se manifestaram: o da pequena Alexandrina que se confessou responsável pelas pancadas na porta e o duma irmã do Dr. Samona, falecida havia vários anos, que se apresentou como Guia da menina recém-falecida. O curioso é que a linguagem de Alexandrina era infantil, de acordo com a idade que tinha ao desencarnar. Muitas vezes o Espírito da tia tomava a palavra para explicar passagens dúbias das mensagens de Alexandrina.

Durante mais de três meses consecutivos Alexandrina se manifestou, sempre afirmando que voltaria a encarnar naquele lar e pedindo que avisassem deste fato a diversos parentes. Apesar das desconfianças da mãe, essas comunicações foram feitas, e, mais tarde tais pessoas deram atestado público do fato. Depois de afirmar que estaria encarnada antes do Natal daquele ano, Alexandrina afirmou que voltaria à Terra acompanhada de uma irmãzinha. Outro motivo de dúvida para o casal. Não havia, na família dos progenitores, exemplo de parto gemelar. Até o quinto mês de gestação perdurou o estado de angústia da pobre mãe, sempre torturada pela dúvida. Ela não acreditava na reencarnação, e, além disso, não sabia como poderia identificar se a futura filha era, de fato, Alexandrina reencarnada. Entretanto, numa das sessões, o Espírito Protetor de Alexandrina afirmara que ela nasceria muito semelhante ao que fora. Pouco tempo depois, surge o primeiro indício: o parto seria gemelar, segundo o vaticínio de dois parteiros, os Drs. Cordaro e Giglio. E em 22 de novembro, antes do Natal, portanto, a esposa do Dr. Samona deu à luz a duas meninas, sendo uma delas a reprodução exata de Alexandrina.”

Dois anos e sete meses mais tarde, voltou a público, pela mesma revista o Dr. Samona, para esclarecer que a menina, que recebeu o nome também de Alexandrina, era, com efeito, o *fac-símile* de sua falecida Alexandrina. Parecia-se muito física e moralmente, pois era dócil como a primeira Alexandrina, e como ela, muito agarrada à mãe, gostando de brincar com panos, ficando horas inteiras a alisá-los e a dobrá-los como para arrumá-los em malas; ou então, ficava de pé, apoiada numa cadeira, sobre a qual colocava um brinquedo e distraía-se longamente a monologar numa linguagem tatibitate, tudo exatamente como a falecida Alexandrina e muito diferente de sua irmã gêmea, cujo físico e cujo temperamento eram

muito diferentes. Também, como Alexandrina, costumava brincar de trocar os nomes das pessoas chamando sua tia Angelina, de Caterana ou Caterona. E, da mesma forma que a falecida, quando se referia a si própria, tratava-se na terceira pessoa, assim: “Mamãe, Alexandrina tem medo!” — enfim, física e mentalmente, a nova Alexandrina era a reprodução da primeira Alexandrina, fato que só se explica racionalmente pela lei da reencarnação.

Além disso, há no caso um conjunto de fatos que mutuamente se reforçam e demonstram a veracidade do sonho premonitório da senhora Samona. Assim: a menina nasceu muitíssimo parecida com a falecida; o parto foi gemelar; os fetos do sexo feminino; o nascimento antes do Natal; o temperamento e as características psicológicas também coincidiam com as da menina falecida.

Tudo, portanto, confirma a reencarnação. E como este há, na literatura espírita, muitos exemplos. Portanto, a lei da reencarnação não é uma simples especulação: é um fato de observação, que nos dá a certeza do destino glorioso que nos aguarda, em época mais ou menos remota — tudo dependendo de nosso mérito.

A Reencarnação não é uma Hipótese — é um Fato

Os adversários do Espiritismo, quando se lhes garante a realidade da reencarnação, costumam perguntar-nos por que motivo não nos recordamos, então, das vidas anteriores? Isso, que poderia parecer um argumento de truz, é, com efeito, fragílissima objeção. Realmente, se o fato de não nos lembrarmos dum período de nossa existência fosse suficiente, por si só, para eliminar a possibilidade desse trecho de vida, teríamos de convir que nenhum de nós teve infância, pois não é de crer que alguém se recorde dos primeiros anos, sobretudo dos primeiros meses, e, com mais forte razão, dos primeiros dias de vida. Entretanto, apesar disso, todos nós acreditamos que, antes de termos tido consciência de nossa existência, já existíamos de fato. Logo, por não nos recordarmos de nosso passado, não se segue que ele não tenha existido. De resto, é de crer que, durante o sono normal, a atividade de nosso Espírito seja muito mais significativa do que pode imaginar a “Psicologia sem alma”. Pelo menos, há centenas, milhares talvez, de observações comprobatórias da extraordinária elaboração psíquica desenvolvida, em certas pessoas, durante a fase de desligamento dos neurônios para o repouso cerebral. Eu próprio posso dar público testemunho do fenômeno, de vez que, há mais de um quarto de século, venho constatando a

veracidade dos sonhos de minha esposa. Não são sonhos confusos, carecentes de cabalísticas interpretações: são sonhos claros e reais, onde as cenas se desenrolam tal qual se desenrolaram a distância, sem que, pelas vias normais, ela ou as pessoas que com ela convivem pudessem ter qualquer notícia do fato; e mais — na maioria das vezes, são fatos que ainda não ocorreram quando sonhados, mas que, posteriormente, aconteceram exatamente conforme foram “vistos” no sonho premonitório! Como se infere, o Espírito não fica inativo durante o sono. O que acontece é que a imensa maioria, ao despertar, se esquece de tudo. *Mutatis mutandis* é o que ocorre no sono hipnótico. Via de regra, ao despertar do transe, o “sensitivo” não se recorda, absolutamente, de nada que fez durante a hipnose, por mais emocionantes que sejam as cenas que o hipnotizador o tenha feito viver! Portanto, em princípio, a amnésia das vidas anteriores, não é argumento de peso contra a teoria da reencarnação. Além disso, bem analisadas as coisas, compreende-se que o esquecimento do passado é uma dádiva divina, visando o progresso do presente. Com efeito, a recordação não traria benefício nem aos que foram felizes, quanto mais aos que foram desgraçados! Suponhamos um rei de outrora, encarnado, agora, na posição de mendigo, porque malbaratara o erário público em orgias e extravagâncias de toda sorte, sacrificando súditos miseráveis e levando a nação à bancarrota. Suportaria ele a miséria atual, se se lembrasse do fausto de antanho? Não! Certamente iria ao suicídio, com agravação das futuras provações... E o que fora torturado pelo destino em anteriores encarnações, teria maiores probabilidades de progresso se, porventura, se recordasse do passado? Não! Lembrando-se, a cada passo, do sofrimento que o acompanhou na Vida Espiritual, e temendo, a cada momento, que os atos agora praticados, muitos deles tolerados senão elogiados pela sociedade, viessem a re-

dundar em futuros sofrimentos, perderia a iniciativa, e, acovardado, não desenvolveria suas atividades terrenas, tolhido no progresso pelo pavor de fracassar novamente. Por conseguinte, feliz ou infeliz, o passado não traria vantagem para a presente encarnação. Exceção feita, é evidente, para as faculdades superiores do Espírito, para as aquisições morais, que estas, à maneira de idéias inatas, perduram, através do ciclo das encarnações, atestando o gradativo progresso que o Espírito vai realizando. Como se conclui, nem o esquecimento do passado é prova contra a reencarnação, nem haveria qualquer vantagem na recordação desse pretérito, que, longe de auxiliar, perturbaria o progresso do Espírito, estorvando-lhe a iniciativa ou desesperando-o a ponto de por termo à vida!

Sem embargo, muitos fatos existem que comprovam a palíngenesia.

Aqui está, por exemplo, um caso, que, na época, teve enorme repercussão na imprensa espírita, máxime na da América Latina.

Eduardinho, uma criança de quatro anos, cujos pais, em 1907, residiam à rua S. José, 44, em Havana, sem mais nem menos, volta-se para a mãe e diz-lhe à queima-roupa: “Mãe, eu, antes, tinha uma casa diferente... uma casa amarela... à rua Campanário, 69... lembro-me perfeitamente...”

Como era natural, a mãe, Cecília Cabrera, repreendeu o menino pela invencionice. Mas o garoto, volta e meia, insistia no fato. E como notasse o descrédito que lhe davam, descia a minúcias. Afirmava que, em vez de Torquato Esplugas, seu pai, naquela época, se chamava Pierre Saco e Amparo, sua mãe. Dava, ainda, o nome dos irmãos: Mercedes e João; e obstinava-se em dizer que ele próprio não se chamava, como agora, Eduardo e sim — Pancho. De resto, recordava-se da farmácia onde ele, então com 13 anos, costumava comprar os medicamentos. E tinha, na mente, o quadro de sua morte,

a 28 de fevereiro de 1903, quando sua mãe, uma chapeleira “muito branca e de cabelos muito negros”, chorava desesperadamente, enquanto seu enterro se afastava da casa amarela...

Diante de tais pormenores, e da convicção com que o menino os repetia, a família, vencida, resolveu apurar a veracidade de tudo. Depois de longa caminhada, acompanhado por seu pai, o garoto chegou, finalmente, diante da casa da rua Campanário, até então desconhecida por todos. Pois o guri não hesitou. Mal se deparou com a casa apontou para ela exclamando: “Olhem a casa em que eu morava!” Perplexo, diz-lhe o pai: “Então, se é verdade, entra nela e veja se você a reconhece.” Dito e feito. Com o maior desembaraço o garoto embarafustou por todos os recantos da casa, denotando a maior familiaridade com tudo ali existente, exceto com os moradores, que eram outros. Mas, de toda forma, de pesquisa em pesquisa, a família Esplugas Cabrera pôde chegar às seguintes conclusões: 1) A casa fora ocupada, até pouco depois de fevereiro de 1903, por Antônio Saco; 2) Sua esposa chamava-se Amparo; 3) O casal tivera três filhos — Mercedes, João e Pancho; 4) Com a morte deste último a família Saco mudou-se de residência; 5) Próximo da casa existia, ainda, a farmácia onde, na anterior encarnação, Eduardinho, então Pancho, comprava os medicamentos.

Como se vê, de tudo o que essa criança de quatro anos afirmava, apenas uma dúvida perdurou — foi em relação ao nome do pai da anterior encarnação, que ele dizia ser Pierre, mas que as investigações revelaram chamar-se Antonio. Sem embargo, é muito provável que o nome todo fosse Antonio Pierre Saco, e que, do nome, preferissem, os familiares, chamá-lo pelo sobrenome Pierre, ao invés do prenome Antonio — coisa muito comum. Mas, dou de barato que tenha havido um *lapsus mente*, enganando-se a criança no verdadeiro

nome do pai da anterior existência. Que motivos poderão subsistir para negar-se a reencarnação, quando todos os outros fatos relatados por essa criança de quatro anos, que nada sabia de Espiritismo, confirmam, decisivamente, sua precedente encarnação? E qual a impossibilidade dessa recordação, quando dentre outros fatores, se atenta no fato de ter o Espírito permanecido, apenas, alguns meses desencarnado; pois morrendo em 1903, em 1907, já contava quatro anos? Tudo concorre, portanto, para a autenticidade do fenômeno e para a comprovação da reencarnação. E a única objeção admissível seria a de que os fatos não foram comprovados por homens de ciência, e sim por curiosos. Todavia, não está provado que a verdade seja privilégio dos cientistas; e não se pode, em casos semelhantes, menosprezar a prova testemunhal.

Contudo, para aplacar as consciências mais exigentes eis aqui um testemunho insuspeito. É o do prof. Ian Stevenson, neuropsiquiatra da Universidade de Virgínia, que esteve no Oriente, a fim de aprofundar suas pesquisas concernentes às reminiscências de anteriores encarnações, fato mais freqüente entre brâmanes e budistas.

Em entrevista à imprensa de Nova Iorque disse ele: “Nas minhas pesquisas registrei, pelo menos oitenta casos de crianças que se recordam de 15 a 20 acontecimentos particulares, geralmente de forte significação emotiva, como a morte de um dos genitores, ou um grave acontecimento familiar, ocorridos antes de seu nascimento.”

Notai bem, meus irmãos: “antes de seu nascimento”, diz o neuropsiquiatra norte-americano. Vale dizer — em anterior encarnação. E tanto assim é, que o cientista relata o caso de um menino, também de quatro anos, que, submetido a narcoanálise, lembrou sua anterior encarnação e relatou, dentre outros fatos, posteriormente comprovados, o linchamen-

to de um negro, ocorrido em 1927 em Charlottesville, cidade em que reside e leciona o professor Stevenson.

Ora, diante de tais fatos, só há uma conclusão: é que a reencarnação não é uma hipótese — é um fato demonstrado e irremovível, tão demonstrado e tão irremovível, quanto demonstrados e irremovíveis são todos os fatos em que se baseia a Doutrina Espírita!

12

Reencarnação e Consolação

A revelação das leis divinas é permanente de toda a eternidade. Mas a captação dessa perene revelação depende da evolução do Espírito: é proporcional ao crescimento mental e moral da humanidade. E como a humanidade terrena é heterogênea, constituída por criaturas em diferentes níveis de evolução espiritual, é evidente que, quer no campo intelectual, quer no campo moral, não poderá deixar de haver chocantes contrastes nas convicções científicas e religiosas dos habitantes deste planeta.

A mente divina é como um Sol prodigiosamente refulgente. A mente humana é como um vidro colorido, que, atravessado pela luz divina, refrata, apenas, as radiações correspondentes à sua coloração. Numa palavra: a verdade divina amolda-se à capacidade de compreensão de cada criatura. Conseqüentemente, no atual estágio de evolução das criaturas terrenas, é inevitável a divergência de pontos de vista não só no setor cultural, como no âmbito religioso. Daí a diversidade de sistemas filosóficos, de conceitos científicos e de postulados religiosos — todos traduzindo verdades relativas ao gradativo progresso intelectual e moral do homem. Todavia, a despeito dessa diversidade, e até mesmo no terreno misterioso da religião, há hipóteses que se nos apresentam com tamanha evidência, que, independentemente de provas objetivas, somen-

te por seu valor racional, se nos impõem como verdades irretorquíveis. Haja vista a lei da reencarnação — a palingenesia da criatura humana. De fato, contemplado que seja o trágico panorama do destino humano, horripila-se-nos o corpo todo diante do espetáculo cruel exibido por um Criador paradoxal, que, dotado de tanto poder na criação do Universo e de tanta sabedoria na formulação das leis que o regem, aparenta total indiferença à sorte das criaturas humanas! Com efeito, ao lado de criaturas dotadas de numerosos predicados, com um corpo formoso e sadio, uma vida de opulência e de requintado conforto material e elevado posto na hierarquia social, um aleijado paupérrimo, maltrapilho, tiritando de frio, implorando, famélico, a esmola de uma côdea de pão dormido... Um héracles pletórico de vida e saúde, de beleza apolínea, ao lado de um anão horrendo e desnudo... Uma mulher de fascinante beleza, ostentando plástica arrebatadora, levando de rojão homens imprevidentes, e outra, coitada, de arco-bouço torturado, desarmônico, mal acabado, coxa ou estrábica, ou estrábica e coxa concomitantemente, caminhando cabisbaixa, humilhada com sorrisos que fulminam e motejos que arrasam... E sempre, sempre a diversidade, a desigualdade, a terrível injustiça na distribuição dos destinos humanos! E como conciliar a desgraça da criatura com a bondade ou, pelo menos, com a justiça do Criador, se se negar a reencarnação? Se todos são filhos de Deus, e, ao serem criados, nenhum apresenta méritos ou deméritos, que justifiquem destinos diferentes, é evidente que, para ser estritamente justo, Deus deveria tê-los criado exatamente iguais em tudo e por tudo. Fugir pela evasiva da “predestinação” é agravar a situação do Criador. Porque criar um Espírito para uma encarnação miserável e atormentada, com a idéia deliberada de, ao depois, quando terminar a encarnação, premiá-lo com privilegiada situação no céu, é, positivamente, maquinar revol-

tante injustiça, de vez que não há proporção entre a efêmera vida atribulada na superfície terráquea e a eterna vida de felicidade no fictício céu dos teólogos. Como se vê, uma hipótese que, ao invés de exaltar os excelsos atributos divinos, rebaixa Deus ao nível de um régulo caprichoso e tremendamente injusto; pois, nesse caso, quem não preferiria nascer marcado pela dor, para obter, após a morte, eternamente, um lugar melhor do lado de lá, quem? Por outro lado, tentar disfarçar a injustiça da desigualdade dos destinos com a desculpa de que, de toda forma, a humanidade inteira estaria perdida, porquanto ninguém se salva senão pela “graça divina”, isso já é mais do que abusar do direito de ser néscio, porque é afrontar a perfeição do Criador!

Entretanto, se se admitir, com o Bramanismo, com o Budismo, com o Espiritismo e com o Neo-espiritismo, a pluralidade de vidas ou a reencarnação, tudo se torna claro e logo transparece a justiça de Deus, inspirada no amor. De fato, consoante explica o Neo-espiritismo, todas as criaturas humanas foram criadas potencialmente idênticas. As atuais diferenças assinalam diferentes estágios de evolução espiritual. Espíritos criados há mais tempo e, por conseqüência, mais vividos e experimentados, já conquistaram valores mentais e morais que lhes asseguram melhor situação no esquema das encarnações terrenas; outros, mais novos ou mais rebeldes à correção, permanecem em nível espiritual mais baixo, presos a tendências e paixões deletérias. Mas, de toda maneira, o roteiro é o mesmo para todos. O preço da conquista da eterna felicidade é a aquisição da perfeição — perfeição que se adquire em séculos e séculos de lutas em prol da lapidação espiritual. Nessa luta de auto-aperfeiçoamento pode haver, e há indefectivelmente, períodos de quedas intercalados com surtos de ascensão. Ascensão moral umas vezes; outras vezes, ascensão intelectual. E, se a evolução é maior, ascensão biva-

lente — moral e intelectual. Todavia, por pior que seja o fracasso, não haverá castigo eterno, porque a justiça de Deus se inspira no amor por suas criaturas!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Reencarnação — Justiça Divina

Empolgado pelo poder da razão, o mundo atual não aceita um Deus antropomórfico, apoucado em seu ser, dominado por paixões, a vociferar vinditas e a exigir holocaustos. Por isso, vultos representativos da cultura moderna aderiram ao *Zaratrusta* de Nietzsche e propalam a morte de Deus.

Todavia, o verdadeiro Deus, o Deus cósmico, que está, e sempre esteve, na consciência dos iluminados, não é essa caricatura imaginada por primitivos ingênuos e ignaros.

Na verdade, o Deus autêntico ultrapassa a craveira dos sentidos e transcende os limites da razão: é, portanto, incognoscível em sua essência. Sem embargo, evidencia-se-nos na apoteose da criação; manifesta-se-nos na sabedoria que preside às leis naturais. Como criador e mantenedor do Universo, desafia competição: é único em sabedoria e poder. Mas, como juiz, distribuidor de destinos, carece de compreensão. Porque a lógica e a justiça exigem que criaturas idênticas tenham idênticos destinos. Ora, não sendo evidentemente iguais os destinos humanos, força é supor-se que as criaturas não são iguais. Por conseguinte, de duas uma: ou foram criadas iguais e, em virtude do próprio arbítrio, conquistaram valores diferentes, que justificam a diversidade de sortes; ou foram, originalmente, criadas diferentes, hipótese em que Deus se nos revela parcial e dotado de preferências por certas criaturas e

de idiosincrasias por outras! Como não se pode admitir, em sã consciência, que um Criador tão sábio e poderoso, no que diz respeito ao mundo material, seja, ao mesmo passo, tão arbitrário e injusto no que concerne ao destino da obra-prima da natureza — o homem — é evidente que deve cair a hipótese da diversidade original e intrínseca da criatura humana, para prevalecer, exclusivamente, a assertiva de que os homens, ou melhor, o Espírito dos homens é criado idêntico para todos — a mesma ignorância e as mesmíssimas potencialidades para o progresso intelectual e moral. Nessa hipótese, a divergência surgiu com as experiências vividas, nos limites do relativo arbítrio de que o homem pode dispor e consoante o esforço realizado no sentido do crescimento espiritual, quer no plano intelectual, quer no plano moral. Entretanto, para que essa hipótese seja válida, é mister que se admita a palin-genesia. Sem reencarnação, não há justiça de Deus.

Para justificar tanta diversidade de destinos e tanto sofrimento sem motivos aparentes é imprescindível que tenha havido vidas anteriores, cujas ações se refletem no presente. Aliás, o fato não escapou à intuição e à análise percuciente de antigos “iniciados” e de inspirados filósofos. Já afirmei, em artigos anteriores, que na vetusta e venerável Índia, a lei das reencarnações era propalada oralmente desde setenta séculos antes do nascimento de Jesus! E não só na Índia, como no Egito, na Caldéia, na Pérsia, na Gália, na Grécia e em Roma, por todo o mundo civilizado, enfim, a lei da reencarnação era esclarecida nos santuários e discretamente propalada entre os profanos.

De fato, reforçando os testemunhos já mencionados, citarei mais alguns. Na Pérsia, por exemplo, onde o Islamismo sufocou a lei da reencarnação apregoada pelo Masedeísmo, perduram, nada obstante, no novo Corão, onde se expõe a doutrina secreta do Islam, textos significativos, como este:

“O homem, que morre, vai a Deus e renasce, mais tarde, em um corpo novo; o cadáver fica no túmulo; o Espírito volta à matriz... O homem só é imortal em seu corpo espiritual, o qual nunca apodrece; ele chora saindo de seu corpo e chora quando entra novamente.” Como se vê, a lei da reencarnação não era desconhecida na antiga Pérsia.

Desconhecida não era também na antiga Gália. Amieno Marcelino, confirmando Pitágoras, relata que os celtas creram na imortalidade da alma e na reencarnação. Fato confirmado por Pompônio Mela, Diodoro de Sicília e pelo próprio conquistador da Gália — César.

Na verdade, a cosmologia druídica divide o Universo em três círculos: o da imensidade — morada de Deus; o da felicidade, onde chegam, de provas em provas, as almas aperfeiçoadas; o das viagens, onde demoram as almas que ainda não puderam alcançar o círculo da felicidade. A Terra está enquadrada no círculo das viagens. Aí chegam Espíritos de mundos inferiores, que lograram aperfeiçoar-se, e Espíritos de mundos superiores, que fracassaram. Como se infere, um mundo de vida transitória, habitado por Espíritos heterogêneos, em virtude da disparidade de evolução. De toda sorte, a convicção dos druidas era tão grande que, como afirma Valério Máximo, emprestavam dinheiro nesta vida para receber na próxima encarnação!

E é pena que, dentre as centenas de criaturas desesperadas que me escrevem suplicando o apoio do Espiritismo para casos dolorosos, não haja uma parcela, ao menos, da convicção demonstrada pelos druidas. Porque, na realidade, há provações que se explicam pelas faltas cometidas em anteriores encarnações.

Eis um exemplo. Vem da Bahia. A paciente mora à Avenida Beira Mar, em Salvador. Há toda uma família traumatizada, com a presença duma retardada mental, com acentuado

desequilíbrio psíquico. Foi a única, numa família constituída de seis pessoas normais e realizadas. A criação foi um drama, onde se destaca a figura heróica duma mãe a lutar, diuturnamente, por uma recuperação impossível. Tudo difícil. Andou com três anos e falou na mesma época. Era um falar tatibitati, quase incompreensível. Depois, pouco a pouco, a expressão verbal foi melhorando. Mas o comportamento permaneceu na idade mental de cinco anos, apesar de já contar mais de trinta. Com exceção da mãe, ninguém conseguiu alfabetizá-la. Foi sempre problema: pirracenta, agressiva, autoritária e intrigante. A medida que os anos decorriam, maiores problemas e maiores sofrimentos eram criados, no seio da família, pela ação deletéria da retardada, que, no auge das discussões, deixava transparecer diabólica alegria. Com isso todos sofreram e ainda sofrem. Sofreram e sofrem principalmente porque não encontram explicação nem para as deficiências neuroglandulares da moça, nem para o seu estranho comportamento. E já tentaram tudo, com vários especialistas, sem resultado. Contudo, a mãe (sempre a mãe!) não se conforma e não perde a esperança. Não se conforma, apesar de católica, de ter nascido assim a caçula, enquanto os outros filhos são normais. E não pode entender como uma inocente vem ao mundo com destino tão cruel! Ora, para quem conhece a filosofia espírita, não é difícil identificar, na encarnação da retardada, um Espírito faltoso, que abusou da inteligência para o mal.

Todavia, no desejo de ajudar à velhinha inconformada com a provação da filha, vali-me de amigos da vida espiritual, para rebuscar, no passado, as origens do presente. E fiquei perplexo com os quadros que se me depararam! Vi a representação de cenas terríveis, de crimes ominosos, provocados por truculento senhor de escravos, lá mesmo, na Bahia! À extremada mãe, mandar arrancar dos braços, sob o flagelo do azorrague,

a filha virgem, para estupro bestial; à humilde escrava indefesa, por desobediência insignificante, mandar depilar, um a um, todos os fios de cabelo da carapinha, martírio que redundou em morte por infecção; a pequeno proprietário vizinho, obrigar a assinar depois de amarrado e com um olho já vazado a ferro em brasa, a venda hipotética do sítio, que era o pão de sua família; e, ao depois, por sadismo, vazar o outro olho também, cegando monstruosamente um inocente; e mais, para que o crime não se propalasse, outro crime maior — o assassinato da vítima! Tudo para aumentar a área da fazenda, onde jaziam enterradas arcas pejudadas de moedas...

Hoje, o criminoso de ontem está encarnado como a moça retardada e todas as vítimas estão reunidas na família, na tentativa sublime de reconciliação!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Considerações em Torno da Reencarnação

Dentre outros argumentos que tenho ouvido contra a lei da reencarnação, quero destacar um, bastante original, invocado, dum feita, em palestra radiofônica, por conhecido dirigente dum instituição, que, dizendo-se espiritualista e realizando sessões públicas de manifestações espíritas, é, infelizmente, por muitos considerada autêntico Centro Espírita. Criticando a reencarnação, e, dentre os reencarnacionistas, particularmente os espíritas, dizia o pregador que, desorientados pela teoria da palingenesia, os espíritas perdiam a exata noção da caridade, deixando de amparar os semelhantes, sob a alegação de que, seja qual for a situação, o sofredor está pagando erros passados, e, por conseqüência, para seu próprio bem, deve continuar a sofrer, não carecendo de auxílio de ninguém. Argumento, assim, tão contrário à verdade dos fatos, só da boca de certos padres me fora dado ouvir até então. Mas esse doutrinador, a despeito de não vestir sotaina, e não obstante dirigir um Centro Espiritualista, em matéria de dialética, demonstrou nada dever ao maquiavelismo clerical. Porque se há pecha de que se não pode argüir o Espiritismo é essa de não praticar a caridade. E, para prová-lo, bastaria rápido levantamento das obras assistenciais do País. Ver-se-ia, imediatamente, que maioria é constituída de institui-

ções espíritas. E de instituições, que, precisamente por serem espíritas, lutam contra óbices quase irremovíveis, inclusive, não raro, com a má vontade dos próprios órgãos do governo, que têm o dever de ampará-las, na benfazeja ação social que exercem.

Entretanto, a despeito de tudo e de todos, os espíritas, mercê da obstinação com que se dedicam ao bem do próximo, vêm realizando, no Brasil, uma obra social que não teme confrontos. O que não fariam, pois, se o governo lhes desse a décima parte do que dá anualmente às instituições católicas?

Rebatendo, pois, à crítica do espiritualista anti-reencarnacionista, devo esclarecer, inicialmente, que, ao contrário do que ele deixou transparecer em seu aranzel, não cabe ao Espiritismo a paternidade dessa lei.

Como é notório, desde muitos séculos, a reencarnação era admitida, como lei geral, para todas as criaturas humanas, pelos “iniciados” nos mistérios de várias formas de esoterismo, sobretudo na Índia, onde se deve procurar a verdadeira fonte dessa crescente corrente de revelação divina, que, através dos séculos e por intermédio de diferentes profetas, dentre os quais o maior foi Jesus de Nazaré, veio a transformar-se, hodiernamente, nesse vasto oceano de sabedoria divina, que é o Espiritismo. Não foi, portanto, o Espiritismo quem inventou a reencarnação; e tão antigo é o conhecimento dessa lei divina que impossível se torna localizar, no tempo e no espaço, a origem dessa preciosa revelação, vislumbrada desde os primórdios da civilização.

Na verdade, o Espiritismo, como Doutrina codificada sob inspiração direta de Espíritos missionários, que falavam em nome de Jesus, o maior dos profetas até hoje encarnado, incorporou, como não poderia deixar de incorporar, a lei da reencarnação entre os postulados fundamentais de sua filosofia. E não poderia deixar de incorporar ao seu patrimônio

divino a lei da reencarnação, por dois motivos: primeiro, porque há fatos irrecusáveis, que comprovam a realidade das vidas sucessivas; segundo, porque somente à luz da lei da reencarnação é possível conciliar a bondade de Deus com as trágicas injustiças que se nos deparam nas diferenças dos destinos humanos.

Penetrando no terreno do hipnotismo, do sonambulismo e do mediunismo, advirto que: através dos dados obtidos nas experiências de regressão de memória, das informações fornecidas pela clarividência que acompanha certos estados do sonambulismo magnético, hoje injustamente relegado; e, também, por intermédio das provas colhidas através da mediunidade, a reencarnação deixou de ser uma hipótese, para tornar-se, presentemente, uma lei irrefutável, negada, apenas, pela negligência dos que não querem estudar, nem pesquisar ou pelo fanatismo dos que não se querem desapegar de crenças obsoletas. Todavia, para não me alongar muito, sou forçado a restringir a comprovação a um caso apenas. Caso pessoal, é verdade, mas, a despeito do subjetivismo da prova, a demonstração a *posteriori* valorizou-a sobremaneira perante os que o comprovaram como testemunhas oculares. Tal qual ocorreu com outros filhos, quando minha filha estava para nascer, essa mesma filha adorada, que, hoje desencarnada, continua ligada a mim por profunda afeição, participando, do outro lado da vida, dos ideais do pai, meu Espírito foi transportado, certa noite, a um plano onde eu a pude ver, em quadros pitográficos, à maneira de cenas de um filme. Vi-a, primeiramente, encarnada como minha esposa, jovem e bela, sentada ao piano, dedilhando belos acordes e cantando, com perfeição, difícilíssima ária de afamado compositor dos princípios do século passado. Ao mesmo tempo, por misterioso desdobramento, vi-me a seu lado, com outro corpo, mas com a consciência de que, naquela ocasião, eu era, de fato, o outro,

e que a cantora era, realmente, minha esposa, havendo grande e sincero amor entre nós. Em seguida, uma voz me preveniu que eu ia vê-la tal qual ela iria encarnar como minha filha. Surge-me, então, à frente, um médico, ou melhor, um obstetra, vestido de acordo com a função, a segurá-la, pelos pés, de cabeça para baixo; linda menina, que mais parecia uma boneca, de bastos cabelos negros — tudo como se, naquele momento, a criança acabasse de nascer e a posição visasse evitar a penetração de mucosidades nos brônquios. Entrementes, sentindo minha preocupação, o colega, como que num passe de mágica, se me apresentou, logo depois, sorridente, com a menina de pé, retesada, na palma duma das mãos: e, voltando-se para mim afirmou: “Você a teve como esposa; tê-la-á, agora, como filha — é assim que ela nascerá.”

Ora, minha esposa estava ainda no início da gravidez, quando o sexo não poderia ser determinado e muito menos adivinhada a aparência física da criança. Todavia, tão forte foi minha convicção que, havendo prometido às empregadas que, se acaso me nascesse uma filha, eu daria três vestidos a cada uma, ao acordar, não hesitei em providenciar a compra dos presentes, cumprindo a promessa, antes do nascimento da criança.

Entretanto, decorridos sete meses, a menina nasceu igualzinha a que eu vira em sonho! De modo que, pelo menos para mim, minha esposa e duas domésticas, não houve surpresa nesse nascimento. É que o sonho premonitório não proveio de meu subconsciente, como poderiam supor os freudianos, prova-o o fato de que, desde que principiou a falar, com certo desembaraço, minha filha nunca suportou que a mãe me chamasse “meu marido”. Sempre que ouvia tal tratamento, irritava-se e, agarrando-se em mim, protestava que eu era seu marido! E o curioso é que, nessas ocasiões, numa espécie de devaneio, ela, numa evidente reminiscência do passado,

revivia a cena que me foi permitido contemplar em sonho. Com grande firmeza, dizia, então: “Ele é meu marido!... eu tocava num grande piano de cauda e cantava para ele...” Isso durou até quase a idade de três anos. Depois, tudo caiu no olvido, não insistindo mais na afirmação de que eu era seu marido, para aceitar-me como pai.

Eis o fato. Não vejo, fora da reencarnação, como explicá-lo. E, como ele, existem, na literatura espírita, uma centena doutros, que comprovam as vidas sucessivas. Portanto, a favor da reencarnação, não falam somente os argumentos — gritam os fatos. Não há negá-la. É verdade demonstrada. Todavia, o que não se sabe é em que se baseou o espiritualista a que me referi para afirmar que, por justificar as provações, a teoria da reencarnação endurece o coração de seus partidários, desviando-os da prática da caridade. Muito ao contrário. Se, por um lado, as vidas sucessivas explicam porque, a despeito da bondade do Criador, há provações tão dolorosas, por outro lado, o reencarnacionista, espírita ou não, vê, em seu semelhante, um provável amigo ou parente, talvez, de vidas passadas e, por conseguinte, trata o próximo como antigo membro da família. Logo, a reencarnação, pelos vínculos que estabelece através de vidas sucessivas, expande e fortalece a fraternidade entre as criaturas terrenas. O empregado que nos serve, da mesma forma que o esmoler que nos aborda na via pública, são, de fato, nossos irmãos e, muito provavelmente, antigos companheiros de anteriores existências, aos quais devemos amparo moral e material, talvez mais moral do que material...

Em conclusão: o conhecimento da lei da reencarnação estimula de mil modos, e em todas as oportunidades, a confraternização dos homens e a prática desinteressada da caridade — exatamente como procedem os verdadeiros espiritualistas.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

15

Pitágoras, Platão e Sócrates Comprovaram a Reencarnação

As pessoas que gozam saúde e estão dotadas de recursos materiais, dificilmente meditam no colossal número de criaturas que estão atormentadas pelos mais cruciantes sofrimentos. Sofrimentos físicos ou sofrimentos morais. Na maioria, sofrimentos morais e físicos, conjuntamente.

Eu próprio, que, em minha longa carreira profissional, tenho estado em contato permanente com a dor alheia, não imaginava a extensão e a profundidade do sofrimento em nossa Pátria. Máxime porque, em muitos casos, a aparência forçada disfarça o drama íntimo.

Todavia, bastou-me o testemunho público da cura de J. Silvestre e algumas palavras esclarecedoras do valor da filosofia espírita, para ver-me envolvido em aterradora avalanche de cartas, suplicando-me socorro. Em poucos dias, cerca de três mil cartas chegaram à TV Tupi e mais de oito mil à SEPE. De todos os recantos do Brasil: do Amazonas, do Pará, do Acre, de Rondônia, do Ceará, de todos os estados do Norte até do Rio Grande do Sul, milhares de criaturas aflitas e doentes desesperados suplicando orientação médica e conforto moral, criando-me angustiante drama de consciência em virtude da impossibilidade material de responder a milhares de cartas.

E ainda que contasse com eficiente equipe, não poderia fazê-lo, de vez que, nas consultas médicas, não seria decente devassar o segredo confiado ao profissional; e, nas solicitações de conforto moral e de orientação doutrinal, não me arriscaria a transmitir a outrem a responsabilidade, tamanho o apreço que me merece o Espiritismo, tão deturpado ainda por falsos adeptos quanto caluniado por adversários sem escrúpulos!

Na verdade, na complexa e insolúvel conjuntura, um único caminho se me deparou: incentivar a continuação dos tratamentos com os respectivos médicos assistentes, muitos deles brilhantes e de grande nomeada, e rezar diariamente por todos, enquanto aguardava oportunidade de lhes mandar uma mensagem fraterna e estimulante. É o que pretendo fazer, brevemente, nesta coluna, com a devida discrição, omitindo alguns dados, para evitar a identificação. Porque, na realidade, a imensa maioria dos casos, inclusive os que, numa média de mil cartas mensais, continuam a chegar à SEPE, oriundas de todo o território nacional, são problemas relacionados com a mediunidade, e, por conseqüência, dependentes da prática do Espiritismo autêntico, revelado pelo Mundo Espiritual e codificado pelo Professor Rivail, mundialmente conhecido pelo pseudônimo de Allan Kardec. E, dentre tais casos, grande parte só se explica à luz da pluralidade de vidas, de tal sorte que, vidas anteriores, impregnadas de erros, vícios e crimes, possam justificar nascimentos marcados por cruéis deformidades corporais ou por graves deficiências mentais.

De resto, afastada a hipótese da multivivência em sucessivas reencarnações, não há explicação lógica para a justiça de Deus. Ao contrário, todas as invenções, forjadas pelas religiões que negam a reencarnação, agravam a parcialidade do Criador, rebaixando-O ao nível de um juiz atrabiliário e cor-

rupto, totalmente insensível aos méritos e deméritos de suas próprias criaturas!

Ora, é exatamente para evitar esse aviltamento do Criador, transformado pela ignorância humana num Deus antropomórfico, que o mundo atual não aceita e que alguns teólogos afoitos, trilhando as pegadas de Nietzsche, resolveram matar e, outros, imitando Sartre, colocaram “entre parênteses”, é para evitar esse aviltamento do Criador que urge dar ênfase à lei das reencarnações e à de causalidade moral que as interligam, no tempo e no espaço, para a perfeição final e completa felicidade de todas as criaturas!

Daí a necessidade de mostrar o valor inestimável dessa revelação divina, captada desde muitos séculos, pelos “iniciados” ou seja — pelos “médiums” da Índia e, de lá, difundida nos santuários do Egito, da Caldéia, da Pérsia, da Grécia, de Roma... e, finalmente, consolidada, nas provas do Espiritismo.

Citei, no último artigo, alguns textos do *Bhagavad-Gita*, de Heródoto e de Virgílio. Hoje, principio por Platão, valendo-me do *Fédon*. Baseado na lei dos contrários, e partindo do princípio de que a morte é o contrário da vida, Sócrates, no diálogo com Cebes, depois de afirmar que “os vivos não nascem menos dos mortos do que os mortos dos vivos”, admite que “os mortos estão em qualquer parte, donde voltam depois à vida”. E, ao discutir a justiça divina, opina que um indivíduo que, “tendo bem filosofado e, assim, aprendido a bem morrer”, ao desencarnar “passa a viver com os deuses por toda a eternidade”.

Em contraposição, Platão, como se fora Sócrates, ensina que “uma alma impura, apegada ao corpo, embriagada por ele a ponto de crer que nada havia de real fora do que é corpóreo, do que se pode ver, tocar, beber e comer, ou o que serve para os prazeres do amor, é arrastada para este mundo

visível, pelo temor do mundo invisível e erra nos cemitérios, em volta dos túmulos, conservando qualquer coisa da matéria, que ainda a torna visível”. Isso, aliás, é fato sabido, inclusive pelos sectários de atrasados cultos africanos, que trabalham com “linha de cemitério”.

Prosseguindo, no entanto, no diálogo, Sócrates, pela pena de Platão, aventa a hipótese da metempsicose, admitindo que “os que fizeram do ventre o seu Deus e nunca amaram outra coisa além da intemperança” possam encarnar em jumentos ou em animais semelhantes!

Sem embargo, tal como os egípcios, Platão não restringia a reencarnação à metempsicose, pois, terminada a fase purgatorial, em corpos de irracionais, os Espíritos voltariam “aos corpos humanos, formando homens de bem”.

Como se vê, Platão andou próximo da verdade. É mais do que provável que Sócrates, que, infelizmente nada escreveu, mas que era “médium clariaudiente”, que “ouvia” instruções de seu “demônio” ou melhor — de seu Guia, é mais que provável, repito, que Sócrates sabia que as encarnações só se repetem no corpo humano, embora Espíritos atrasados possam permanecer algum tempo “imantados” a animais, como se a eles estivessem ligados por compulsão hipnótica!

Por outro lado, Pitágoras que, como Platão, estivera em contato íntimo com Mestres da Índia, propalava a lei da reencarnação, ensinando que, “na vida e em todas as mortes que sucessivamente temos, recebemos o tratamento que naturalmente merecemos”. Exatamente como ensina o Espiritismo.

16

Da Universalidade da Doutrina da Reencarnação

Contrariamente ao que se poderia imaginar, a teoria da reencarnação — ponto básico de várias doutrinas religiosas é antiqüíssima, pois crava suas raízes no seio da primitiva civilização ariana.

Com efeito, nos *Rigvedas*, livros sagrados dos brâmanes, cujos primeiros versos remontam a mais de 1500 anos antes da Era Cristã, e que, no abalizado parecer de Max Müller, constituem a “primeira palavra falada do homem ariano”, já se encontram ensinamentos deste jaez: “Eis-me, de novo, revestido de um corpo...”

Ora, estar de novo revestido de um corpo outra coisa não pode ser senão estar outra vez encarnado. Logo, a reencarnação já era admitida pelos “iniciados” brâmanes pelo menos quinze séculos antes do nascimento de Jesus!

Por outro lado, mais clara se nos apresenta ainda a teoria da reencarnação ou das vidas sucessivas, no *Bhagavad-Gita*, o Canto do Senhor, que, no conceito de Lin Yutang, brilhante escritor chinês convertido ao Cristianismo, é o equivalente hindu do famoso *Sermão da Montanha*. De fato, aí, nessa verdadeira “essência dos *Vedas*”, como o qualificou renomado crítico, Krisna, o Mestre de Arjuna rasga o véu do mistério sagrado, declarando francamente: “Eu tenho muitos nasci-

mentos; e tu, também, Arjuna”. E, para que não pairasse a mínima dúvida no Espírito do discípulo amado, acrescentou, sem rodeios: “Assim como o homem despe as roupas velhas e veste outras novas, assim, também, a alma, despindo os corpos gastos, entra em outros, novos”.

Essas e muitas outras passagens dos livros sagrados, demonstram a aceitação da teoria das vidas sucessivas, desde os primórdios da civilização ariana. E não se vá supor que essa teoria ficou adstrita à pequena parcela da humanidade, confinada, apenas, à remota área asiática. Não! Também entre os egípcios, os persas, os gregos e os romanos fez fortuna a teoria das vidas sucessivas, embora em algumas escolas iniciáticas se tenha admitido, erradamente, a transmigração da alma castigada para o corpo dos animais, forma humilhante de reparação dos delitos cometidos durante a vida terrena, que serviu de tese, no *Fédon*, ao gênio imortal de Platão.

Contudo, anteriormente ao brilhante intérprete do pensamento socrático, Pitágoras, outro gênio, que, dentre muitos mais, teve o mérito de transportar, para a gloriosa Hélade, a mimosa flor da “iniciação” hindu, já ensinava a seus discípulos que “na vida e em todas as mortes, que, sucessivamente, temos, recebemos o tratamento que naturalmente merecemos”; ensinamento este que se não restringe, como se vê, à teoria da reencarnação, pois abrange, também, uma sanção moral, após cada encarnação — hipótese que afasta *in limine*, a pavorosa concepção patrística do Inferno eterno para punir pecados efêmeros e crimes eventuais...

E prosseguindo, nessa rápida incursão histórica, não podemos deixar de mencionar outro grande pensador da antigüidade, Plôtino, filósofo e “iniciado” que, nas *Enéiades*, afirma textualmente que “é dogma de toda antigüidade, e universalmente reconhecido, que, se a alma comete faltas, é condenada a expiá-las, sofrendo punições nos infernos tenebro-

sos, sendo, depois, admitidas a novos corpos, para recomençar suas provas”.

Dado o sentido do texto, é evidente que por infernos tenebrosos não se deve subentender que existem vários infernos idênticos aos imaginados pelos teólogos católicos e protestantes, mas tão-somente planos de purgação, onde, a despeito de haver trevas e sofrimentos, os castigos são corretivos e, por conseguinte, duram, apenas, o tempo necessário à regeneração do réprobo, dando-se-lhe, em seguida, novas oportunidades de evolução espiritual, até que um dia alcance a perfeição — meta final de todas as criaturas de um Deus verdadeiramente sábio e bom.

De resto, talqualmente como Plômino, Porfírio e Jâmblico, filósofos ambos, e ambos “iniciados”, também participavam da mesma convicção, isto é, da que todos nós temos muitas vidas — tantas vidas quantas as necessárias à aquisição da suprema perfeição — destino comum de todos os homens!

De idêntico modo, os druidas, sacerdotes entre os celtas, bretões e gauleses, dotados de vasta “iniciação” nos mistérios do Mundo Espiritual, proclamavam, como fato indubitável, a lei das reencarnações. E tão expandida estava entre o povo, e, sobretudo, entre os gauleses, esta convicção que era frequente um indivíduo emprestar bens, ou contrair dívidas, para saldar as contas na seguinte encarnação!

Em suma — a maioria da população do Globo sempre acreditou na palingenesia — única maneira pela qual se pode conciliar a bondade de Deus com a desigualdade dos destinos humanos. Duvidar da reencarnação duvida, apenas, a parcela da humanidade que, desde vários séculos, vem sofrendo a despótica influência da teologia católica e de seus remanescentes. Porque, até entre selvagens, cujos cultos estão entrosados, sistematicamente, com a mediunidade e com a comunicação com o Mundo Espiritual, até entre selvagens, repito,

deve haver, há certamente, pajés que não desconhecem a existência da reencarnação!

O mais impressionante, no entanto, é que não só no *Zohar* — valioso repositório de conhecimentos iniciáticos, que, segundo a tradição, fora confiado pessoalmente por Moisés a setenta anciãos, com a responsabilidade de preservá-lo de futuras adulterações — não só no *Zohar* como nos próprios *Evangélicos*, a lei das vidas sucessivas está implicitamente consignada!

De fato, a Nicodemus afirmou Jesus que, para ver o reino do céu, isto é, para conquistar um plano espiritual de grande felicidade, necessário se torna que o homem renasça. E como, perplexo, lhe perguntasse o chefe judeu de que maneira poderia um homem, já velho, entrar, de novo, no ventre materno, explicou-lhe, ainda, o Mestre que o que é nascido da carne, carne é, ao passo que, o que é nascido do Espírito, é Espírito, dando a entender-lhe, assim, que o que renascia não era a carne e sim o Espírito, noutra corpo.

Como é fácil inferir-se do próprio contexto bíblico, a despeito dos “retoques” que sofreu, não só na sistematização da *Vulgata*, consoante o confessa seu autor, São Jerônimo, na epístola-prefácio dirigida ao Papa Damaso, como, posteriormente, no decorrer dos tempos, por imposição de diversos pontífices romanos, como é fácil inferir-se do próprio contexto bíblico, Jesus tão admirado ficou, quando Nicodemus se lhe revelou desconhecedor da lei das reencarnações, que lhe não pôde deixar de interpelar ironicamente: “Tu és mestre em Israel e não entendes essas coisas?”

Ora, admirando-se da ignorância de Nicodemus e esclarecendo-lhe que o que renascia era o Espírito, Jesus claramente demonstrou que conhecia a reencarnação, da mesma forma que claramente provou conhecê-la, quando afirmou que João era Elias, que segundo os profetas havia de voltar!

Na verdade, para mostrar sua adesão à teoria das vidas sucessivas nada mais precisaria dizer o Glorioso Nazareno do que asseverar que João era a reencarnação de Elias, como está nos evangelhos de Mateus e de Lucas...

Todavia, não era somente Jesus que aceitava a teoria das reencarnações. Essa idéia estava expandida, também, em certas camadas populares, menos apegadas ao Mosaísmo ortodoxo. Por isso mesmo, duma feita, caminhando o Mestre em companhia de seus discípulos, ao encontrarem um cego de nascença, alguém lhe perguntou: “Mestre, quem pecou para que este homem nascesse cego — ele, ou seus pais?”

Ora, em se tratando de um cego de nascença, é evidente que, se admitida a possibilidade de estar ele cego em consequência de pecado que ele próprio cometeu, o pecado só poderia ter sido praticado antes do nascimento — fato que só se torna racional, quando se admite a preexistência. Admitida a preexistência, força é admitir-se a sobrevivência do Espírito e explícita se torna a lei da reencarnação. Aliás, se quem interrogou a Jesus conhecia a lei de causalidade moral, que entrelaça as vidas sucessivas, conhecia, *ipso facto*, a doutrina da reencarnação. Portanto, os próprios discípulos de Jesus conheciam a lei da reencarnação!

De resto, contra a argumentação dos que se apegam ao fato de não estar explicitamente defendida por Jesus a tese reencarnacionista, é preciso atentar em que, na época em que o Mestre viveu, não havia a liberdade religiosa, e que, contrariamente à maioria dos “iniciados”, Jesus falou ao povo, na via pública, dirigindo-se a pessoas que, quase sempre, não estavam à altura de compreendê-lo, prendendo-se a ele não pela palavra, mas pelas curas assombrosas que realizava. Nessas condições, o ensino perde muito em profundidade para ganhar em superfície. Além disso, Jesus nada escreveu, e o que de seu ensino existe atualmente, grande parte proveio da

tradição oral. Tudo isso — e mais as múltiplas alterações sofridas, posteriormente, nos concílios ecumênicos, contribuiu, indubitavelmente, para desfigurar o legítimo pensamento de Jesus. Mas, de qualquer modo, o que, apesar de tudo, permaneceu nos *Evangelhos*, em que pese a sibilina hermenêutica teológica, basta para comprovar que, como todos os grandes “iniciados”, também Jesus foi partidário da lei das reencarnações. E hoje, quando a humanidade progrediu a ponto de haver liberdade de consciência, o Espiritismo, como verdadeiro sucessor do legítimo Cristianismo, pode provar não só com argumentos lógicos, como, também, com fatos de observação, que a lei das reencarnações, mais do que consoladora teoria é irrecusável realidade — realidade que, dentre outras vantagens, concilia o amor divino com a justiça divina, esclarecendo o mistério da desigualdade dos destinos!

Provas da Reencarnação — o Caso de Laura Raynaud

Em palestra anterior, mostrei, em rápida síntese histórica, a antigüidade e a universalidade da teoria da reencarnação. Hoje, reforçando as assertivas dos *Rigvedas*, do *Bhagavad-Gita*, da tradição oral dos druidas, do *Zohar*, dos *Evangelhos* e de grande número de filósofos, dentre os quais posso destacar Sócrates, Platão, Plôncio, Porfírio e Jâmblico, apresento-vos um caso que se me afigura de inestimável valor comprobatório: é o de Laura Raynaud, que fora diretora da Casa de Saúde do Dr. Gaston Durville, em Paris.

Impressionado com a convergência das provas circunstanciais em favor da hipótese da reencarnação de Laura, Durville, que não fora espírita, embora tenha sido emérito magnetizador, e, por conseguinte, profundo conhecedor dos fenômenos anímicos supranormais, deliberou publicar interessante relatório sobre o caso — relatório esse que está incorporado a uma das obras de Gabriel Delanne, sendo, portanto, muito conhecido dos espíritas.

Sem embargo, falando também para leigos e cépticos, julguei oportuno divulgá-lo.

Filha de camponeses, nascera Laura em Aumont, próximo de Amiens, e desde pequenina, a despeito do ambiente inculto em que se criou, revelou inteligência acima do normal,

discutindo temas religiosos e afirmando, com admirável convicção, que já tivera outras vidas. Infensa à doutrina da Igreja, discutia com o cura da localidade, repudiando o paraíso, o purgatório e o céu teológicos e recusando-se a ir à missa, só se demovendo dessa obstinada atitude mediante a ameaça de ser brutalmente açoitada pelos pais!

Tais fatos foram revelados ao Dr. Durville pela própria mãe de Laura, que, sendo católica, muito se escandalizava com as idéias da pequena, temendo viesse ela a enlouquecer! Mas, a despeito de jamais renunciar às suas convicções, Laura não endoidou. Ao contrário, o Dr. Durville, que, com ela conviveu vários anos, afirma, taxativamente, que, “sob o ponto de vista mental, Laura é perfeitamente equilibrada”.

Entretanto, as idéias de Laura, ao invés de desaparecerem, com o decorrer dos anos, à guisa das fabulações infantis, persistiram em seu Espírito e a certeza de que já tivera uma encarnação anterior incrementou-se-lhe, à medida que ela foi atingindo a maturidade intelectual. Embora não se recordasse totalmente de sua precedente encarnação, tão nítida era a visão interior que possuía de certa fase dessa existência que a várias pessoas confiou sua convicção. Não só ao Dr. Durville, como à Mme. Dutileu, à Princesa Fazyl, do Egito, e, sobretudo, ao marido, que era muito céptico, sempre afirmou, conforme essas mesmas testemunhas confirmaram posteriormente, que, na outra vida, nascera num país de belo céu azul, cercado pelo mar, e que habitara grande mansão senhorial, de dois andares, rodeada de extenso parque, provida de amplas janelas abobadadas, situada numa colina e tendo, na parte superior, um terraço onde a si mesma se via moça, com 25 anos, morena, formosa de grandes olhos negros, sem embargo, muito doente, atacada do peito, a tossir, neurastênica e revoltada com a morte próxima... Não podia recordar-se exatamente do local, mas, à Princesa Fazyl chegou a adiantar

que propendia a admitir fosse a Itália sua antiga pátria. Todavia, estava absolutamente certa de que um dia seria levada ao teatro de suas antigas vivências.

Na verdade, Laura era clarividente; e a prova é que ao próprio Durville, bastante céptico a princípio, previu fatos relativos à vida dele, que se sucederam com matemática precisão! Além disso, Laura era médium curador. Tanto assim que, desde 17 anos, por um impulso insopitável, foi levada a “tocar” os doentes. E tantas curas admiráveis realizou que, em Amiens, verdadeira romaria afluía à sua residência, destacando-se, dentre outros homens de posição, advogados, juízes e até médicos!

Apesar de tudo, não se sabe bem porquê, Laura pouco demorou naquela cidade e, vindo a Paris, ingressou numa escola de magnetismo, onde a descobriu o Dr. Durville, convidando-a para sua colaboradora.

Tudo isso que, apesar das reiteradas afirmações de Laura, continuava sem prova objetiva, iria, agora, mudar de rumo, em virtude de um fato imprevisto. Foi quando de Nápoles veio chamado de aristocrática família italiana, pedindo a presença do afamado magnetizador parisiense. Compromissado com o Segundo Congresso Internacional de Psicologia Experimental, o Dr. Durville não pôde partir. Mas como a doente já conhecia Laura, de Paris, quando estivera internada na Casa de Saúde do Dr. Durville, deliberou, o médico, mandá-la em seu lugar. E foi providencial. Porque tal viagem deu a pista para interessantes investigações. De fato, embora nunca houvesse estado na Itália, nem fosse versada em assuntos do país, mal chegou a Turim, Laura principiou a sentir como que um deslumbramento. Tudo ali se lhe afigurava vagamente conhecido. Mas, ao descer em Nápoles, o assombro foi completo. Laura pôde movimentar-se como se a cidade lhe fosse velha conhecida. E, uma vez hospedada na residência

da enferma, que fora socorrer, logo lhe manifestou a certeza de que, sozinha, seria capaz de descobrir a casa onde vivera na antecedente encarnação, descrevendo-a, novamente, para os hospedeiros. Impressionado com a convicção da vidente, um membro da família, grande conhecedor da cidade, ofereceu-se para guiá-la em procura da casa. Não obstante, quem o guiou foi ela. Porque ao chegar diante de certa mansão, disse-lhe o cicerone, que, pela descrição, deveria ser aquela a casa. Mas Laura contestou, explicando-lhe que, para descobrir a casa verdadeira, deveriam dobrar à esquerda e subir pequena ladeira donde se descortinaria a procurada mansão. Dito e feito. Obedecida a instrução de Laura, encontrada foi uma casa, que, em tudo, coincidia com a que, desde menina, a vidente descrevia. E não foi sem grande emoção que Laura pôde afirmar-lhe: “Foi ali que morri, na flor da idade, há um século!”

De regresso da sensacional excursão, Laura, empolgada com o achado, revivendo cenas da anterior encarnação, declarou, com espanto dos hospedeiros que podia, também, adiantar que ela fora enterrada numa Igreja daquela cidade.

Terminada a missão que a levou a Nápoles, Laura, ao chegar a Paris, relatou ao Dr. Durville o emocionante encontro da mansão onde vivera na outra encarnação; e o médico, abalado com a seqüência de coincidências que a pouco e pouco, no ocorrer dos anos, vinham corporificando as idéias de sua auxiliar, resolveu pôr-se em campo para apurar a verdade. Sabedor de que os óbitos da família italiana que, desde várias gerações, vinham ocupando aquela mansão napolitana, estavam registrados na paróquia de S. Francisco de d’Albaro, Durville escreveu a um amigo residente em Nápoles, encarregando-o de apurar os fatos. E o resultado foi ter sido encontrado o registro do óbito duma senhora, cujo prenome era Joana e cujo sobrenome o escritor deixou velado por discreto

S maiúsculo, a fim de evitar complicações com os descendentes da família, que, talvez, não aceitassem, de bom grado, tão inopinada prova de reencarnação, com o inesperado parentesco da médium francesa, filha de humildes camponeses.

Contudo, a verdade é que os informes obtidos na Itália vieram comprovar as assertivas de Laura. Residiu, outrora, naquela casa, uma mulher cuja vida coincidia pasmosamente com a descrita por ela como sendo sua anterior encarnação. Ainda mais — provado ficou, também, que esta tal Joana fora, de fato, enterrada na igreja de Notre-Dame-du-Mont, confirmando o que afiançava Laura.

Até aí, portanto, todos os indícios estavam a favor de Laura. Entretanto, melhor prova seria dada, por intermédio duma sensitiva, cliente do Dr. Durville, que ignorava completamente tais fatos.

Foi assim: Durville acabava de receber da Itália, juntamente com a carta do amigo, a certidão do óbito de Joana e a confirmação de tudo que Laura afirmava sobre sua encarnação em Nápoles. Muito ocupado, não pôde ler a correspondência, verificando, apenas, que era da Itália e do referido amigo. Não tomou, entretanto, conhecimento do conteúdo. Aproveitando-se, no entanto, da magnetização de Mme. d'Elphes, teve a idéia de fazer com ela uma experiência de clarividência. Por isso, interrogou-a sobre o teor da correspondência que lhe chegara da Itália aquela manhã. Com surpresa, viu a sensitiva transportar-se, em espírito, a Nápoles e descrever a cena que Laura sempre lhe descrevia, isto é, uma moça formosa, morena, de grandes olhos negros, a passear no terraço duma mansão de estilo renascença italiana, afetada por pertinaz tuberculose pulmonar, que a mataria brevemente. Instigada pelo magnetizador, a sensitiva, em transe, viu, depois, o esquife enterrado na Igreja, deparando-se-lhe, ainda, uma espécie de arco-íris que ligava aquele porto italiano ao norte

da França; e, estimulada pelo magnetizador, pôde verificar que Joana, depois de longos anos de vida extraterrena, voltara à Terra, encarnada em Aumont, cuja casa, modesta e desconfortável, descrevera com precisão, deparando-se-lhe a visão duma menina, que outra não era senão Laura, toda vestida de azul, inclusive as meias, indumentária obrigatória, durante sua infância, por estulta promessa da mãe, que, assim, imaginava agradecer a Nossa Senhora!

Ora, ignorando tudo a respeito de Laura, inclusive esta história de, por tola promessa, ser uma criança obrigada a vestir-se somente de azul, a sensitiva não poderia ter mistificado. E como certos fatos por ela revelados eram também desconhecidos pelo Dr. Durville, fica, *ipso facto*, eliminada a hipótese de sugestão verbal ou telepática. Nessas condições, a única explicação satisfatória é a admitida por Laura, e, com ela, provada fica, mais uma vez, a reencarnação!

Donde se infere que a teoria da reencarnação não conta apenas com a tradição religiosa e com a lógica dos argumentos: tem, a seu favor, fatos irremovíveis, comprovados rigorosamente, por numerosos observadores, em várias partes do mundo. E ainda bem. Porque só com as vidas sucessivas é possível conciliar a bondade do Criador, com a aparente arbitrariedade dos destinos humanos, onde, via de regra, não se vislumbram quaisquer resquícios de justiça!

Em resumo: a revelação da lei das reencarnações descortinou à criatura sedenta de amor divino, ao invés de um Deus antropomórfico, atrabiliário e caprichoso, um Criador, na verdade, sábio e justo — e mais do que justo e sábio — infinitamente bom, que reserva para todas as criaturas, sem exceção alguma, a glória duma vida eterna, aureolada de indestrutível felicidade — sublime galardão que cada qual deverá conquistar por seus próprios méritos, não como privilégio da religião que professa, mas pelas obras que pratica... e pelas virtudes que conquista!

Provas de Sobrevivência I

Contra a argumentação dos que afirmam que, através dos médiuns, os habitantes do “outro mundo” podem comunicar-se conosco, os adversários costumam invocar várias hipóteses, todas tendentes a explicar os fenômenos como simples decorrência de faculdades pouco conhecidas do próprio homem, sem interferência da alma dos “mortos”.

Longe de mim a idéia de querer negar as faculdades cientificamente inexploradas da alma humana. Reencarnacionista sou, compreendo perfeitamente o valor do inconsciente, de vez que, para mim, da mesma forma que para todo reencarnacionista, o estoque dos fatos inconscientes ultrapassa muitíssimo os estreitos limites da presente encarnação, projetando-se no tempo e no espaço, para abarcar as aquisições das existências passadas!

Todavia, pelo fato de emprestar excepcional valor ao subconsciente, não se segue que aceite a absurda generalização freudiana, nem que me veja obrigado a restringir a explicação dos fenômenos mediúnicos ao campo exclusivo do animismo, e, conseqüentemente negar que, em dadas circunstâncias, os fatos, por si mesmos, comprovam sua origem extraterrena.

Com efeito, independentemente da personalidade do médium, através de seus sentidos ou de seus modos de expressão,

se nos identificam, muitas vezes depois de “mortos”, antigos habitantes deste mundo, que sobre comprovarem a sobrevivência do Espírito, ainda nos dão uma idéia aproximada da vida de além-túmulo, muito mais rica e variada, sem dúvida, do que a vida terrena; todavia, indissolivelmente, ligada a ela por sábia lei de causalidade moral, conforme se nos depara no exemplo que passo a citar. Antes, porém, uma ressalva. Propositadamente, faço tábua rasa das capciosas interpretações dos parapsicólogos, para deixar à apreciação dos leitores a análise do caso, que se me afigura de evidente valor probatório.

Publicado, originalmente, no *Jornal da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas*, foi um dos exemplos de que se valeu Ernesto Bozzano, para rebater as hipóteses de René Sudre contra a Doutrina Espírita.

O autor, Stuart Armour, estudioso dos fenômenos metapsíquicos, membro da referida Sociedade, estimulado pelo prof. Hyslop, mundialmente afamado pela técnica com que investigou os fenômenos espíritas, deliberou dá-lo à publicidade, relatando, em síntese, o que se segue.

Espírito dinâmico e temperamento um tanto aventureiro, Armour, dum feita, andou a arquitetar planos para abandonar a vida pacata e confortável, que desfrutava, em São Francisco, na Califórnia, e transformar-se em pioneiro, como explorador de inóspita região aurífera, localizada a mais de 350 milhas, no Estado de Nevada.

Comprado o terreno, lá esteve Armour em trabalho de prospecção, podendo, então, certificar-se, de escavações anteriormente iniciadas por tribos indígenas e travando conhecimento com os únicos habitantes daquele deserto — dois velhos mineiros, residentes a vários quilômetros de distância do mencionado terreno. Chamava-se um deles James Say e ambos haviam nascido e sido criados no Estado de Nevada,

do qual jamais se afastaram, fato importante para a tese em foco.

Desistindo, por motivos que não esclarece, do arrojado empreendimento, estava, novamente, Stuart Armour em São Francisco, quando conheceu Sarah Seal, respeitável matrona, dotada de valiosos dons mediúnicos. Inglesa de origem, a médium, vivera no Kansas e na Califórnia, nada conhecendo de Nevada nem dos negócios e aventuras de Stuart Armour.

Ora, aconteceu que, certa vez, estando a palestrar, com ela, Armour tocou no assunto da exploração do terreno que vinha de comprar. Foi quanto bastou para que a médium que era clariaudiente, isto é, que ouvia a “voz” dos Espíritos, acusasse a presença duma Entidade, que, expressando-se com sotaque irlandês, empregava tantos termos de gíria que ela sentia dificuldade de entendê-lo. De toda forma, o Espírito se mostrava muito interessado nos projetos de Armour e incitava-o a não desistir da exploração da mina.

Intrigado com o fato, Armour, por intermédio da médium, interpelou o Espírito, perguntando-lhe quem era, e porque se preocupava com a exploração da mina. A resposta foi imediata: chamava-se Phil Longford, sempre desejara, em vida, explorar o referido terreno, e, agora, morto, não sabia por que, via-se preso àquele local e ciente de que sua evolução espiritual estava dependendo da exploração da mina!

Interrogado se, porventura, conhecera James Say, o velho mineiro de Nevada, Longford respondeu que sim, mas que, naquela época, ele era ainda um rapaz. E acrescentou: “Ele deve lembra-se de mim; mas, se, acaso, houver esquecido, fala-lhe no maior comilão e no maior blasfemador da região que ele imediatamente se recordará de mim!”

Depois desse diálogo, Armour resolveu escrever a Say, perguntando-lhe se sabia algo a respeito de um irlandês chama-

do Phil Longford. A resposta foi que, de fato, conhecera o referido cidadão, mas que já falecera havia muitos anos, deixando, no entanto, um filho, que estava em Reno, naquele Estado.

Interrogado, na primeira oportunidade, se valia a pena escrever ao filho, contando-lhe a história dessas mensagens através da Sra. Seal, Longford opinou que não, de vez que o filho não acreditaria. Contudo, consolou o Sr. Armour, dizendo-lhe: “Tu te encontrarás, um dia, com meu filho e então conhecerás o vício do pai...”

E dito e feito. Um mês mais tarde, estava Armour num café, na localidade de Reno, a espera do trem, quando, a campear, completamente embriagado, vem atravessando a multidão ali comprimida, um homem estranho que a ele se dirige nesses termos: “Eu te conheço, mas não me posso lembrar o nome; vem virar um copo comigo.”

Recusando o convite, Armour tudo fez para convencer o ébrio de que ele estava enganado, pois jamais o vira. Sem embargo, o beerrão não desistiu e tanto importunou que Armour acabou concordando em ir com o desconhecido até o balcão, verificando, então, que o beerrão era de veras muito conhecido. Por isso, curioso, perguntou ao balconista quem era o borracho. E, com muita emoção, ouviu a informação de que o embriagado se chamava — Longford!

Regressando a São Francisco, na primeira ocasião que pôde estar com a Sra. Seal, a médium, que de nada sabia, ditou-lhe as seguintes palavras que estava a escutar do Espírito do velho Longford: “Agora, que já encontrastes com meu filho, já sabes o defeito do pai. Fui um bêbedo, e não é por outra coisa que me acho preso ao teu mundo. Quando te disse que me sentia preso ao distrito mineiro, que ora te preocupa, queria dizer que, por causa misteriosa, cuja explicação desconheço,

meu futuro espiritual parece estar ligado à exploração das minas que prospectei em vida!”

Encerrando aqui o extrato do relatório de Stuart Armour, quero crer que os leitores puderam aquilatar do valor desse caso, como elemento de comprovação não só da sobrevivência do Espírito como da possibilidade de os habitantes do Além se comunicarem com as criaturas terrenas, valendo-se das faculdades mediúnicas.

Na verdade, na espécie, não é admissível que Phil Longford tenha sido, apenas, um desdobramento da personalidade ou uma criação do subconsciente da Sra. Sara Seal. E a primeira razão é que a médium não só demonstrava certa aversão ao palavreado grosseiro do “morto”, como, pelo fato de ter sido ele irlandês e de valer-se do calão, não lhe compreendia o ditado, sendo necessário que o labrego reproduzisse, em linguagem menos sórdida, o prosaico jargão ininteligível. De resto, da América, conhecia a médium dois estados apenas, o de Kansas e o da Califórnia, nada sabendo sobre as minas do Nevada. Nessas condições, fica afastada a hipótese de ter sido tudo mera invenção ou uma espécie de romance subliminal da médium, como costumam afiançar, noutros casos, os adversários do Espiritismo. Porque, se assim fosse, não se obteria o testemunho do velho mineiro, que, na mocidade, conhecera Longford; nem o próprio Espírito do desbocado irlandês teria podido trabalhar no sentido de dar uma prova a Armour, pondo seu filho em contato com ele, para demonstrar-lhe que quem lhe falava por intermédio da Sra. Seal era um ser real, ex-habitante da Terra, onde, por ter sido comilão, beberão e praguejador, permanecia preso, qual novo Tântalo, tendo diante de si o alvo de seus desejos, sem poder saciá-los. E ainda mais, embora não o soubesse explicar, continuava como que acorrentado ao local, onde outrora colocara todos os seus sonhos de fortuna, de poderio e de gozo — a mina de

ouro — desse ouro vil, que tantas desgraças acarreta para os homens que não estão preparados para lidar com ele! Preso ao teatro de seus vícios e de seus anelos, vendo a comida e a bebida à sua frente e não podendo comer nem beber, grande deve ter sido, na verdade, o sofrimento desse infeliz irmão. Mas o pior foi sentir, como o Espírito estava a sentir, que seu futuro espiritual dependeria da exploração da mina, porque à velha angústia, motivada pela ganância de enriquecer, juntou-se a sofreguidão para libertar-se do ambiente a que se algemara pela cobiça, necessitando, no entanto, do concurso de estranhos!

De toda forma, tendo ou não, necessidade de permanecer no local, na posição de humilde protetor de um dos futuros trabalhadores da mina, e, pessoalmente, admito esta possibilidade, — o fato é que o drama vivido, “do lado de lá”, pelo Espírito aqui focalizado, não pode deixar de ser salutar castigo para quem, na vida terrena, fora viciado, ambicioso e praguejador — desprovido, por conseguinte, de qualquer sentimento religioso. E seja como for, vale de advertência para quantos, estando encarnados, não sabem aproveitar a oportunidade para conquistar os eternos valores do Espírito, preferindo sacrificar a saúde e, quiçá, a vida, numa luta desregrada, quando não desonesta, para a obtenção duma riqueza impossível, ou malbaratar o tempo no vício e na ociosidade, escravizado aos sentidos e dominado pelos prazeres efêmeros da carne...

É assim, pois, em contato com os Espíritos, companheiros que nos antecederam na partida para o Além, que bem podemos valorizar a vida, sentindo, no exemplo dos que já se foram, a realidade da justiça divina; e compreendendo a necessidade de nossa correção, pela certeza de que uma lei de causalidade moral liga os dois mundos — o de cá e o de lá — de tal modo que, ao morrermos, receberemos exatamente o tra-

tamento que merecermos, independentemente da religião a que hajamos pertencido e de nada valendo os títulos terrenos!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Provas de Sobrevivência II

Via de regra, quando não podem apontar a fraude, os adversários do Espiritismo preferem emprestar ao subconsciente do médium as mais inconcebíveis faculdades, contanto que eliminem da explicação dos fenômenos a temida intervenção dos “mortos”.

Contudo, se, em certos casos, a influência do subconsciente é palpável, a verdade é que, na maioria das vezes, os fatos são de tal ordem que afastam todas as dúvidas, impondo-se a manifestação dos Espíritos.

Digo mais: depois da leitura dos protocolos das investigações científicas, realizadas, desde a metade do século passado, no Velho e no Novo Continente, só por preconceito ou interesse inconfessável, poder-se-á negar a manifestação dos “mortos”.

Todavia, como a mim não me importa a opinião dos escravos do preconceito, nem as evasivas das consciências algemadas a interesses subalternos, pouco se me dá que tais indivíduos aceitem ou não, as idéias e os fatos aqui debatidos por mim. O que me impulsiona, nesses dias incertos que o mundo está vivendo, quando, de um momento para outro, pela loucura dum estadista, apocalíptica hecatombe pode varrer a civilização da face da Terra, é, apenas, o desejo de submeter ao exame das consciências livres, juntamente com a garantia

da sobrevivência da alma, uma filosofia profundamente confortadora, que extingue o temor da morte e dá forças para sofrer, em virtude de sua sublime conceituação da justiça divina, que dá à criatura humana um destino glorioso. Dar-me-ei por bem pago, portanto, se essas palestras, de alguma forma, tocarem o coração dos que me dão a honra da atenção, estimulando-lhes a curiosidade para o estudo duma Doutrina, que tem sido o encanto de minha vida e a fonte das melhores inspirações para a corrigenda das minhas imperfeições.

O caso que passo a focalizar, a par de seu valor intrínseco, apresenta, para os espíritas, um aspecto sentimental, porquanto teve o condão de converter o vibrante jornalista e brilhante teatrólogo inglês H. Dennis Bradley, conquistando, assim, para a Doutrina, valoroso combatente, cujas obras, traduzidas em diversas línguas, correm mundo difundindo a verdade.

Estando, de visita, em Nova York, Bradley foi convidado por velho amigo, o advogado José De Wickoff, russo naturalizado norte-americano, para hospedar-se em sua esplêndida casa de campo, a poucos quilômetros da fascinante metrópole.

De anteriores encontros, efetuados na Inglaterra, colheira Bradley que De Wickoff era dado à investigação dos fenômenos espíritas. Todavia, não se interessou pela questão; pois, chocado com a carnificina de 1918, e revoltado com a calamitosa situação mundial, que sucedeu à guerra, estava totalmente desiludido da religião que aprendera na infância, tornando-se céptico e, até, agnóstico.

Mais tarde, hóspede do rico advogado, não se surpreendeu muito quando ele, certo dia, lhe perguntou se, porventura, não lhe agradaria assistir a uma sessão espírita. Bradley aceitou mais por delicadeza do que por curiosidade. Diante, porém, da aquiescência do amigo, o generoso hospedeiro

mandou convidar George Valiantine, médium admirável, para passar o fim de semana com eles.

Nessas condições, em demorado contato com o médium, pôde o teatrólogo, profundo conhecedor dos segredos da Psicologia, observar a personalidade de Valiantine, que se revelou como a de um americano comum, simples no trato e no falar e que não sabia expressar-se com fluência, não revelava educação superior, nem apuradas leituras.

Em suma — a impressão do céptico beletrista foi de estar diante de homem simples e honesto, mas de pouca cultura. E como, no exemplo a citar, a manifestação se processou pela chamada voz direta, fenômeno em que, as palavras dos Espíritos, ao invés de saírem da laringe dos médiuns, formam-se, misteriosamente, em pleno ar, mesmo quando o médium, como foi o caso, está a palestrar com os presentes, Bradley fez questão de frisar que a voz do médium, embora normal e agradável, denunciava pouca instrução, fato que se chocava com a aprimorada expressão e com a perfeitíssima dicção da mensagem que recebeu!

E agora que já se conhecem os principais personagens, vejamos como, segundo o depoimento do próprio escritor, os fatos se desenrolaram. Antes, porém, devo esclarecer que havia um quarto figurante — José Dasher, estudante de Medicina, se me não falha a memória, que, como Bradley, era hóspede do plutocrata. E foram esses três cidadãos — De Wicckoff, Bradley e Dasher, que, certa noite, em companhia do médium, entraram num dos cômodos da casa, fecharam hermeticamente todas as portas e janelas e, por precaução, ainda encostaram pesados móveis nessas entradas; depois, sentaram-se os quatro em torno duma mesa, sobre a qual repousavam duas cornetas de alumínio, marcadas com faixas fosforescentes, cuja finalidade era, em dadas circunstâncias, favorecer a

condensação das ondas sonoras, tornando mais audível a voz dos Espíritos. Em seguida, apagaram-se as luzes, pois, como é fato de observação, a energia fotônica, via de regra, inibe os fenômenos, embora, com certos médiuns, dotados de grande força mediúnica, a luz, ainda que enfraqueça, não chega a paralisar as manifestações.

Sentados em volta da mesa, isolados entre as quatro paredes da sala, em plena escuridão, lá permaneceram longo tempo os quatro companheiros, quebrando a monotonia expectante com o ritmo de canções e de hinos sacros, sem que nada acontecesse. E Bradley, que, a princípio, estava com o bom humor de quem vai participar de emocionante brincadeira, entediado do ambiente e irritado com os cantos, já estava arrependido de ter entrado na chatíssima investigação. Lealmente, chegou a confessar que foi uma felicidade que os companheiros não lhe houvessem visto a fisionomia, tão torcido deveria estar seu nariz!

Sem embargo, decorridos mais alguns minutos, um fato assombroso viria compensar o sacrifício do impaciente literato. Foi que, inesperadamente, de um canto da sala, distante de todos, uma voz, cheia de ternura, principiou a chamá-lo pelo nome, revelando intimidade com o indócil espectador! Respondendo ao chamado, perguntou, friamente, o céptico escritor, o que tinha a dizer-lhe quem o chamara. Com rara eloqüência e grande meiguice, a voz exclamou: “Oh, eu te quero muito, muito!”

Chocado, com a expressão de carinho, Bradley pede a identidade de quem lhe falava assim, com tanta alegria e ternura. E, maravilhado, vê, num segundo, rasgar-se diante de si, o véu do mistério, espatifando-se o seu materialismo, com a presença do Espírito de Anne, sua irmã querida, aquela com que teve maior afinidade espiritual, a única da família que

verdadeiramente o compreendia, e que havia falecido, com grande dor para ele, havia dez anos!

Empolgado com a prova, pois, exceto ele, ninguém ali poderia saber desse fato, Bradley demorou-se em comovedor diálogo com a irmã, talento brilhante, possuidora de vasta cultura, tão agradável na expressão verbal quanto apurada na dicção, de tal forma que o afamado escritor chegou a afirmar textualmente: “Nunca encontrei uma mulher que falasse como ela!”

Pois, agora, depois de angustiante ausência de um decênio, graças à mediunidade de Valiantine, novamente, voltava a ferir os tímpanos do descrente, a voz suave e finamente modulada da irmã dileta, provando-lhe com grande impacto emocional, que a vida não termina no túmulo!

E para mostrar quanto a mensagem fora convincente, dou a palavra ao próprio autor de *Rumo às Estrelas*. “Naquele momento — escreveu Bradley — naquele momento, ao dirigir-se a mim, depois de dez anos de separação, minha irmã falou-me com todas as peculiaridades da sua maneira pessoalíssima de dizer. Cada sílaba tinha a enunciação perfeita de outrora; a entonação, a mesma. Durante quinze minutos, conversamos sobre assuntos que só a ela e a mim nos era dado conhecer”.

Ora, se atentastes no fato de que durante a manifestação, o médium, consciente, palestrou como se nada tivesse a ver com a produção da voz; se, além disso, pesastes bem o fato de ser o médium pouco culto e de expressar-se com má dicção, em evidente contraste com a irmã de Bradley, que fora erudita e dotada de primorosa dicção, expressando-se com encantadora perfeição; e, sobretudo, se aquilatastes do valor do diálogo, onde o tema girou em torno de fatos íntimos, apenas conhecidos pelos irmãos, que, agora, depois dois lustros, mercê das energias captadas no organismo do médium, se reen-

contraram, em comovente colóquio; se tudo ponderastes, com serenidade, haveis de convir comigo, que exemplos como este, bastam para derrocar o niilismo dos cépticos, comprovando a imortalidade, restabelecendo a confiança na justiça de Deus e alimentando a esperança em dias venturosos, junto dos entes que amamos, num mundo melhor, equilibrado pela fraternidade e governado por profunda sabedoria, onde prevalece a paz e impera o amor!

E, Contudo, os “Mortos” Voltam...

“**E**m verdade, em verdade te digo que se o homem não nascer de novo não poderá ver o reino de Deus...” dizia o glorioso Rabi da Galiléia ao tímido Nicodemus, em furtivo colóquio noturno.

E como, perplexo, lhe interrogasse o chefe judeu, de que maneira poderia um homem, já velho, entrar, de novo, no ventre materno, para renascer, Jesus, sem hesitar, reiterou a assertiva, afirmando-lhe: “Em verdade, em verdade te digo que se o homem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.” E, completando seu pensamento, acresceu o Mestre dos Mestres: “O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito, Espírito é. Não te admires de dizer-te: É necessário que nasças de novo.”

Eis aí, senhores ouvintes, claramente dito, o que pensava Jesus sobre a reencarnação, segundo o testemunho de João, o Evangelista. E isso será o mínimo que terá dito, pois é notório que, no decurso dos séculos, as sagradas escrituras sofreram numerosas alterações e interpolações para se amoldarem aos interesses da Igreja Católica. De fato, é inegável que a *Vulgata* foi manipulada ao alvedrio do tradutor, consoante o confessa, em carta ao Papa Damaso, o próprio São Jerônimo, autor da tradução latina.

De qualquer forma, porém, a convicção de Jesus está evidente. Para alcançar o reino de Deus, isto é, para atingir à perfeição, o homem terá de nascer de novo, isto é, reencarnar; de vez que, imperfeito como é, não lhe bastaria uma única encarnação terrena, para conquistar todos os predicados indispensáveis à glória de chegar à presença do Criador. Todavia, para nascer de novo, o homem não precisa de tornar a entrar no mesmo ventre materno, como supôs Nicodemus; pois o que renasce é o Espírito e não o corpo. “O que é nascido da carne é carne”, disse o Mestre. E foi como se houvesse dito: o corpo carnal doutro corpo carnal nasce, de acordo com as leis biológicas. “O que é nascido do Espírito, Espírito é” — afirmou Jesus. E foi como se houvesse dito: o Espírito que reencarna, independe do corpo que o reveste: — tem origem diversa; não provém da carne; preexiste à formação do embrião e está para o corpo carnal como o homem está para a roupa que o veste. Assim como a vestimenta, protegendo contra as intempéries, é imprescindível à preservação da saúde, o corpo carnal, maravilhoso instrumento, providencialmente adequado à atuação no plano terreno, é indispensável às atividades do Espírito neste planeta. Por isso, é preciso nascer da água — disse Jesus a Nicodemus. Ora, dizer “nascer da água”, na época de Jesus, era o mesmo que dizer nascer de outro corpo, isto é, encarnar, porque conforme as idéias correntes, inspiradas na Escola Jônica, fundada seiscentos anos antes da Era Cristã, conforme as idéias correntes, repito, era crença geral que todos os seres vivos provinham do lodo do mar. Nessas condições, nascer da água equivalia a nascer com um corpo carnal. E justamente porque se admitia que a carne, isto é, o corpo provinha da água ou melhor do lodo do mar, foi que Jesus, querendo distinguir entre o Espírito eterno, criação de Deus, e o corpo carnal, obra das leis divinas no terreno da Biologia, ressaltou ao bisonho chefe

fariseu que, para ver o reino de Deus, isto é, para chegar a um plano de perfeição, o homem, Espírito atrasado, cursando, ainda, a escola terrena, onde, em cruciantes experiências, deve decantar, no cadinho da dor, a ganga de muitas imperfeições, haveria de nascer da água e do Espírito, ou seja do corpo e do Espírito e, por conseguinte reencarnar, já que uma única vida não lhe bastaria para conquistar a perfeição.

Dúvida não pode haver, portanto, que Jesus, embora vivendo numa época de fanatismo religioso e no seio duma nação, que, julgando-se privilegiada por um hipotético pacto com Jeová, não admitia, sob pena de morte, qualquer revelação que, de algum modo, pudesse modificar suas concepções religiosas, não pode haver dúvida de que Jesus conhecia perfeitamente, como não podia deixar de conhecer, a lei das reencarnações, admirando-se mesmo, de que Nicodemus, fariseu proeminente, ignorasse tal fato. E que, a despeito da tirania religiosa do Sinédrio, a idéia das vidas sucessivas andava no ar, entre a massa popular, é fácil concluir pelo próprio testemunho da Bíblia, embora os teólogos, cuja missão parece consistir em tornar obscuro o que está claro, tenham dado interpretação muito diversa ao texto evangélico.

Mas o fato é que lá está claramente escrito, apesar dos enxertos e das podas sofridas no transcurso dos séculos, que, quando Jesus afirmou, de acordo com a predição de Isaías, que Elias já havia voltado, os discípulos logo compreenderam que o Mestre se referia a João Batista.

Ora, com admitir fosse João o mesmo Elias, que voltara à Terra, demonstraram os discípulos de Jesus, pela naturalidade com que a aceitaram, que a reencarnação era coisa sabida entre eles. Conseqüentemente, o que deve causar espécie não é o fato de os espíritas, herdeiros do autêntico pensamento cristão, proclamarem a realidade da reencarnação, mas a indignação com que os teólogos combatem a única explicação

que concilia a chocante desigualdade dos destinos humanos com a bondade do Criador!

Na verdade, ainda que se dê de barato possível erronia na compreensão dos textos bíblicos, muitos fatos de observação existem que fazem da lei da reencarnação, mais do que pura especulação filosófica, uma realidade tangível. Com efeito, a literatura especializada está referta de provas. O difícil é escolher, tantos são os testemunhos. Haja vista o caso publicado em 1912, na revista teosófica *Ultra*, editada em Roma. É o depoimento de um oficial italiano: Florindo Battista. Materialista, a princípio não deu crédito ao fato, vendo-se obrigado, mais tarde, a render-se à evidência.

Eis, resumidamente, como as coisas aconteceram. Grávida de 3 meses, sua esposa teve uma aparição que a deixou deslumbrada: muito alegre, o Espírito duma filhinha, morta havia três anos, se lhe apresentou para comunicar-lhe que voltaria a encarnar como sua filha. Aceitando o fato como obra da Providência, a boa mãe instou com o marido no sentido de dar ao produto daquela gestação o nome da falecida Blanche. Embora convencido de que tudo não passara duma alucinação, o oficial concordou com o capricho da esposa. Todavia ficou muito impressionado, quando seis meses mais tarde, a gestante deu à luz uma menina que em tudo parecia com a irmã defunta.

O mais importante, no entanto, era a semelhança psicológica observada entre as duas Blanches — a que desencarnara, havia três anos, e a que posteriormente encarnara. Verdade é que, para quem não estava privando intimamente com os fatos, tudo se lhe poderia afigurar mera coincidência, em se tratando de filhas de um mesmo par de progenitores. Contudo, dentre outros, houve um fato que se não poderia explicar à luz da Genética. Ei-lo. A primeira Blanche tivera, como ama-seca, uma suíça — Maria — que só falava francês e que

costumava acalentar a criança entoando monótona cantiga de ninar, originária de sua pátria. Morta, no entanto, a menina, a babá voltou para a Suíça, e, com ela, sumiu-se daquele lar o eco dolente da canção, que tão viva e angustiante recordação dava aos pais desolados. Pois bem, estava já a Blanche reencarnada, com seis anos de idade, quando, certo dia, inesperadamente, principiou a cantar, em francês, a canção de ninar, que Maria, a babá suíça, costumava entoar para a “outra” Blanche! Perplexa e chocada com o fato, a mãe perguntou à criança onde aprendera aquela canção. Com toda a naturalidade, a menina, que nada sabia de francês, respondeu calmamente que ninguém lha ensinara e que ela a sabia sozinha!

Ora senhores ouvintes, independentemente da aparição prenunciadora e das semelhanças físicas e psíquicas entre as duas crianças — a que morrerá e a que, três anos depois, nascerá — o fato de a menina haver cantado, em língua que desconhecia, uma canção de ninar, oriunda da Suíça, pátria da babá da primeira Blanche que morrerá, canção que jamais poderia ter sido ouvida pela segunda Blanche, aquela que nascerá 3 anos depois, esse fato, meus caros ouvintes, só se tornará inteligível, se admitirdes, que, de fato, o Espírito da primeira Blanche, voltou à Terra, reencarnando em novo corpo — o corpo da segunda Blanche — tudo de acordo com a lei que Jesus, naquele célebre encontro a desoras, anunciou a Nicodemus boquiaberto: “Em verdade, em verdade ninguém chega a Deus senão nascendo de novo, da água e do Espírito...”

Com efeito, é nascendo, morrendo, renascendo e progredindo sempre, no ciclo multissecular das vidas sucessivas, desenroladas em milhões de mundos, dentro da imensidão do Universo, que o Espírito imortal, depurado de todas as imperfeições, chega até Deus — fonte da suprema felicidade!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Confraternização ou Desintegração?

A morte é certa. Em chegando a hora, ninguém escapa — é despido da roupa de carne. A vida encarnada é incerta, ninguém sabe exatamente o momento em que será despojado do corpo físico. Só o Espírito perdura eternamente. Mas, encarnado ou desencarnado, ele é o arquiteto de sua felicidade ou o causador de sua desgraça. Com efeito, encarnado e, pela gravitação, preso à superfície da Terra; ou desencarnado e convivendo, ombro a ombro, com a humanidade terrena sem, sequer, ser presentido pela imensa maioria das criaturas ou, ainda, situado num dos múltiplos planos de Vida Espiritual organizados nos mais díspares ambientes de nosso planeta, de toda forma, o destino do Espírito eterno é, irrevogavelmente, regido por uma lei de causalidade moral, com implícita reação à ação, de modo que ele recebe, impreterivelmente, o prêmio pelas boas e o castigo pelas más obras que pratica.

Vale dizer que, em última análise, é ele mesmo, Espírito eterno, emanção do pensamento divino, quem se premeia ou quem se castiga.

Admitido na justiça divina o postulado de causalidade moral, sem prevalência de intercessões, óbvio se torna que, encarnado ou desencarnado o Espírito eterno tem indeclinável dever de lutar, com a máxima tenacidade e inquebrantá-

vel força de vontade em prol de seu auto-aperfeiçoamento, de vez que é o único roteiro através do qual poderá encontrar crescente felicidade num mundo onde a tônica é a dor, a despeito de efêmeros momentos de prazer, quase sempre seguidos de compungitivas decepções.

Aliás, contemplado numa visão panorâmica, com flagrantes diferenças de destinos entre criaturas de um mesmo Criador, nosso planeta se nos apresenta conspurcado por clamorosas injustiças!

Contudo, o errôneo julgamento só perdura nos que partem do pressuposto de que a encarnação dos Espíritos só se processa uma única vez, finda a qual todos retornam a diferentes planos da vida espiritual, onde estacionam eternamente, alguns felicíssimos, a maioria desgraçadíssima! Hipótese de todo um todo absurda, esta da eternidade das penas, porque, nesse caso, o sofrimento não teria finalidade: não seria corretivo; seria vingativo! Entretanto, Deus, a infinita perfeição, jamais se vingaria, embora deva aperfeiçoar suas criaturas. Não é preciso ser perspicaz para perceber a ostensiva diferença de níveis de evolução dos Espíritos que estão encarnados na Terra. Ora, os Espíritos que, depois de desencarnados, permanecem neste mundo, nada mais são do que homens que perderam o corpo físico, mas que, com a identidade de sua personalidade, conservaram as virtudes e as fraquezas morais que configuraram o seu caráter durante a encarnação. A transformação, ou melhor, a evolução como Espírito desencarnado, efetua-se, lentamente, com muita luta íntima e amparo de Espíritos protetores, emissários da sapientíssima justiça divina.

Por outro lado, se é incontestável que, nos diversos cultos, desde milênios, Espíritos benfeitores protegeram e curaram incalculável número de criaturas, não é menos verdade que, desde as mais primitivas eras, maior número de Espíritos de

incipiente evolução sempre causaram sofrimento à humanidade, quer como cúmplices em “trabalhos” de magia negra, quer como fautores de Espiritopatias por vingança — Espiritopatias que, muita vez, ultrapassam a obsessão para fixarem-se na possessão, na qual o verdadeiro dono do corpo físico é expulso pelo obsessor, permanecendo fracamente ligado ao organismo e semiconsciente, enquanto o Espírito malfeitor provoca, na vítima, mudança de personalidade, com controle integral de seu psiquismo!

Todavia, nada disso acontece por acaso, porquanto Deus não é apenas onisciente e onipotente: é, também, infinitamente justo e bom. Só sobrecarrega a correção com sofrimentos para conscientizar o Espírito faltoso de seu erro e, dessa maneira, induzi-lo à luta por seu aperfeiçoamento moral. De fato, não há sofrimento sem causa justa — causa que poderá provir da atual encarnação, mas que, em regra, finca raízes em anteriores encarnações. Tal fato contribui para que pessoas íncias em matéria de palingenesia atribuam a desigualdade dos destinos à arbitrariedade do Criador! Mas tamanha injustiça não ocorre nem nos casos de magia, pois, para que haja conseqüências, é imprescindível que a vítima seja culpada. Quem não faz mal a ninguém nada tem a temer da magia negra.

Em verdade, o melhor antídoto contra a maldade alheia é o amor fraterno. Por isso, contraditando Moisés, Jesus de Nazaré, o iluminado profeta galileu e ínclito iniciado essênio, proclamou: “Ouvistes que foi dito: amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.”

Nunca o mundo esteve tão ameaçado por catástrofes e hecatombes, com risco de desintegração do próprio planeta!

É hora de dramática opção: ou a confraternização internacional ou a destruição integral!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

22

Dia de Finados ou Dia dos Espíritos?

Dia de finados — dir-me-eis vós, que me escutais. Pois, em que me pese contestar-vos, dir-vos-ei que de finados não é o dia de hoje. Porque finar-se só se fina quem se acaba. E o homem não morre — é imortal. Privado do corpo físico, sobrevive no corpo fluídico — misterioso campo de forças perispirituais, que, embora interditas, por enquanto, às investigações científicas, sempre foram percebidas pelas faculdades supra-sensíveis dos videntes.

E é o que nos confirma, depois de morto, nesse impressionante soneto, através da psicografia de Chico Xavier, o mais cético de todos os poetas — Augusto dos Anjos.

*Após a introspecção do Além da Morte,
Vendo o humus que as próprias vértebras come,
Devorar com atra e hórrida, árdega fome
Minhas carnes em lúbrico transporte,*

*Vi que o ego era o alento flâmeco e forte
Da luz mental que a morte não consome.
Não há mavórtica que o dome,
ou venenada lâmina que o corte.*

*Depois da estercorária microbiana,
De que a Terra obnóxia se engalana
Nos ergástulos do Infinitesimal*

*Volve o Espírito ao páramo celeste
Onde a deífica essência se reveste
Da substância fluida universal*

Na verdade, caros ouvintes, a “deífica essência” isto é, o Espírito revestido da “substância fluida universal”, como diz o poeta, ou da matéria cósmica universal, como preferem outros, continua viva, como vivo continuou o autor de Eu, porque, por absurdo que pareça, o Espírito é indestrutível. E, servido por um corpo etéreo, mais aperfeiçoado, que lhe dá novos sentidos, o Espírito, pelo fato de estar despojado do corpo carnal, não pode ser considerado morto. Ao contrário, vivendo uma vida mais plena de sensações e de emoções do que a vida terrena, os “mortos” estão, de fato, mais vivos do que nós! Por conseguinte, chamá-los de finados, sobre ser chocante contra-senso, é ridícula jactância!

Não; o dia de finados, se é consagrado àqueles que regressaram ao Mundo Espiritual, não é dia de finados — é dia dos Espíritos. Dia de nossos parentes amados. Dia de nossos Guias venerados. Dia daqueles que, pela carne e pelo espírito, conosco se uniram por profundos laços afetivos — os nossos parentes e os nossos amigos, que nos antecederam na partida para outros planos de existência. Dia, também, daqueles que, sem terem estado ligados a nós pelos vínculos consangüíneos, de remotas eras a nós se prenderam, por indestrutível afeição — os nossos Protetores, os nossos Guias Espirituais, em suma — os nossos melhores amigos, de vez que, com inauditos sacrifícios, lutam por nossa ascensão espiritual. O dia dito finado é, portanto, um dia de saudade e de gratidão. Gratidão

aos Protetores, que, no Além, velam por nós. Saudade dos entes queridos que, embora, no Além, permanecem em nosso coração. Presos pelo coração, presentes estarão sempre em nossa memória, Porque, como afirmou em magistral oração de paraninfo, o nosso genial Rui Barbosa, “para o coração, não há passado, nem futuro, nem ausência. Ausência, pretérito e porvir, tudo lhe é atualidade, tudo presença. Mas presença animada e vivente, palpitante e criadora, neste regaço interior, onde os mortos renascem, pré-nascem os vindoiros e os distanciados se ajuntam, ao influxo de um talismã, pelo qual, nesse mágico microcosmo de maravilhas, encerrado na breve arca de um peito humano, cabe, em evocações de cada instante, a humanidade toda e a mesma eternidade.”

E prossequindo na altiloqüente apologia aos prodígios do coração, metáfora com que traduz os mais nobres sentimentos humanos, mostra-nos o venerável tribuno como o “mágico microcosmo” vence a morte, trazendo os Espíritos ao nosso convívio. “A maior de quantas distâncias” — disse o glorioso autor de *Oração aos Moços* “a maior de quantas distâncias logre a imaginação conceber, é a morte; e nem esta separa entre si os que a terrível afastadora de homens arrebatou aos braços uns dos outros. Quantas vezes não vemos, nesse fundo escuro e remotíssimo, uma imagem cara? Quantas vezes não a vemos assomar nos longes da saudade, sorridente, ou melancólica, alvoroçada ou inquieta, severa ou carinhosa, trazendo-nos o bálsamo ou o conselho, a promessa ou o desengano, a recompensa ou o castigo, o aviso da fatalidade ou os presságios de bom agouro? Quantas não nos vem conversar, afável e tranqüila ou pressurosa e sobressaltada, com o afago nas mãos, a doçura na boca e a meiguice no semblante, o pensamento na fronte, límpida ou carregada, e lhe saímos do contato, ora seguros e robustecidos, ora transidos de cuidados e pesadume, ora cheios de novas aspirações, e cisman-

do para a vida, novos rumos? Quantas outras, não somos nós os que vamos chamar esses leais companheiros de além-túmulo, e com eles renovar a prática interrompida, ou instar com eles por um alvitre, em vão buscado, uma palavra, um movimento do rosto, um gesto, uma réstia de luz, um traço do que por lá se sabe, e que se ignora?”

Sim, meus irmãos, se a vós outros, que duvidais da sobrevivência e do intercâmbio com o Mundo Espiritual, as assertivas do grande brasileiro se vos afiguram simples tropos literários, muito vos enganais. Porque, na verdade, ao decantar o maravilhoso poder evocativo que nos reserva o coração, mantendo inapagáveis em nossa retentiva a imagem dos entes estremecidos, Rui Barbosa, com sua penetrante intuição, proferiu uma verdade incontestável, diante das provas apresentadas pelo Espiritismo, com o testemunho de vultos eminentes de todos os domínios do saber humano!

E é por saber que não se finam os que partem para o Além; e que, os que verdadeiramente se amam, unidos pelo amor, continuam, como Espíritos imortais que são, que nós, espíritos, comemoramos o 2 de novembro não como quem rende culto ao corpo, reduzido a um punhado de pó, no fundo do sepulcro, mas como quem sabe testemunhar aos que se foram, imperecível amizade, renovando, nesse dia, a prática de todos os dias, permutando com eles os melhores pensamentos e os fluidos mais puros, através do transcendental poder telepático da oração.

O dia de finados é, na verdade, dia de evocação, de meditação e de oração. Evocação dos entes amados, que já partiram para a vida espiritual, renovando com eles os laços afetivos, em moldes menos egoístas, expungidos das sensações terrenas e sublimados no mais puro amor, que é o amor fraterno! Meditação sobre nosso destino, pois amanhã estaremos, também, do lado de lá, despidos do corpo carnal, e, sem embar-

go, mais vivos do que hoje, para acertarmos contas com a Justiça Divina! Oração em prol do progresso espiritual de quantos nos são caros, bem como de todos a quem somos devedores; pois, se a elevação dos amigos nos dá alegria, a regeneração dos inimigos nos poupa sofrimentos. Evocação, meditação e oração, que não devem ser situadas, à beira do jazigo, onde rondam Espíritos atrasados, empedernidos autores de crimes hediondos, ou castigados pelo próprio ateísmo. De toda forma, desejosos de absorverem, em execrável vampirismo, os últimos resíduos de fluido vital dos cadáveres em decomposição e condenados a sentirem, no próprio Espírito, as pavorosas sensações da desagregação corporal, sob o impacto dos micróbios necrófagos e dos vermes vorazes! Evocação, meditação e oração, que, aos contrário, devem ser realizadas em ambiente tão puro quanto possível, para que lucrem, não só os que são objeto da evocação, da meditação e da oração, como, também, o que evoca, o que medita, o que ora. E evocar com alegria, e meditar com serenidade, e orar com confiança! Porque evocar com lágrimas, meditar com pavor e orar maquinalmente a mesma coisa é que não orar, não meditar e não evocar!

Evocar com choro, rememorar o quadro da morte, submeter o parente ou amigo à lembrança dos angustiantes momentos que precederam ao desenlace, não é dar prova de amizade — é sinal de amor egoísta, que não sabe renunciar, em proveito da evolução espiritual de outrem. Meditar na vida espiritual com medo, receiando o futuro, é demonstração de tibieza moral, é evidência de apego aos prazeres terrenos, é prova de imaturidade espiritual. Orar sem convicção, pró-forma, sem sentir, no coração, aquilo que os lábios profere, não é orar — é resmungar. Revoltar-se contra o destino, que arrebatou o ente estremecido, é atentar contra os desíg-

nios de Deus, duvidando de sua bondade, esquecido de que o ente querido, antes de ser um parente terreno, é um Espírito Eterno, filho amado do Criador, que, como Pai sapientíssimo, vela pelo futuro de todos, dando a cada um o destino que, no momento, lhe convém.

E ao terminar, uma certeza eu vos posso dar, meus prezados ouvintes, que tivestes a bonomia de me aturar até aqui: é que duas forças poderosíssimas unem os Espíritos no além-túmulo: — o amor e o ódio. O amor, para felicidade. O ódio, para a reparação. Unidos, desde já, aos nossos parentes e os amigos, pelo vínculo do amor, unidos continuaremos, fatalmente, na vida espiritual. Ligados aos inimigos, pelo desejo de vingança, ligados permaneceremos, para desgraça nossa, nos planos espirituais. Portanto, se quiserdes paz e progresso no mundo do além-túmulo, estreitai, cada dia mais, os laços afetivos com os parentes e os amigos, que partiram para a outra vida. Mas não vos esqueçais de vossos inimigos, sobretudo dos que já se libertaram do corpo material, porque, agora, mais livres e menos acessíveis à vossa vigilância, mais temíveis se tornaram, de vez que vos podem prejudicar, sem que disso suspeiteis!

Lembra-vos de que Jesus mandava amar os inimigos. E, amando-os, não vades supor que ides praticar nenhum heroísmo. Porque, destruindo inimizades, construís a vossa paz no Mundo Espiritual. Logo, fazendo o bem ao vosso desafeto, a vós mesmos beneficiais. É o que vos ensina a Filosofia Espírita, aquela mesma que, no dizer dum poeta do Além, é uma luz.

*Gloriosa, divina e forte
Que clareia toda a vida
E ilumina além da morte.*

Portanto, meus caros ouvintes, se, porventura, hoje, dia dos Espíritos, só vos lembrastes dos entes que amastes, lembrai-vos, agora, na derradeira hora, daqueles que, embora vos mal querendo, são, também, vossos irmãos, filhos do mesmo Criador. E se, ao contrário de vossos parentes, não lhes enfeitastes de flores os túmulos, homenagem mais prejudicial do que vantajosa, — diga-se de passagem — ainda está em tempo de lhes testemunhardes a sinceridade de vossos propósitos na retificação dos erros cometidos: enviai-lhes, neste momento, o óbulo do vosso perdão ou o carinho do vosso arrependimento, nas asas vaporosas de vossa oração!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

23

Dos Espíritos nas Epidemias

Tão estranhas são as verdades focalizadas na palestra desta noite, que as consagro, apenas, à elucidação dos confrades, que, porventura, me derem a honra de sua atenção, certo como estou de que os ouvintes, que desconhecem, totalmente, a influência decisiva do plano espiritual sobre o nosso mundo fenomenal, jamais poderiam aceitar a realidade de meus despreziosos ensinamentos.

Devo, entretanto, ressaltar, inicialmente, que, para ser preciso, começo por inverter o tema que debatarei: em vez de “O Espiritismo à luz dos fatos”, trago-vos hoje “Fatos à luz do Espiritismo” — o que é bem diferente. De toda forma, porém, o que me inspirou foi o sentimento humanitário de contribuir de, algum modo, para minorar os sofrimentos de meus semelhantes. E, como sempre, não medi as conseqüências da franqueza com que vos vou falar, porque pouco se me dá a opinião dos que me não podem compreender, quando minha consciência me aponta a trilha a palmilhar!

Falo-vos, na verdade, com a autoridade que me dão não só longos anos de tirocínio clínico, exercido em ambos os campos das doutrinas médicas vigentes, a Alopátia e a Homeopatia; mas, sobretudo, armado de vasto cabedal de um saber, que, sem exagero, e valendo-me das expressões do afamado vate da epopéia lusitana, poderia classificar como “um

saber todo de experiência feito”, de vez que foi adquirido em demorado contato com a Filosofia Espírita, e com os habitantes do Além. Falo-vos, portanto, como médico e como espírita, embora mais como espírita do que como médico. Atentai, pois, prezados confrades, nos fatos que vos quero recordar.

Como sabeis, nossa pátria está sendo invadida por um inimigo sutil e traiçoeiro — o vírus da gripe asiática — e, posto que as autoridades sanitárias estejam alertas, ninguém deverá nutrir a ilusão de que as armas de que dispõe a Ciência serão suficientes para deter o avanço da pandemia.

Por outro lado, os dados oficiais não são de molde a apavorar os que temem a morte, pois a doença não assumiu, ainda, caráter grave, capaz de ameaçar a comunidade brasileira.

Entretanto, em virtude do feitio do noticiário jornalístico, muita vez de cunho sensacionalista, nota-se já certo pavor nos lares brasileiros, onde nós, os médicos, temos sido interpelados, com angústia, a respeito dos perigos duma nova “Espanhola”, de trágica memória, que tantas vidas ceifou no mundo inteiro.

E diante do medo generalizado que venho observando, em desproporção com a pouca gravidade dos casos publicados, eu principio a temer também — não o vírus, mas o pânico, pois se o pavor dominar os espíritos, então, sim, gravíssima se tornará a doença e perigosíssima a epidemia. Não vos falo estribado, apenas, na Medicina Psicossomática, não. Falo-vos escudado no conhecimento do mecanismo espiritual das enfermidades terrenas — o que é muito diferente.

Como sabeis, espíritas que me escutais, todas as doenças têm, além da causa imediata, traumática, tóxica, microbiana ou inframicrobiana, uma causa mediata, ligada ao passado do Espírito que as sofre, às faltas que cometeu noutras eras, quando revestido doutros corpos, mas cujos efeitos, pelo mecanismo cármico da lei de causalidade moral, não se extinguirão

enquanto os erros não forem corrigidos, e pagas todas as dívidas morais. Vale dizer que também na distribuição das enfermidades, atua soberanamente o espírito de justiça que preside a todas as obras divinas. E como é de vosso conhecimento, meus queridos confrades, são as entidades do Além, os Espíritos dos antigos habitantes deste mundo que servem de instrumento para a execução da justiça de Deus, causando doenças mentais ou somáticas, nos próprios verdugos, que, noutras encarnações, lhes fizeram padecer terríveis sofrimentos físicos ou morais, tudo de acordo com aquelas verdades já proclamadas por Jesus, quando afirmou que ninguém alcançaria o céu sem pagar primeiro até o último centil, e que Deus dá a cada criatura segundo suas obras — verdades essas que, infelizmente, não têm sido bem interpretadas por certos tipos ladinos, que, sub-repticiamente, transferem o ônus da sentença para seus adversários, e, arvorando-se em juízes em causa própria, querem fazer justiça com as próprias mãos, desculpando-se que Jesus determinou fosse a dívida liquidada até o derradeiro centavo, e que se pagasse aos outros conforme suas obras, quando o ensino de Jesus diz respeito à atuação da justiça divina em relação às nossas próprias faltas, e não às dos nossos semelhantes.

Deixemos, porém, esses espertalhões com suas capciosas explicações evangélicas, e prossigamos, sem tardança, porque o tempo urge e o tema é vasto.

Aceita que seja a interferência dos Espíritos na etiologia de muitas enfermidades — e isso os espíritas não podem negar, porque é fato de observação — lógica se torna, outrossim, a intromissão dos habitantes do Além no mecanismo das epidemias — fatos, aliás, suspeitados desde os primeiros dias de nossa civilização, e que foram negados pela Ciência não porque ela houvesse obtido provas irrecusáveis em contrário, mas, apenas, porque tendo descoberto alguns dos outros fa-

tores que entram em equação na gênese dos estados mórbidos, por um exclusivismo muito humano, passou a negar, e a ridicularizar, as “crenças” dos primitivos, sem se preocupar de submetê-las à investigação científica, conforme tem tentado, esparsamente, em vários países, alguns vultos proeminentes da Ciência. A verdade, porém, é que: aceite ou não a Ciência, a influência morbígena dos Espíritos na deflagração de muitos estados mórbidos e na rápida disseminação dos surtos epidêmicos, o fato é verdadeiro e em nada desmente as verdades científicas até hoje incorporadas ao nosso patrimônio cultural. Os fenômenos naturais são muito complexos, máxime os biológicos, que, ao revés dos fenômenos mecânicos, onde os efeitos se ligam imediatamente às causas, dependem, sempre, de várias causas interdependentes, e num mecanismo tão intrincado que não é fácil discernir, dentre elas, qual a causa principal, quais as predisponentes, quais as adjuvantes. Ora, a Ciência apreendeu algumas das múltiplas causas que participam do complicadíssimo mecanismo das doenças, e, com isso, já obteve belos resultados. Todavia, nenhum sábio do mundo poderá afirmar que conhece exatamente o que é a vida, a saúde nem a doença. E enquanto a Medicina não for uma Ciência exata, enquanto for, apenas, Ciência de probabilidades é arriscado negar a participação dos habitantes do Além na manifestação dos estados mórbidos, mormente quando numerosos médicos, conduzidos, pelo estudo do Espiritismo, foram levados à convicção de que o fato é real.

Em desacordo, porém, com a opinião da maioria dos médicos, vós sabeis, espíritas que me ouvis, vós sabeis, que, da mesma sorte que os homens se grupam na Terra movidos por seus ideais e por seus interesses, também no Espaço se reúnem os Espíritos em consonância com os objetivos que alimentam. Sabeis, outrossim, que, em desencarnando, não se melhora instantaneamente o homem, e que morrendo, como

morrem, diariamente milhares de indivíduos perversos e revoltados contra as injustiças que sofreram neste planeta, natural é que coordenem forças e conjuguem planos diabólicos de vingança contra a humanidade e contra o mundo, que reputam como responsáveis por sua perdição.

Disso tudo sabem os espíritos. Logo, não poderão estranhar que haja, no Além, Espíritos maléficos, alguns com grande capacidade mental, que, organizados em verdadeiras quadrilhas, cultivam vírus, para disseminá-los, em certas épocas, no seio da humanidade terrena, provocando as epidemias.

Fenômeno aparentemente absurdo, torna-se verossímil, no entanto, quando atentamos no seguinte: os vírus são comparáveis, sob vários aspectos, aos “fluidos” de que nos falam os Espíritos e que constituem elementos plásticos, governados e modelados, pela radiação mental dos Espíritos, de acordo com a potência da vontade e com a elevação hierárquica dos habitantes dos diversos planos de Vida Espiritual. Assim sendo, os vírus, como os “fluidos”, podem ser modificados e deslocados, pelo poder psíquico-magnético dos Espíritos, e, conseqüentemente, podem ser conduzidos para junto das criaturas, até contaminá-las. Para isso não há, sequer, necessidade de serem absorvidos por quaisquer das vias naturais. A doença, já diziam os vitalistas, e, dentre eles, o maior de todos, Samuel Hahnemann, a doença é, em última análise, o desequilíbrio da força vital. Ora, vós sabeis, meus confrades, que a verdadeira fonte das energias vitais de todas as células do organismo humano é o perispírito, cuja renovação se processa diariamente através do misterioso fenômeno do sono, sobre o qual a Ciência tem formulado várias hipóteses, sem lograr, no entanto, solução definitiva. É, portanto, sobre o perispírito, fonte primacial da vida, que se inicia a doença, seja ela qual for, com exceção apenas das de causa mecânica.

E a própria Medicina já propende a admitir que todos os microorganismos patogênicos possuem, além da forma microscopicamente visível, uma vida inframicrobiana, imperceptível aos meios usuais de pesquisas, mas que será reconhecida à medida que novos aperfeiçoamentos forem sendo introduzidos nos microscópicos eletrônicos. Por este caminho, não será difícil que, mais dia menos dia, todos os médicos venham a admitir, como os médicos espíritas, e, sobretudo, os homeopatas espíritas, que a origem de quase todas as enfermidades é dinâmica, partindo do corpo espiritual ou perispírito, fonte da vida, porque é o manancial das energias vitais de todos os órgãos.

Concebendo-se, pois, a doença como um desequilíbrio do perispírito e admitindo-se que os Espíritos podem, até certo ponto, interferir no dinamismo desse campo de forças que liga o Espírito à matéria, fácil se torna a compreensão da influência que os habitantes do espaço podem exercer na produção de muitos estados mórbidos. E lógica se nos revela também a ação que as orações podem exercer, não só para afastar a doença, como para curá-las. Incrível seria se, tocados pela prece, os micróbios se afastassem do organismo invadido. Mas é razoável que, atraídos pelas orações, Espíritos benfeitores venham em socorro do homem, e afastem dele os Espíritos atrasados e vingativos, que difundiram ou pretendiam difundir na atmosfera terrena os vírus patogênicos.

Sabedores desses fatos, os espíritas de todo o Brasil deveriam orar para que a falange do mal, que dissemina a “Asiática”, fosse desviada de nossa pátria, formando, assim, uma corrente magnética contrária à ação desses Espíritos malignos, que tanto se aproveitam do pavor que causam, em virtude de ser o medo uma sensação negativa, que facilita a ação psíquica do adversário, em vez de comovê-lo e afugentá-lo.

Embora sem o saber, estão empenhados nessa luta contra os malfeitores do Além, todos os cientistas que, por meios profiláticos ou terapêuticos, procuram evitar ou curar a doença, pois, da mesma forma que os homens da Ciência os Espíritos, bons ou maus, obram sempre de acordo com leis naturais, cuja descoberta nos dão muitas vezes a ilusão de que já sabemos tudo, ou que tudo se explica pela própria natureza das coisas e que Deus, afinal, já foi destronado e desterrado, desde que apareceu o Órgão de Bacon...

Não, meus confrades, nós sabemos quanta razão assistia a Shakespeare ao lamentar o mundo de verdades ainda ignoradas pela vã ciência humana!

Por isso mesmo, espíritas do Brasil, cabe a nós o dever de combater por todos os meios e modos o medo que já se vai apoderando de muitas criaturas, ensinando e exemplificando, que uma epidemia, seja de “Asiática” ou de “Espanhola” é sempre uma conseqüência de erros coletivos, e, por isso, de provação nacional, causadas por Espíritos vingadores e condicionadas ao grau de espiritualização dos diversos povos; e que, sendo assim, além dos meios científicos, movimentados por Espíritos bons, provisoriamente encarnados na posição de médico ou de laboratorista, é necessário que haja elevação espiritual, confiança na justiça divina, e caridade para com os malfeitores, amparando-os ou dominando-os com o poder inegável das orações.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Da Responsabilidade Espiritual na Prática das Vocações

Notícia recente, publicada em conceituado vespertino desta Capital, dá-nos conta de um médico, que, fascinado pelas turmalinas de Minas Gerais, acaba de barganhar a áspera labuta da clínica, pela emocionante aventura do garimpo.

Posto que a troca de atividades seja fato corriqueiro, a resolução do esculápio, dada a disparidade de profissões, não poderia ter deixado de causar sensação. Creio mesmo que, pelo menos entre nós, era fato inédito. De toda forma, não quero entrar no mérito da questão. Desejo, apenas, valer-me da oportunidade para focalizar o problema das vocações, à luz dos conhecimentos da vida espiritual. Não me refiro — é claro — à descoberta das vocações para a orientação profissional. Isso é assunto superado, mercê dos métodos, das técnicas e dos testes da Psicologia. O que me interessa, no momento, é questão muito mais transcendental. Ultrapassa os limites dos métodos científicos. Mas, em compensação, dá uma explicação racional daquilo que a Psicologia, até hoje, não pôde compreender, hesitando entre os fatores hereditários e os fatores ambientais. Sem embargo, o problema da vocação é mais complexo do que se poderia imaginar. Precede ao nascimento e prende-se à uma lei de causalidade moral. Não é por acaso que um indivíduo nasce para ser médico

outro para advogado, outro para engenheiro, outro para professor ou para outra qualquer profissão. Nem é por hereditariedade que se vem músico, pintor, escultor ou poeta. Da mesma sorte não é por azar que um operário tem vocação para carpinteiro, outro para ferreiro, outro para sapateiro ou para alfaiate ou para qualquer, dentre os muitos ofícios existentes. Não. Tudo isso que, para o materialista, poderia advir, tão somente, de fatores hereditários, de influências ambientais e, até, da pressão econômica, provém, na verdade, duma lei de justiça, que rege os destinos. De fato, o mistério das vocações, de idêntico modo que muitos outros que a Ciência ainda não logrou desvendar, reside na organização do corpo astral, corpo espiritual ou perispírito, operação que antecede à fecundação e que preside à formação do embrião. Sujeita à alta sabedoria dos chamados “Senhores do Carma”, Espíritos de elevada hierarquia, a vocação é, em última análise, um “fluido” ou melhor — uma “radiação”, proveniente do plano espiritual correspondente à Ciência, à Arte, ao ofício, à atividade, em suma, que o Espírito, prestes a encarnar, deverá exercer, futuramente, na vida terrena. Todavia, essa “radiação” não é distribuída arbitrariamente. Não! Cada Espírito na ocasião de reencarnar, recebe, no perispírito, a radiação específica da atividade que mereceu exercer, responsabilizando-se, perante à espiritualidade, pelo emprego que fará dessa radiação. Isso não obsta, entretanto, que Espíritos afins por suas tendências e vocações venham a encarnar agrupado numa mesma família, o que dá a ilusão de hereditariedade parecendo, à primeira vista, que o indivíduo herdou de seus ancestrais a vocação, quando, na verdade, como Espírito independente que é, trouxe, para a Terra, apenas a vocação que, por suas vidas passadas, fez jus perante à Divina Justiça! E se fosse doutra forma, se a vocação fosse produto ocasional de fortuito encontro de genes, então não haveria justiça na distribuição

das tendências e capacidades inatas; e, conseqüentemente, não haveria, também, responsabilidade moral no êxito, ou no fracasso, da atividade ou da profissão. Mas a verdade é que, embora poucos o suspeitem, há grande responsabilidade espiritual na utilização das vocações. Quaisquer que sejam. Porque a radiação específica de cada profissão — Medicina, Engenharia, Advocacia, Pedagogia, Música, Desenho, Pintura, Escultura etc. — é um patrimônio da Vida Espiritual, que cada qual deverá cultivar em proveito próprio, para maior evolução espiritual. É graças a existência, no perispírito, dessa radiação misteriosa que um indivíduo assimila facilmente os conhecimentos médicos; outro os conhecimentos odontológicos; outros os conhecimentos matemáticos; outros os conhecimentos lingüísticos, etc; enquanto que, esses mesmos indivíduos, que tão talentosos se mostraram para determinada especialidade, se revelam abaixo da expectativa, se tentarem um estudo ou uma atividade, para os quais não trouxeram, do Mundo Espiritual, o “fluido” indispensável. Assim, quem nasceu para ser médico, nunca seria, por exemplo, bom engenheiro, por mais inteligente que fosse. Da mesma forma, quem nasceu para ser advogado, jamais seria bom médico. Na primeira hipótese, teríamos um engenheiro, que, depois de um curso medíocre, realizado, certamente, para satisfazer a vaidade de um pai prepotente, desses que se julgam com o direito de governar o destino dos filhos, acabaria não exercendo a profissão, para revelar, a cada passo, sua tendência médica, quer pela insopitável curiosidade com que procuraria ler obras de Medicina, como pela satisfação com que se transformaria em charlatão, quando, na realidade, teria tido, não fora a incompreensão paterna, o direito de ser ótimo médico! Na outra hipótese, a do advogado em potencial, que, por qualquer motivo, fora feito médico à força, teríamos um médico bem falante, talvez um orador eloqüente; mas de toda

maneira, um médico medíocre, tímido, sem iniciativa, porque jamais teria confiança em si, para assumir a responsabilidade pela vida alheia! E isso, que exemplifiquei, vale para todas as profissões. Desviado do roteiro profissional, que deveria seguir, de acordo com o plano traçado no Mundo Espiritual, em harmonia com um princípio de justiça, consoante os méritos e as necessidades de cada um, o Espírito encarnado, seja homem ou mulher, fracassará, infalivelmente, no que concerne à atividade que, erradamente, pretendeu exercer. Longe de saldar suas dívidas com a vida eterna, sobrecarregou seu futuro com compromissos maiores. E isso quando o desvio é involuntário, por imposição de outrem. Imagine-se nos casos em que o indivíduo, depois de enveredar no caminho certo, naquele para o qual trouxe o “fluido” adequado, diplomado já, por falta de coragem para lutar, renuncia à carreira desviando-se para caminho de ganho mais fácil. Aí, a dívida com a espiritualidade é, sem dúvida, muito grande. E se o caso se refere à Medicina, Ciência maravilhosa, que dá ao homem a bendita oportunidade de mitigar as dores de seus semelhantes, então, a responsabilidade é muito maior, porque os clientes de hoje, são todos eles, Espíritos com os quais o médico, em antecedentes existências, teve faltas ou afinidades — afinidades e faltas que, conforme o caso, deverá incrementar, ou resgatar, através do exercício da profissão.

Em conclusão: a prática da atividade para a qual se trouxe a vocação é dever indeclinável de todo homem. É no exercício dessa atividade que reside o elemento primordial do progresso espiritual, já pelas experiências adquiridas, já pelas dívidas espirituais resgatadas. De modo que a deserção duma profissão acarreta, sempre, graves prejuízos na vida espiritual — prejuízos tanto mais graves quanto mais nobre for a profissão abandonada!

25

O Único Caminho

Para valorizar a lei de causalidade moral, que rege o destino humano, é necessário admitir, previamente, a lei da reencarnação. Ora, muitas criaturas revelam-se infensas à palíngenesia pelo fato de não se recordarem das vidas anteriores.

Entretanto, não há negar que, durante a encarnação, a vida está segmentada em períodos de lucidez intercalada de períodos de sono, com inibição cortical e total esquecimento de tudo. Sem embargo, ao despertar, o indivíduo readquire a consciência de sua existência mediante a memória do presente. Vale dizer que a inconsciência do sono profundo não foi morte. Ao contrário, na maioria dos casos, o Espírito eterno continua em grande atividade no plano espiritual terreno, mas esquece tudo logo que desperta.

No fenômeno da encarnação, ocorre o contrário. Despojado do corpo carnal, o Espírito permanece em atividade variável, consoante o nível de evolução por ele alcançado. Mas, durante a fase de preparação para nova encarnação, os Senhores do Carma apagam-lhe toda recordação de sua vida anterior. Desta maneira, evitam que vivências do passado interfiram nas deliberações do presente, tolhendo-lhe o relativo arbítrio com o qual comanda seu comportamento.

Embora haja exceções, nas quais o Espírito conserva a memória da linguagem ou de algumas ocorrências de anterior encarnação, com a finalidade de reforçar a tese da reencarnação, a regra é a amnésia das anteriores existências. Aliás, é de grande vantagem esse esquecimento das vidas anteriores. Em primeiro lugar porque suaviza as provações, eliminando a recordação de muitos sofrimentos padecidos no passado; em segundo lugar, incrementa a fraternidade, facilitando novas uniões pelos vínculos familiares, e é fácil distinguir a união por afinidade da união para resgate de dívidas morais. Na primeira hipótese, há simpatia à primeira vista; na segunda hipótese, há muita antipatia desde o primeiro encontro. No primeiro caso, a simpatia deverá ser cultivada com sincera amizade e fortalecida com orações em favor do auto-aperfeiçoamento do simpatizante; no segundo caso, a antipatia deverá ser gradativamente transformada em tolerância, e, se possível, em amizade conquistada com humildes orações.

Aliás, o maior líder espiritual do planeta, Jesus de Nazaré, não exaltou apenas o amor ao Criador e aos amigos; proclamou, outrossim, “amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam e orai pelos que vos caluniam!”

Na verdade, orando sinceramente pelos inimigos, ou melhor, pelos Mentores dos inimigos, facilitaremos, com a radiação emitida pela oração, a doutrinação e a transformação moral dos que nos malquerem, de molde que, um dia, poderemos tê-los como irmãos agradecidos e, quiçá, como amigos reconhecidos!

E que maior prêmio poderíamos almejar que esse de não ter senão amigos desencarnados?

De resto, se a reencarnação não fosse verdade incontrovertível, como justificar, à luz da justiça divina, a flagrante desigualdade dos destinos humanos? Como entender que criaturas de um mesmo Criador nascessem marcadas com desti-

nos tão diferentes, se anteriormente não houvessem vivido encarnadas, acumulando méritos e deméritos, que lhes trouxe o roteiro do destino?

Com efeito, homem ou mulher, rico ou miserável, branco ou negro, sábio ou apedeuta, perfeito fisicamente ou horriavelmente aleijado, todos, sem exceção alguma, estão submetidos à lei de causalidade moral, pela qual cada um recebe o fruto da semente que semeou!

Donde se colhe que o único caminho que nos leva à plena felicidade é o do auto-aperfeiçoamento integral, sob a inspiração dos luminosos postulados morais ensinados e exemplificados pelo Supremo Mestre do planeta Terra — Jesus de Nazaré!

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

26

A Luta dos Espíritos e a
Covardia dos Homens

A Ciência e a tecnologia estão revolucionando, em ritmo acelerado, o curso de nossa civilização. Nunca o poder criador do homem foi tão evidente ou ostensivo. Jamais houve tantas conquistas em áreas tão amplas — na terra, no ar, no mar... Talvez, muito breve, outros planetas sejam abordados e, quiçá, conquistados. Destarte, o homem deixará de ser, apenas, terreno: será, outrossim, selenita, marciano, talvez venusiano!

Sem embargo, o ser admirável, que está realizando tantos prodígios, permanece marcado pelo sofrimento e perplexo em face dos caprichos incontroláveis do próprio destino.

Cercado pelo esplendor do mundo hodierno, que ele ajudou a construir, o homem contemporâneo, à maneira do homem de antanho, caminha, melancolicamente, acossado por vendavais de dolorosas provações, para um futuro problemático, sob o signo da bomba atômica, onde a única certeza é a morte!

É natural, portanto, que nos raros momentos de reflexão e de introspecção, o homem especule, à procura de um sentido para a vida; e busque uma explicação racional para os paradoxos do destino humano.

Posto que Deus somente por Deus possa ser compreendido, pois, como já advertira Buda, só o infinito poderá compreender o infinito, a verdade é que, consoante salientou Tomaz de Aquino, mediante a observação das obras do Criador chega-se à conclusão da existência de Deus, embora não se lhe aprenda a essência.

Ora, da observação do Universo e da captação das leis que o regem, chega-se à convicção do infinito poder criador e da incomensurável sabedoria do Supremo Ser. Conclui-se, portanto, que Deus, sem a menor sombra de dúvida, é sábio e poderoso. Contudo, para que, além de sábio e poderoso, Deus se nos revele justo e bom, é indispensável que haja uma explicação racional e justa, para o destino do “bípede implume”, que vive fortuitamente num átomo de matéria, a Terra, a rodopiar, incessantemente, em colossal galáxia — o homem!

Com efeito, para ser justo, é essencial que Deus dê, a cada criatura, um destino compatível com seus méritos e com seus deméritos; e, para ser bom, é fundamental que o sofrimento terreno se nos apresente como instrumento de correção moral, visando à ascensão a sublimes planos espirituais. Só assim Deus se nos revelará, além de sábio e poderoso, justo e bom.

Como se infere, em face da aparente arbitrariedade dos destinos humanos, o problema é saber como conciliar a justiça com a bondade de Deus!

Há, por exemplo, uma corrente religiosa que circunscreve o problema do destino humano numa única existência terrena, com implicações definitivas após a morte, agravadas, ainda, por dois julgamentos: o primeiro, da alma somente, imediatamente depois da morte; o segundo, posterior à ressurreição do corpo carnal, da alma e do corpo, reunidos na pessoa humana. Mas essa hipótese não é válida, porquanto, sobre ser absurda, é ofensiva a Deus.

De fato, onisciente como é, Deus não poderia errar no primeiro julgamento, e, por conseqüência, o segundo seria supérfluo.

De resto, em qualquer situação, quem erra é, sempre, o Espírito. O corpo, na melhor das hipóteses, é, apenas, o instrumento material para a realização de atos condenáveis ou para a satisfação de desejos pecaminosos. Mas não tem, nem pode ter, qualquer responsabilidade moral nas ações praticadas pelo Espírito, nele provisoriamente encarnado. O pior, porém, é que a religião em tela, além de admitir dois julgamentos sucessivos dos mesmos erros, e pelo mesmo juiz infalível, o que já é exótica redundância, ainda minimiza a justiça do Criador, tornando nulo qualquer julgamento, nos casos de salvação pela “graça” ou de condenação “por predestinação”, hipóteses em que nem os méritos, nem os deméritos da criatura julgada entram em conta pelo julgador. E como, no caso, o julgador é Deus, somos forçados a concluir que, na justiça divina, não há critérios de valor.

De fato, em certos casos, o mérito é válido — e salva; outros, o demérito pesa no julgamento — e condena. Mas, em havendo “graça”, o demérito pouco importa, porque o faltoso salva-se “impunemente”! Além desse absurdo, se houver “predestinação”, a despeito dos méritos acumulados em exemplar vida terrena, haverá, fatalmente, no derradeiro momento de vida, um pecado “mortal”, com irremediável condenação!

Como se infere, do ponto de vista da justiça, desde que não haja critério, pouco importa que se façam dois ou mais julgamentos, porque, de toda forma, a injustiça poderá prevalecer contra todas as virtudes conquistadas!

Ora, se perdurar tão esdrúxula conceituação sobre a justiça do Criador, Deus poderá ser onisciente e onipotente, mas não é nem justo, nem bom!

Ao contrário, Deus seria injusto e perverso; e, ao invés de nos captar amor, infundir-nos-ia pavor! E, sujeito o nosso destino ao arbítrio de semelhante monstro, a virtude e a própria vida não teriam sentido!

Sem embargo, como Deus, retratado na prodigiosa criação e na complexíssima manutenção do Universo, se nos revela infinitamente sábio, cai por terra toda injustiça que se lhe queira irrogar, não passando, pois, de estulta especulação teológica o duplo julgamento *post-mortem*, perturbado com a salvação “pela graça”, e agravado com a “predestinação” inexorável!

Por outro lado, se prevalecer a hipótese de que a origem do sofrimento tenha sido a desobediência de Adão e Eva, a justiça de Deus degrada-se, horrivelmente, com admitir crimes hereditários, desvario que nenhum juiz terreno, por mais bisonho que seja, será capaz de aventar!

De resto, o nosso Espírito eterno, o eu responsável, que pensa, deseja e atua, e, portanto, que acerta ou erra na maneira de comportar-se, esse foi criado independentemente dos demais Espíritos, inclusive, é claro, do Espírito de Adão e do Espírito de Eva. Como aceitar, então, que a falta desses remotos ancestrais pudesse transmitir-se à humanidade toda inteira?

Porventura, pretender-se-á inculcar aos incautos que o pecado do primeiro casal, transmitido através da Genética, nos contaminou o corpo carnal? Se assim é, não há nenhum problema espiritual — com a morte e conseqüente deterioração do corpo material, automaticamente, fica extinto, em cada criatura, a pecha do pecado original. Com isso, dispensa-se a intervenção da religião, de vez que, estando livre do corpo hereditariamente pecador, o Espírito sobrevivente livre estará do pecado original! Não há, pois, mister do batismo.

Aliás, a única maneira pela qual o nosso Espírito poderia encarnar, já maculado pelo pecado de Adão, seria se, ao invés de ser criado por Deus, fosse mera emanção do Espírito de Adão, uma espécie de alma-filha, inciada, mas desprendida, por cissiparidade, à maneira de certos vegetais minúsculos, da alma-pai, na mais degradante partenogênese da Natureza! Dessa maneira, nós todos, que constituímos a humanidade terrena, não seríamos criaturas de Deus: seríamos, apenas, partículas da alma de Adão, e, na melhor hipótese, filhos putativos de Deus, sem vinculação direta com o Criador!

Ora, não há nenhuma religião que se desobrigue de estabelecer vínculo moral entre a criatura e o Criador. Mas, desde que, no caso da humanidade adâmica, esta ligação não existe, é evidente que qualquer forma de religião não faz sentido. E culto, se o houver, deverá ser endereçado à alma-pai, de Adão, da qual promanou nosso Espírito, que é o nosso verdadeiro eu, quer estejamos encarnados ou desencarnados.

Considerando-se, porém, que o Criador, por ser perfeito, jamais perpetraria a facciosidade de criar somente o Espírito de Adão, e, quanto ao nosso, deixar displicentemente que se formasse, à guisa de satélite, de centelhas da alma do primeiro homem, tomba por terra a única hipótese pela qual nós poderíamos nascer contaminados com o pecado de Adão!

De resto, se a causa do sofrimento humano fosse o pecado do Éden, é evidente que, sendo mesma a causa, o mesmo deveria ser o efeito, isto é, o sofrimento deveria ser exatamente igual para todos os herdeiros do pecado adâmico, fato que, absolutamente, não ocorre. E se Deus, pelo mesmo pecado original, imputa diferentes castigos, é evidente que não possui senso de Justiça — hipótese absurda porquanto atenta contra a perfeição do Supremo Ser.

Não! Nem pelo Espírito, criado independentemente dos demais, nem pelo corpo material, que não assimila “genes de

pecado”, o homem poderia ter sido afetado moralmente pela concupiscência de Eva e a desobediência de Adão!

Na verdade, à luz da sábia justiça divina, a responsabilidade moral dos erros praticados é individual e intransferível.

Seis séculos antes da encarnação de Jesus, outro profeta já dizia: “A justiça do justo ficará sobre ele e a perversidade do perverso sobre ele recairá.” (Ez. XVII,20) Vale dizer: cada qual responde pelas faltas que comete; e somente pelas faltas que comete.

Não adianta, pois, argumentar capciosamente que, em virtude de ter sido em detrimento do Ser Infinito, a desobediência de Adão foi uma falta infinita, que afetou toda a humanidade! Ao contrário, precisamente por ter sido contra o Criador — Ser Infinito — a falta da criatura — ser finito — por maior que fosse, tornar-se-ia infinitamente pequena e, de modo algum, poderia afetar o Supremo Ser! Mas, se afetasse, as conseqüências deveriam recair, somente, sobre o autor da falta e, nunca, sobre seus inocentes descendentes!

Por outro lado, a hipótese de que, para aplacar a “ira de Deus”, magoado com a humanidade, que nada teve a ver com o que Eva ofereceu e Adão comeu, foi necessário o sacrifício de um redentor divino, é monstruosidade inconcebível à luz do próprio senso comum! Porque, nesse caso, Deus matou Deus, para reconciliar-se com suas criaturas!

Além disso, se a origem do sofrimento humano foi a “infinita” ofensa, feita a Deus, pelo primeiro casal terreno, — o que é grave — o preço da reconciliação, cobrado por Deus, foi, paradoxalmente, um deicídio — o que é gravíssimo! E, se já houve a reconciliação mediante o sacrifício de um Redentor, motivo não há para que perdure, no mundo, o sofrimento humano.

De modo que, aceita a hipótese, Deus, além de ter cobrado caríssimo a reconciliação, rompeu o contrato e deixou a humanidade curtindo dores imerecidas!

É pelo fato de não poder aceitar essas concepções absurdas e de repelir a conceituação antropomórfica do Deus da Bíblia ou, melhor, do Velho Testamento, que o mundo atual está aderindo ao delírio megalomaniaco de Nietzsche, que, no século passado, proclamou a morte de Deus!

Aí estão, como exemplos, a Teologia Radical e o Cristianismo ateu! Mas não fora a distorção histórica da personalidade de Jesus, que, de médium prodigioso e iluminado “iniciado” essencial, foi metamorfoseado em Deus fracassado, nunca teria surgido, como aconteceu na América, estranho Cristianismo, mesclado com o marxismo, no qual o Mestre dos Mestres arregança as mangas, para assumir o posto de agitador social!

Contudo, Deus não está morto. Todavia, para senti-Lo, entendê-Lo e amá-Lo é imprescindível que o racionalista homem hodierno apreenda a razão do sofrimento e compreenda, na paradoxal desigualdade dos destinos, a função corretiva da justiça de Deus, que, com as topadas das provações terrenas, empurra o homem, aos trambolhões, para a felicidade eterna!

Para isso, no entanto, é necessário admitir a lei da reencarnação, aliada à lei do carma ou lei de causalidade moral, pela qual cada Espírito, ao reencarnar, traz, exatamente, o destino que mereceu e do qual necessita para evoluir. De modo que, ao mesmo passo que o reencarnado salda as dívidas do passado, conquista, simultaneamente, no cadinho da dor, o acrisolamento moral, indispensável à verdadeira e eterna felicidade — tudo isso dentro de providencial esquema de sábia justiça, com intransferível responsabilidade moral.

Todas essas assertivas se nos tornam claras e lógicas com o conhecimento do Espiritismo e, sobretudo, do Neo-espiritismo — fruto dos ensinamentos, que, em caráter pessoal, recebi durante vários anos, mercê da mediunidade de minha pri-

meira esposa. Ensinamentos — é bom frisar — que, desde a década de 40, venho esparzindo às mancheias, quer nos recintos das sessões espíritas, quer pela imprensa falada e escrita, e que não tardarão a ser reunidos em corpo de doutrina.

A despeito da indiferença dos próprios espíritas, tão convicto estou, depois dos frutos colhidos em cerca de 30 anos de prática, do inestimável valor dessa reformulação doutrinária — já coroada de êxito na transformação radical de centenas de jovens transviados e de um sem número de adultos desorientados — que não hesitarei em palmilhar a senda aberta por Allan Kardec, unindo, conforme ele próprio sempre desejou, o Espiritismo à Ciência, mediante a associação, no Neo-espiritismo, da Medicina, em geral, e, particularmente, da Homeopatia, ao Espiritismo.

Com essa união, espero que, no futuro, quando o Neo-espiritismo expandir-se, e, fatalmente, terá de expandir-se, tão racionais são os princípios e tão evidentes os fatos, a Medicina terá sofrido, talvez, a maior revolução de sua história, com enorme progresso para a arte de curar e incalculável felicidade para a humanidade sofredora!

Mas nesse dia venturoso, o médico saberá valorizar, com Jesus, a mediunidade curadora e, ainda com Jesus, aprenderá que, ao lado das doenças, exclusivamente somáticas, há enorme contingente de espiritopatias, doenças de origem espiritual, causadas por atuação de Espíritos sofredores, e, pior ainda, de Espíritos obsessores, cuja terapêutica depende do valor espiritual do médico!

27

A Causalidade Moral
Traça o Destino

Diante da onisciência e da onipotência do Criador, onipotência e onisciência reveladas pela grandeza do Universo e pela sabedoria das leis naturais, a chocante desigualdade dos destinos humanos constitui terrível paradoxo.

O homem, criatura suprema, a única que colabora diretamente com Deus, porque, dotada de razão e de imaginação criadora, pôde modificar a fisionomia do planeta, construindo esplêndida civilização, sente-se, apesar disso, à margem da justiça divina, perplexo com a diversidade dos destinos e com os enigmas de sua própria sorte. E, em face da incompreensível indiferença do Criador pela felicidade do gênero humano, não encontra, racionalmente, sentido moral para a vida.

Daí o ceticismo e o misticismo que bipartem a humanidade em campos antagônicos. Porque, para os que se orientam pela razão, não há possibilidade de conciliação entre a maravilhosa sabedoria que rege a fenomenologia do mundo físico e a revoltante injustiça que prevalece no mundo moral. Conseqüentemente, negam Deus e endeusam a natureza! São ateus porque não podem conceber um Criador indiferente aos destinos das próprias criaturas — um Criador sem senso de justiça! Os outros, os místicos, movidos pelo coração, angustiados

com o próprio destino e apavorados com a morte, refugiam-se, irrefletidamente, na fé cega de crenças irracionais, abroqueladas por dogmas absurdos tidos como impenetráveis. Não buscam a verdade, não raciocinam, não analisam as contradições das crenças que se lhes inculcam: desejam, apenas, um antídoto para suas frustrações e temores; e, não raro, perdão para seus crimes e lenitivos para seus remorsos! Não amam a Deus — temem-No como a um senhor, poderoso e arbitrário, que, para faltas ocasionais, decreta sofrimentos eternos!

Ora, dessa antagonica e dramática incompreensão do destino humano e da finalidade da vida terrena, eclodiram as mais diversas especulações metafísicas, as mais díspares concepções filosóficas, que, no turbulento ciclo de nossa civilização, orientaram — ou desorientaram — os seres humanos. E, hoje, quando a “explosão científica” da tecnologia armou o homem de imenso poder destruidor, urge, mais do que nunca, a prevalência duma doutrina filosófico-religiosa que retifique os conceitos sobre Deus e demonstre, na trágica diversidade dos destinos, um imperativo de justiça a conduzir o homem à perfeição e, com a perfeição, à felicidade definitiva.

Não será, pois, no materialismo de Marx e de Engels, nem nas diferentes correntes existencialistas, com prólogo no “desespero” de Kierkegaard — desespero que quase o leva ao suicídio — e epílogo na “náusea” niilista de Sartre que o “desesperado” mundo atual poderá encontrar o roteiro salvador. Muito menos na Teologia Radical, que, inspirada na paranoia de Nietzsche, proclamou a “morte” de Deus e tenta, agora, construir um “cristianismo ateu”, rumando para o comunismo materialista!

Não será, tão pouco, com os falsos ouropéis de fascinantes ideologias políticas que se logrará modificar o curso dramático de ameaçadora hecatombe mundial, de conseqüências imprevisíveis para o futuro da humanidade.

Diante do espírito de rebeldia iconoclasta contra todos os velhos ídolos, com subversão total de valores e contaminação de toda uma juventude, desorientada por falta de uma filosofia de vida otimista, que transmita ao jovem o idealismo e o entusiasmo necessários à construção de um mundo melhor, o problema dos problemas não é a ideologia, nem a forma de Governo — é a transformação dos sentimentos dos homens, tornando-os moralmente melhores. Com homens bons, o mundo será, evidentemente, muito melhor, com tácita coexistência pacífica entre todas as nações e autêntica confraternização mundial. Ao invés da rivalidade bestial e das guerras crudelíssimas, a paz e o amor fraterno felicitando e unindo todas as criaturas de Deus!

Contudo, para que o homem se transforme, purificando seus sentimentos, é imprescindível que reconheça em seu Criador melhores sentimentos e mais apurado senso de justiça. Um Deus todo-poderoso, mas faccioso e, até, cruel, não é Deus — é monstro!

Ora, se o Criador é um monstro de tão injusto em relação às próprias criaturas, que obrigação tem o homem de aperfeiçoar-se?

Não; urge a modificação dos conceitos concernentes ao Criador da Vida mediante melhor compreensão da justiça divina, conforme nô-lo revela o Neo-espiritismo, com o qual Deus se nos manifesta verdadeiramente sábio, justo e bom.

Com efeito, com a demonstração positiva da lei de reencarnação, regida por sábia causalidade moral, ao arrepio da “predestinação” e da salvação pela “graça divina”, predestinação e salvação que comprometem, irremediavelmente, o Criador, o Neo-espiritismo exalta os excelsos atributos de Deus e, com isso, contribui para incrementar no Espírito do homem o desejo de corrigenda.

De fato, com os esclarecimentos aduzidos pelo Neo-espiritismo, embora Deus perca hipotéticos atributos, que infundem temor, e adquira, ao contrário, qualidades que nos despertam veneração e amor, o homem se sente muito mais responsável por seu destino, vendo-se na posição de arquiteto da própria felicidade.

Realmente, em face dos ensinamentos ministrados pelos Espíritos que transmitiram a Doutrina Neo-espírita, não há a mínima arbitrariedade no destino humano: aqui ou no Além, cada qual colhe o fruto da árvore que plantou; e, no mecanismo da reencarnação, cada um traz o destino que merece.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico